

RESISTENCIA

N.º 35

COIMBRA — Quinta feira, 20 de junho de 1895

1.º ANNO

O caso do dia

Conseguiram impressionar a opinião publica, sendo assumpto forçado dos mais variados commentarios e acerbas criticas, os artigos editoriaes dos ultimos numeros do *Correio da Noite*, orgão official do chefe do partido progressista. Diz-se que esses artigos tornaram patente que o partido progressista tomara uma nova orientação, renegando affirmações que fizera e penitenciando-se de factos que praticara para se approximar do rei e do seu governo favorito.

E causou grande abalo esta incoherencia, que para muitos foi uma surpresa. Não o foi para nós, que de ha muito vinhamos notando o dubio proceder do partido progressista.

Tendo registado as declarações feitas nos orgãos mais auctorizados d'esse partido acerca das responsabilidades do chefe do Estado nos successivos e gravissimos attentados contra a constituição praticados pelo actual governo; tendo referido as arguições que os membros mais graduados do partido fizeram ao proprio rei de que havia trahido um solemne juramento; tendo relatado o modo por que o desconsideraram não cumprindo deveres de official cortezia, — nunca vimos n'esses factos a affirmação d'uma attitudie enérgica do partido progressista que o levasse, sem transigencias nem tergiversações, a impôr ao rei o rigoroso cumprimento dos seus deveres.

E nunca vimos isso, porque, a par da declaração de que o partido acima de tudo presava os principios liberaes e d'envolta com vehementis censuras ao rei, apparecia a affirmação de que lutaría sempre e acima de tudo pela manutenção das instituições. De ha muito notavamos esta incoherencia, que nunca deixámos de pôr em relevo e criticar.

Vendo na manutenção d'uma das instituições fundamentais do actual regimen politico uma permanente causa da successiva suppressão das garantias que a lei fundamental confere aos cidadãos, não podiamos collocar-nos ao lado d'um partido que, em contradicção com os principios liberaes por elle mesmo formulados, declarava defender em primeiro logar quem, tendo como função principal evitar que ellas fossem infringidas, as atraiçoa. Lenge d'isso, o nosso dever era combater-o.

Como republicanos não nos cumpre criticar só os actos do governo, não pôde animar-nos só o desejo de derubar ministerios; cumpre-nos acompanhar em suas manifestações de caracter publico os partidos monarchicos e apreciar-os sem exaggerados exclusivismos mas tambem sem contemplações.

Os partidos devem viver da opinião publica, e, se a não elucidarmos devidamente sobre o roteiro seguido pelos partidos monarchicos sempre que estejam na opposição, se os apoiarmos ou nos mostrarmos indifferentes, comprometteremos a propria causa que defendemos, permitindo que obtenham armas com que mais tarde nos hão de combater.

É este o principio a que temos obedecido e será elle que continuará a dirigir os nossos passos.

Continuaremos a criticar com a energia de que somos capazes esse governo que dispõe da força publica para assassinar as garantias constitucionaes, que lhe cumpria defender; e nunca deixaremos de pôr em relevo as

incoherencias do partido progressista e as habilidades de quaesquer politicos que por meios indignos pretendam obter o poder.

Procedendo assim, não defendemos o governo; mostramos ao paiz a confiança que lhe podem merecer partidos que, não respeitando os principios da honra e da dignidade, em vez de seguirem desassombadamente um caminho de antemão traçado, avançam, recuam e mettem-se por atalhos no unico intuito de conquistarem mais rapidamente o poder. Consigam embora ver realisadas as suas aspirações, mas que nunca se diga que cooperamos para isso.

Não nos prenda só o presente, attendamos tambem ao futuro.

×

Dada mais uma incoherencia do partido progressista, não vemos motivo para surpresas nem para o alarma que causou.

Declara o *Correio da Noite* que tem consideração pelo rei e pela familia real, e estranha-se que o faça, porque ainda ha pouco lhe chamava vil. Mas isso não é nova orientação; é mais uma incoherencia, uma desastrada e inhabil contradicção para adicionar a muitas outras que o têm desacreditado.

Sentindo-se impotente para levantar a opinião publica com rhetoricas declamações, vendo que a não moviam os seus protestos, exaggerados monarchicamente falando, de amor pelos principios liberaes, faz uma profissão de fé monarchica, de dedicação pelo sr. D. Carlos.

Se o partido aspira ao poder, sejam quaes forem os meios, não podemos deixar de declarar, dada a sua actual situação, que é o caminho que tem a seguir. Ha de ser bem sucedido, mas não tenha exaggeradas precipitações.

A final o rei ha de ceder, mesmo que não esteja illudido. Se fizer penitencia dos peccados que tem commettido prégando doutrinas subversivas, se se humilhar e não mais se mostrar altivo não só aconselhando mas censurando o rei; se levantar vivas ao rei em vez de os erguer a liberdade, esteja certo que a clemencia regia ser-lhe-á propicia. Amanhã dirigirá os destinos do paiz.

E então não se importe que as *Novidades* lhe façam troça, e não o incommode que o *Reporter* lhe enderece a expressão da sua condolencia, e que com um *ainda bem* celebre a sua leveza e imprevidencia sem nome «que deixaram desalentada e attonita toda a gente e foram de certo o golpe de misericordia na attribulada vida do partido».

Não se importe com isso; prosiga! E aos que disserem que não foi coerente, nem honrado, nem digno nos seus processos d'opposiçáo, poderá responder que a dignidade, a honradez, as nobres tradições são palavras aproveitaveis para artigos de fundo e para comicios.

Mas a verdade é que, perante as affirmações categoricas feitas no numero do *Correio da Noite*, chegado hontem, não pôde deixar de reconhecer-se que são exaggeradas as apreciações feitas pela imprensa governamental acerca da nova orientação do partido progressista. N'esse artigo, que não podemos deixar de reconhecer que revela uma hombridade digna de elogio, declara-se que o partido progressista não acceitará o poder das mãos do actual governo e que este tem praticado os attentados con-

tra a constituição com pleno assentimento do chefe do Estado.

Será esse artigo a expressão rigorosa das idéas que animam os dirigentes do partido e terão elles a força sufficiente para as levar por deante?

Nós cá estamos para applaudir ou censurar com o mesmo desassombro com que o temos feito até agora.

Dr. Fernandes Costa

Fez ante-hontem acto do 5.º anno juridico este nosso querido amigo e estylista vernaculo, que mais uma vez revelou quanto é brilhante o seu talento.

A elle e a todos os seus as mais vivas felicitações.

Fallando do centenario de Santo Antonio, diz muito sensatamente o nosso querido e illustrado collega do *Coimbricense*, o seguinte:

«O que, porém, não pôde deixar de chamar a attenção de todos os homens sinceramente liberaes é ver, como agora em Lisboa os altos influentes das festas se servem d'ellas para promover a propaganda jesuitica.

Tudo n'essas festas tem sido moldado no proposito de fomentar a reacção.

Se as classes populares entram n'essas festas é principalmente com o fim de se divertirem e promoverem os interesses locais; mas os grandes promotores das festas de Lisboa querem, mais do que tudo, utilizar-se d'ellas como meio para o conseguimento dos seus conhecidos planos.

Observem-se as entrelinhas dos programmas das actuaes festas, e facilmente se verá o intuito que certa gente leve na sua organização. Se de uma parte ha sinceridade, d'outra ha um calculado proposito.

—Repetimos: nada tinhamos com as festas na sua simplicidade; mas temol-o com a especulação jesuitica que d'essas festas se quiz fazer.

Contra esses manejos é que cumpre protestar.

Por todas as formas se estão manifestando os tramas que se preparam em todo o paiz para a restauração do obscurantismo.

O povo, que não percebe esses manejos deixa-se cair na rede.

Pois no caso de se não acutefar, quando lhe quizer dar remedio já não ha de poder.»

Não pôde ser outro realmente o intuito que anima a grande maioria dos *fieis devotos* de Santo Antonio senão o d'uma torpe especulação jesuitica. E para ella dispênde o governo grossas quantias!

Mas não admira, porque tem nos jesuitas um poderoso auxiliar.

Alguem quer ver no incendio da camara dos deputados um estratagemá do governo para não reunir as côrtes.

Não pega. Que em Lisboa ha duas praças de touros... e no inverno não ha touradas.

Nyassa

Foram attribuidas pela imprensa da opposição tanto monarchica como republicana as mais graves responsabilidades ao governo nas vergonhosas immoralidades praticadas pela administração da companhia do Nyassa. Baseada na carta que publicou o sr. Pedro Victor, accusou-o de não haver procedido contra a administração da companhia em tempo devido, fazendo-o só quando divergencias que se levantaram entre diversos grupos d'accionistas o forçaram a isso.

E todavia a imprensa governamental não tem escripto uma só palavra a este respeito. Não defende o governo nem atacou o sr. Pedro Victor.

Porque será? Esperará o governo por esse meio que o esquecimento o deixe impune? Talvez. Mas temos a convicção de que se illude e de que, quando se produzir a derrocada, se hão de ajustar contas.

Por melos legais evidenciado está que nada se pôde conseguir.

Para crucificar o justo

O illustrado auctor da *Revista Politica* do conceituado jornal *O Commercio do Porto*, criticando com finissima ironia o accordo que se dizia celebrado entre o governo e o partido progressista, termina assim:

«E, como d'essa boa intelligencia partidaria faziamos depender a estabilidade do bem publico e a defesa dos mais sérios interesses do paiz, avultam os motivos para as nossas congratulações, e depois de saudarmos os partidos pela boa harmonia em que se decidiram a entrar, saudamos o paiz inteiro pelas boas fortunas que de tal concordancia lhe hão de advir.

«Estamos em pleno centenario do nosso santo mais popular; nas ruas passam violas langendo e ouvimos descantes que menos interrompem o fio ao discurso, e a que prestamos attenção, quasi sem querer. Os descantes dizem:

Eram Pilatos e Herodes
Ambos velhos inimigos;
Quizeram perder o Justo,
Fizeram-se bons amigos.

Devemos todos dizer:
«O Pai do Ceu nos acuda,
Quando Herodes ou Pilatos
Um ao outro peça ajuda.»

«Que despropósito! E para ouvir isto nos interrompemos! Felizmente que nada tem que ver com as nossas reflexões a ideia que de Pilatos e de Herodes, e das reconciliações de ambos, faz, nos seus espirituosos descantes, o anonymo cantor da rua!»

Realmente nada podem ter com a politica esses descantes do anonymo! Quem comparará os partidos progressista e regenerador a Pilatos e a Herodes e o pobre paiz a Christo?!

Até nos parece, caro collega, que, caso elles se tenham tornado bons amigos, temos o paiz salvo... lá na vida eterna.

Tem direito a bemaventurança quem tem soffrido tanto e com tanta resignação.

Porque bemaventurados são os pobres d'espirito!
Disse-o o Justo.

No incendio da camara dos deputados ardeu o retrato do sr. D. Carlos. Aqui está o que se chama o verdadeiro fogo do entusiasmo monarchico. Nem os vivas do «honrado Adriano Anthero» abrazariam tanto o nosso bom D. Joãozinho VI.

Diz o jornal *O Nordeste* que actualmente ha tres partidos, o republicano, o regenerador e o progressista, e que só ha um a seguir—o progressista, porque é o unico honrado etc., etc.

Pela parte que nos toca, os nossos agradecimentos e mais a declaração de que ha muito tempo temos um grande culto pela honra do partido progressista, do Marianno de Carvalho e do Emygdio Navarro.

João Franco ordena que todos os commendadores e gran-cruzes das ordens de Christo, Aviz e Santiago, assistam á festa do Coração de Jesus. Outro dia ordenou que não faltassem á procissão de S. Jorge.

Continúa pois João Franco a ser parvo, prejudicando os habitantes de Lisboa, pois que mandando os commendadores para as festas de igreja, não ha n'aquella cidade ninguem disponível para engraxar umas botas ou fazer um recado.

Noticiam afflictivamente os jornaes de Lisboa que ardeu por completo o edificio da camara dos deputados, dizendo alguns que não parece accidental a causa do sinistro.

Tambem nos parece. Mas como o unico interessado no incendio é o governo, não achamos mau que a policia, á cautela, vá deitando as unhas ao João Franco.

Bagatellas

A attitudie da imprensa coimbricense, — á parte as folhas de cabeça amorpha—evidencia bem quanto é contrario ao sentimento publico que os haveres artisticos da cidade sejam lançados em caixotes, por esse paiz fóra, aos azares da fortuna, e em serviço de exploração devota e manobras de reacção jesuitica.

Se se tratasse d'uma tentativa séria, organizada sobre bases racionais de estudo, com intuito de resolver os innumeraveis problemas de historia d'arte, que de todos os lados se levantam mysteriosos como esphinges; então perfeitamente d'accordo, porque é pela approximação e pelo confronto d'essas obras que podem ser atingidos resultados uteis.

Cada geração tem o seu modo de ver e de sentir; cada epocha as suas exigencias sumptuarias, de commodidade e de ostentação. E a arte, na sua marcha successiva vae-se transformando, segundo as ideias e os costumes, adoptando novas formas e novos aspectos, sempre na trajetoria da sua indole esthetica.

Com um tão delicado e sympathico programma: colligindo elementos proveitosos, d'onde fossem deduzidas illações seguras e registrados os factos escrupulosa e proficentemente depurados, a empresa seria cheia de interesse, honrosa e fecunda.

Mas no caso presente a exhibição antonina é moralmente uma burla e intellectualmente uma pelintrice de ideias e de senso commun. Um bazar de—*arte sacra*, como dizem os prestimosos da função franciscana!

Agglomeración brilhante de cousas a capricho, sem propositos criticos de elucidación historica de qualquer especie; deixando, quando muito, um catalogo com feitiço de inventario judicial, um pouco menos completo e muito mais pedante.

É o que se tem visto!
O protesto abertamente lavrado por toda a gente séria, que conhece os vergonhosos episodios anteriores, é inteiramente justificado, parta d'onde partir.

O critico d'arte C. Robinson, viajando em Portugal, queixou-se um dia do abandono em que encontrou os quadros de Vizeu. A imprensa da terra abespinhada julgou do seu dever desaffrontar-se grosseiramente, dando-lhe a entender que, na sua qualidade de inglez, nada tinha com o que era nosso. Então Robinson teve uma réplica correcta e enérgica: declarou á imprensa que os objectos d'arte de excepcional valor, embora de facto sejam propriedade legitima d'uma corporação, n'um sentido mais elevado e nobre pertencem ao mundo inteiro!

E a imprensa embatucou!
Quando por 1877 o governo italiano mandou emissarios encarregados de centralisar nos museus capitaes as obras dispensaveis ao culto, que pertenceram a conventos suppressidos espalhados nos recantos das provincias, apesar das cautellas e promessas com que o fez, teve em algumas localidades de empregar a força para tornar efectiva a transferencia.

Não será este precisamente o mesmo caso, mas... não é pequeno perigo tentar a cubiça lisboeta!...

Mal procedem as corporações que na facilidade d'estes emprestimos, tomam sobre si responsabilidades superiores ás suas funções; que chegam a ser estultas, porque ninguem pôde prever até onde chegam, e que até

talvez envolvam uma infracção criminal.

A gerencia administrativa d'uma corporação não tem poderes para praticar actos que exhorbitem a esphera das suas attribuições normaes. E não pôde pela sua dignidade pessoal e collectiva alienar, temporariamente que seja, os haveres que nas suas mãos foram depositados para guardar e defender. As responsabilidades individuaes de qualquer fiador,—conde que seja,—são n'este caso um documento falso e nullo, a agravar a falcatrua, porque esses objectos são artisticamente insubstituíveis e inconvertíveis.

Se um descarrilamento ou um incendio destruisse os objectos cedidos pela junta de parochia de Santa Cruz, por exemplo, admitindo mesmo a hypothese de que fosse acceptavel a indemnização pecuniaria, como é que pagava e quanto pagava o sr. Conde d'Almedina?...

Ficou isso estipulado? em que contrato e com que formalidades legais?... Nenhumas! O sr. Conde diz que responde e não responde nada!...

Oh!... demais s. ex. é d'uma liberalidade principesca! Diante d'um padrão de pesos, historico, de D. Manuel, em circumstancias singulares e tocantes, fez o seu negocio pondo sobre elle a avultada somma de dez mil réis!...

Esta é de ha poucos dias!

A.

Enfão ardeu a camara dos deputados?

Pois sim, mas foi tarde. Os deputados já tinham queimado o paiz!

Enterro de Zorrilla

As 6 horas da tarde de 16 desceu á sepultura o cadaver do illustre chefe republicano.

Para assistir a este acto chegaram a Burgos numerosas commissões representando os centros republicanos de Hespanha.

Antes das 5 horas da tarde uma massa enorme de gente estacionava em frente e nas immedições da casa mortuaria, esperando a sahida do cadaver, deante do qual desfilou respectosamente toda a população de Burgos.

As 5 1/2 sahiu o feretro, pegando ás fitas representantes de todas as classes.

O carro funebre, que ia todo coberto de corças, pôz-se em marcha seguido d'uma longa fila de carros.

Em todas as casas por onde tinha de passar o cortejo havia colgaduras negras; e de muitas casas ahravam flores. As ruas estavam apinhadas de gente.

Era enorme a consternação que se via nos rostos de todos.

Descance em paz o illustre republicano e distincto homem de bem.

A Inglaterra e o Japão

Lord Kimberley recebeu do ministro britânico no Japão um longo despacho, pelo qual se vê que a Inglaterra, continuando na sua orientação politica tradicional, reclama do Japão um porto de mar. E vae pretextando que é para auxiliar o Japão contra a Russia.

Muito altruistas os inglezes.

Partido republicano

Para a commissão municipal republicana de Loanda foram eleitos os seguintes cidadãos:

Dr. Alfredo Troni, bacharel em Direito, agricultor e proprietario; Francisco Antonio de Moraes Leite, pharmaceutico; Custodio José d'Araujo e Sá, negociante; Manuel Teixeira Rodrigues Bastos, negociante; Arsenio Pompilio Pompeu de Carpo, jornalista e proprietario; Antonio Joaquim Pontes, negociante; José Fortunato Saraiva de Pina, pharmaceutico.

Já se acham tambem organisadas as de Benguella e Catumbella, e trata-se da organização de outras na mesma provincia, onde o partido republicano conta valiosissimos elementos.

Curiosissimo!

O sr. dr. Theophilo Braga apresentou na Academia Real das Sciencias, as seguintes

PROPOSTAS

Tendo-se começado a publicar em 1862 o *Corpo diplomatico portuguez*, e até hoje, decorridos trinta e tres annos, apenas se acham impressos dez volumes, sem introduções historicas nem apparatus criticos, que tirem toda a luz contida nos documentos referen-à resistencia dos christãos-novos contra o estabelecimento da inquisição em Portugal e á marcha do concilio de Trento;

E tendo-se gasto com esses dez volumes, de grandes margens brancas e pequena pagina de typo corpo 12, tanto com os directores, paleographos e imprensa, a quantia de

48:674\$000;

Visto que a obra vae sem plano e se prolonga indefinidamente com prejuizo de outros trabalhos academicos: Requeiro que seja nomeada uma commissão para verificar se isto é assim, para determinar um plano da colleção, ou, se for conveniente, publicar outras relações diplomaticas, ou dar por finda tal commissão subsidiada tão esterilmente.—14 de junho de 1895.—Theophilo Braga.

Constando que o tomo XI do *Corpo diplomatico portuguez* entrou em composição em dezembro de 1891 e até hoje tem apenas impressas 124 paginas de copias de hulas, que até ao proximo dezembro já tem custado

4:712\$000!

e isto sem contar a composição, o papel e a impressão, e regulando o numero médio de paginas dos volumes do *Corpo diplomatico* por 524 paginas, já se poderá calcular, sem grande erro, que este volume virá a custar

18:848\$000:

Requeiro que a academia, pelo seu conselho administrativo, faça um regulamento para publicações ou obras subsidiadas, determinando o periodo em que devam apparecer impressas, se é que não foi adoptado o trabalho por tarefa, como é do interesse e dignidade da academia que elle o seja.—14 de junho de 1895.—Theophilo Braga.

REQUERIMENTO

Tendo fallecido os dois sabios academicos que successivamente estiveram encarregados e eram subsidiados para escreverem a obra intitulada *Historia dos descobrimentos marítimos dos portuguezes*, com a qual a academia tem gasto, desde 1877 até hoje, 1895, a quantia de

17:638\$360!

E como nenhuma carta litteraria ácerca da realisação d'esta obra tenha sido apresentada á academia; e, a titulo de *collaborador da Historia dos descobrimentos marítimos dos portuguezes*, já tem o sr. academico correspondente Consiglieri Pedroso recebido, pela folha dos vencimentos da academia, perto de 4:000\$000 réis (á razão 20\$830 réis mensaes), durante o periodo referido;

Requeiro que o sr. Consiglieri Pedroso apresente a esta academia um relatório sobre os trabalhos litterarios que haja realisado, como *collaborador da Historia dos descobrimentos marítimos dos portuguezes*, junto dos fallecidos academicos Andrade Corvo e Pinheiro Chagas.—14 de junho de 1895.—Theophilo Braga.

Esperaremos pelo resultado e faremos os commentarios devidos.

João Franco, ao dizerem-lhe que ardeu a camara dos deputados:—«Que diabo, foi muito cedo, assim não serve de desculpa para se adiar a abertura das côrtes. Ha tempo de reconstruir o barracão...»

A commissão dos monumentos nacionaes reclamou, perante o sr. ministro das obras publicas, contra o entalpeamento do pedestal da estatua de D. José por uma barraca de arraial.

Notas d'um azedo

VI

VIII—Um livro—Aqui está um livro, velho d'um anno, 1) desconhecido, quasi, portas a dentro do proprio exercito, desconhecido, por completo, afóra das casernas, do grosso publico dado a leituras amenas de patifarias gradas, de apontamentos mausculos, e que, como depoimento franco, expontaneo, d'um homem do *métier*, algo atacado de militarite do uniforme, tem para nós, os leigos pagantes, o duplo valor d'um tira-teimas forte, concludente, d'uma confirmação plena, categorica, da velha convicção, profunda, muito arreigada, das desvantagens absolutas—senão inutilidade completa—d'esse bijousinho perliquitete do exercito portuguez, ora posto na baila, cantarolado nas gazetas, mercê do mavortico ripanço com que o Festas nos vae escamoteando, para o seu brilhantismo, o melhor de seis mil contos—pitanças e frescatas exclusas.

Prosa rapida, convincente, sem technismos de embatucar, sem torcicollos de pretenciosismo ridiculo, corta fundo e direito, na logica rectilinea dos espiritos chãos, intelligentes, a escabrosidade arida do assumpto especia- lissimo que debate, sem hesitações, sem contumelias, nus e crus, na sua verdade sangrenta, aponta pôdres, der- ranca, põe em maus lençoes, fracassos que enchameiam pela organização actual, estúpida, esbanjadora, irracional e dispendiosa.

Vá de transcrever trechos:

«A organização da nossa infantaria, a principal arma de combate, está longe de satisfazer ao seu fim. Temos um simulacro de exercito permanente, gastamos com elle sommas bastante grandes em relação ao seu effectivo, a instrução não é proficua, e roubamos ao paiz um grande numero de braços, que no exercito pouco produzem, sem, contudo, o aliviarmos do pesado encargo, chamado *tributo de sangue*...»

«Temos, não o ignoram, mesmo os que mais affastados andam dos assumptos militares, uma instituição, mixto de exercito e policia, que serve, pouco mais, do que para com ella se dispenderem alguns milhares de contos de réis, que o paiz olha como improductiva, não obstante, d'entre os seus membros, haver numerosas partes que poderiam prestar relevantes serviços, mas que se esterilizam na vida imbecil do quartel, ou se delinham em marchas para eleições, feiras e arraiaes...»

«São chamados annualmente aos regimentos meia dúzia de mancebos, geralmente desprezados, a receberem instrução, sem uniformidade e sem a indispensavel orientação, cercado ainda este numero pelas exigencias politicas da localidade.

«Este simulacro de exercito permanente, ou antes o exercito-policia que tem Portugal, não pôde desempenhar a nobre missão do soldado, nem ser policia; para soldado é pequeno e não adquire a instrução indispensavel; para policia não tem organização, nem recebe instrução apropriada. E com elle gastam-se mais de 5:000 contos de réis, dos quaes a nossa infantaria consome 1:100 contos com um effectivo de 20.000 homens, os quaes representam, para entrar em combate, uma força inferior a 15:000 homens sem instrução.

«Os officiaes, pela falta de pessoal com que praticamente se possam instruir, uns, os protegidos, passeiam e frequentam os theatros em Lisboa, outros materializam-se improductivamente n'um labyrintho de leis e papeis, outros ainda, substituido o sino pela corneta, passam vida monastica nas velhas habitações de frades, com bastante trabalho para não se fazer nada, tendo para incutir *arroganho* e *garbo militar* uma banda marcial, escola de assobio aos garotos, *cestral* que ás quintas e domingos, nos passeios publicos, alimenta o fogo sagrado dos namorados, custando apenas ao paiz a pequena verba de 80 contos.»

Falla claro, bem alto, laivos ironicos de longe em longe, troças justiceiras de vez em quando, e, depois d'annotar defeitos, de diagnosticar a doença, traça em linhas geraes, concisas, muito largas, um plano discutível mas aproveitavel, panacéa emoliente que vem adelgaçar o mal, a mingual-o, sem comtudo o debellar d'uma vez, como hão mister todos aquellos que inimigos nados e declarados do militarismo dão ao velho latim que rubrica o folheto *Si vis pacem para bellum* a traducção, um tanto torcida, mas pittoresca, legitima: *Se queres a paz deit- wa-te de guerras.*

1) Apontamentos para a futura organização da Infantaria portugueza no Continente por Alexandre d'Almeida Oliveira, Tenente ajudante d'infanteria 12—1 folheto 32 pag. Guarda. 1894. Preço 200 réis.

Assim, diz o sr. Oliveira:

«A base d'estes apontamentos é dar instrução militar a todos os cidadãos validos, tornar este encargo o menos pesado para elles e para o thesouro, e organizar-se a infantaria em numero capaz de, n'um dado momento, poder resistir a uma invasão, conservando effectivos grandes, sem augmento de despeza para o thesouro.

«A nossa actual infantaria, com os seus 36 regimentos, 72 batalhões e 288 companhias, tendo em effectivo cabos e soldados 18:000, dos quaes, descontando o pessoal indispensavel para conservação e administração, podem ficar 15:000 para entrarem em combate, gasta 1:100 contos.

«O paiz, em media, pôde fornecer annualmente 15:000 mancebos aptos para infantaria, descontados os precisos para as outras armas, o que durante tres annos de effectivo prefaz 45:000, e servindo mais quatro annos em apoio, deduzindo as diferentes baixas, teremos os 100:000 homens d'infanteria em armas, constituindo a 1.ª linha, os quaes são distribuidos por 24 regimentos com 96 batalhões e 384 companhias. Da 1.ª passagem á 2.ª linha, e n'ella servindo cinco annos, como *reforço*, e sete como *reserva*, teremos em segundo exercito de igual força e convenientemente organizado.

«Pelo que poderemos pôr immediatamente 200:000 infantes em armas, instruidos para defender a patria, não acarretando despeza, que não possa ser equilibrada no orçamento como demonstro pelo seguinte quadro com o calculo da despeza para se instruir em annualmente 75:000 homens, e do qual se conclue que, juntado-lhe a verba de 75 contos, teremos orçamento para annualmente se instruirem 100:000 homens de infantaria.

E vae por ali fóra, a demonstrar a sua opinião, friamente, methodicamente, com cifras, com algarismos, sem divagações, sem circumloquios, com uma intelligencia e uma honestidade que, se o não tornam credor das louvaminhas officiaes, lhe dão com tudo o direito á nossa sympathia, ao applauso ao seu trabalho, e, sobre tudo, ao nosso agradecimento á gentileza amavel da sua offerta.

F. V.

Os concursos de conservadores e delegados hão de verificar-se nos dias 15 e 16 do proximo mez de julho.

O canal de Kiel

Em virtude da inauguração do canal do Baltico já se nota uma animação grande no porto de Copenhague. Já na bahia se encontram dois cruzadores americanos, um romeno e o nosso *Vasco da Gama*. O ministro da marinha da Dinamarca offereceu um banquete em honra dos estados maiores d'estes navios. Na terça feira chegou tambem a esta bahia a esquadra austriaca, comandada pelo archiduque Carlos Este- vam, a qual foi recebida com salvas d'artilheria.

Quando, aqui ha dias, escrevemos que o sr. Thomaz Ribeiro, ministro de Portugal no Brazil, respondera com versos ao discurso do deputado que o atacara, no parlamento da republica, houve quem não quizesse acreditar- tam. Ahi vão os versos:

«Que as bellas de Campinas sem primor Traitei, quando ao notar tanta beldade, Curvando-me ante a sua castidade Quiz n'ellas escolher — Deusa d'amor!»

«Chamar Deusa do amor—offende algem? Este agravo é loucura ou zombaria?! —Deusa do amor—és tu, Virgem Maria! Deusa do meu amor foi minha mãe!»

Esta versalhada escreveu-a o sr. Thomaz Ribeiro, porque o deputado Erico Coelho o aggredu porque elle n'um poemeto mediocre, como tudo quanto escreve, disse insolencias varias á republica, disse injurias á mistura acerca das mulheres de Campinas. Agora o poeta de Gonta replica em verso, invocando em seu favor a Virgem Maria.

Se o sr. Barros Gomes se tem lembrado de responder com um soneto ao *ultimatum* de Salisbury, a Inglaterra tinha decerto acolhido as garras.

Não se lembrou, mas o sr. Thomaz Ribeiro, escriptor de cujos poemas resta hoje memoria nos versos que se encontram embrolhados nos rebuçados d'ovos, descobriu a verdadeira formula da alta diplomacia.

O *Seculo*, d'onde transcrevemos as duas quadras phantasticas que hão de consagrar a memoria d'este paiz nos fastos da hilaridade, elogia o rasgo do poeta!

Decididamente, está-se tornando necessario que algem escreva alguma coisa em continuação dos *Burros* do José Agostinho.

Carta de Lisboa

17 de junho de 1895.

Emfim! Alguma coisa decente appareceu nas festas de Santo Antonio. É verdade que não vinha no programma. Isso porém pouco importa. O impre- visto no fim de contas é sempre o melhor. Fallo-lhes do incendio na camara dos deputados. Muitas pessoas lamentam o caso; eu, digo-lhes com franqueza, quando me contaram que tinha ardido aquelle barracão, ri ás gargalhadas!

Como explicar o incendio? Se fosse em dia de sessão real comprehendia- se: O cerebro do sr. D. Carlos ao ler o discurso da corça teria feito explo- são e as labaredas do seu genio lam- bido a barraca de feira. Mas agora, sem funcionar!

Decerto alguma ponta de cigarro, deitada fóra pelos operarios que lá trabalhavam, cahiu na palha que estava de reserva para o Sergio, e aquil- lo ardeu mais depressa que o juizo de todos os legisladores que n'aquelle templo da estupidez nacional tem asneado a tres mil réis diarios, com applauso do paiz.

Emfim ardeu Troya. Foi um incendio tão voraz que até o proprio Marquez de Vallada disse ao Carlos Lobo d'Avila:—*Que lindos olhos tem o mocho!*

×

Passado este alegre caso, vamos a um episodio triste e que devia ser cantado na toada funebre do *Noivado do Sepulchro*. Refiro-me ao facto de terem os filhos de Passos voltado ao redil das Necessidades, levados pelo cajado do Navarro e atrahidos pelas variações da frauta pastoril do Carlos Lobo d'Avila.

Claro que, se o facto é de tristeza para uns, a mim só me dá satisfação e creio mesmo que ahi e no Porto o sentimento pela fuga dos progressis- tas deve ser tanto como o meu pelo incendio na camara dos deputados.

Poderia agora fazer considerações varias sobre o assumpto; mas para quê? Para me chamarem indisciplina- do? Demais que remedeio eu em dizer que *sempre, sempre*, condemnei a colligação liberal? Conheço bem a historia do partido progressista e tenho muito amor ás minhas convicções politicas e á minha honestidade pes- soal, para que transija com os monar- chicos, sejam elles quem forem. As- sim fiz.

De resto, como republicano, como revolucionario, e principalmente n'este momento historico e n'este paiz, não comprehendo como algem possa li- gar-se com criminosos confessos de lesa-patria, nossos perseguidores e *sempre*, antes de mais nada, nossos inimigos. Para que se ligaram com os progressistas alguns republicanos? Para restabelecer a Carta Constitucio- nal! A Carta que eu não quero, por- que não quero a monarchia que ella garante? Para deitar abaixo o gover- no? Mas eu quero deitar abaixo a mo- narchia!

Para que foi, afinal, tanto tempo perdido em Lisboa? Ainda bem que no Porto e em Coimbra se tem pre- occupado com a sorte do partido re- publicano, ainda bem que eu posso dar um grande abraço em todos os redactores da *Resistencia*, porque o nosso jornal, foi, como o *Intransigente* do nosso querido Brito Camacho, aquelle que em todos os acontecimen- tos politicos dos ultimos tempos se- guiu o seu caminho com mais firmeza e com mais coherencia. Ainda bem.

Chamar-nos-hão talvez indisciplina- dos. Dirão que, como damos para a direita e para a esquerda, não agrada- mos a nenhum grupo monarchico. Mas isso que importa, se nós somos republicanos e temos que pensar uni- camente como manda a mais mediana illustração e a mais rudimentar digni- dade?

Emfim... Eu nem quero dizer-lhes o nojo que

tem causado a toda a gente decente a evolução dos progressistas. Até os jornais do governo dos bandidos, apesar dos applausos dados aos filhos de Passos, revelam aqui e ali o seu desprezo por mais esta vergonha do partido progressista.

Lá se entendem.
X

A Vanguarda já ataca sem contemplações o partido progressista. Muito bem! E muito melhor ainda quando se convencer de que os progressistas da provincia, em que parece acreditar, são, muitos d'elles, tão bons como os de Lisboa ou peores talvez.

O Dia tem esperanças em que se não rompa a colligação liberal. Comprehendemos as boas intenções do Dia, mas quer-nos parecer que nada conseguirá.

O que eu teria ainda para dizer! Mas vamos a ver se arde a camara dos pares, para haver alguma distração no meio d'esta samsaboria.

Jocelli.

Terminou a greve dos tecelões no Porto. A grande maioria dos industriaes comprometteu-se a elevar o preço da mão d'obra, e, em virtude d'esse compromisso, quasi todos os grévistas voltaram ao trabalho.

Houve um pequeno numero de industriaes que não concordaram n'esse augmento e, relativamente a esses, persiste a greve, sendo os operarios que trabalhavam por conta d'elles soccorridos pelos seus companheiros.

Quarentenas

Foi nomeada uma comissão constituida pelos srs. drs. Sousa Martins, Silva Amado e Guilherme Ennes para ver quaes as modificações que devem introduzir-se no regimen quarentenario.

A respeito dos trabalhos d'essa comissão, diz o nosso presado collega A Vanguarda:

«Consta que n'essa comissão, nomeada pela junta de saude, predomina o pensamento de libertar os passageiros de incommodos inuteis, continuando, todavia, a ser feita a desinfecção das suas bagagens.

«Aguardamos com ansiedade o resultado dos trabalhos da comissão e da junta, pois que este é um dos assumptos que mais urgentemente reclama a adopção de medidas que salvem os interesses compromettidos pelo actual regimen quarentenario.

«E' indispensavel quanto antes livrar o paiz da vergonha que está soffrendo por causa do monstruoso regulamento de sanidade maritima e que se evitem os prejuizos enormes que tal regimen está causando.

«Não ha circumstancia alguma que justifique os exageros d'esse regulamento, que não encontram nada igual em nenhum outro porto da Europa e que afastam do nosso paiz todos os annos milhares e milhares de viajantes, que, se não fosse aquella vergonha do Lazareto, aqui desembarcariam.

«Não basta, porem, libertar os passageiros de quarentenas disparatadas. E' preciso que a desinfecção das bagagens seja feita com toda a rapidez, e por forma que os passageiros não tenham de fazer successivas e fatigantes viagens para o Lazareto, e que o serviço da fiscalização aduaneira passe a ter por base regras de educação e de tolerancia que até aqui não tem tido.

«Um dos bons serviços que ao paiz se pôde prestar, consiste em tornar a nossa cidade de Lisboa tão accessivel como o são os portos francezes, inglezes, allemães, etc., e para isso é preciso transformar radicalmente os serviços da fiscalização sanitaria maritima e da fiscalização aduaneira.

«Tudo o que se fizer n'este sentido merecerá, pois, o nosso mais completo applauso.

«E' tambem indispensavel rasgar o monstruoso decreto que um governo de ineptos, o governo actual, publicou ha pouco, estabelecendo um inadmissivel regimen de passaportes, que não chegou a ter applicação, mas que, enquanto não for revogado, poderá fazer suppôr ao estrangeiro que Portugal é um paiz do qual governantes imbecis pretendem afastar os viajantes que todas as nações procuram atrahir.»

Em conselho de ministros, effectuado no dia 18 do corrente, tractou o governo da reconstrucção da camara dos deputados. Parece-me que não deve promover essa reconstrucção com grande urgencia. Até lhe convirá talvez, allegando motivos mais ou menos plausiveis, il-a adiando, para não se ver obrigado a entrar n'uma comedia que, por mais de um motivo, ha de incommodar auctor e actores.

Tem havido em França manifestações de protesto contra a participação da França nas festas de Kiel. Domingo ultimo reuniram-se na praça da Concordia, em Paris, alguns manifestantes, que se limitaram a depôr corôas sobre a estatua de Strasburgo.

O que causou, porém, maior impressão foi o ter a camara municipal de Toulon resolvido arvorar a bandeira a meia haste como protesto contra a ida de vasos de guerra francezes ás festas

Bismarck doente

Noticiam de Friedrichshube que Bismarck cahiu doente com uma bronchite, o que, attendendo á idade avançada do ex-chancellor, não deixa de ter gravidade.

Instrucção secundaria

Nas medidas decretadas pelo governo sobre os compendios de instrucção secundaria ha taes imprevidencias e desconchavos, que não podemos deixar de apreciar devidamente para pôr em relevo o modo por que se trata de um assumpto que tão directamente interessa ao desenvolvimento do paiz. Começaremos hoje, notando que, ao mesmo tempo que se trata, segundo nos noticiam de Lisboa, da reforma dos programmas de instrucção secundaria, a comissão nomeada pelo governo para a approvação dos compendios tem de dirigir-se pelos programmas actuaes.

viam-se mulheres vestidas de branco, com os olhos vermelhos de chorar, homens com as mãos ligadas atraz das costas, levantando a cabeça n'um movimento supremo de desafio.

A multidão que corria á passagem da carruagem, os vestidos de cores vivas, as taboletas que ornavam as fachadas, as bandeirolas que fluctuavam nas varandas, tudo isto lhe tinha ficado impresso na memoria, tudo via agora com a nitidez dos detalhes e a impressão do conjunto.

Assim, a morte era um espectáculo que cada um ia representando por sua vez perante os outros, e — amanhã talvez — ella representaria o seu papel n'esta tragedia que já vira outra vez, quando ia comprar flores á Ponte Nova, ou a algum rendez-vous amoroso!... Seccaram-se as lagrimas d'esta formosa mulher; os olhos tornaram-se brilhantes; os dedos tinham um tremor nervoso.

Passava do estado febril á prostração. Mas, n'esse momento, dous nomes lhe acudiram aos labios: o de Henrique, tão bom, tão meigo, tão dedicado; e o da pequena Jenny, tão gentil, tão cheia de recursos e tão corajosa. —Elles me salvarão! disse Jane. E pôz-se á escuta. A porta abriu-se. O porteiro gritou:

Não acreditam? Nós tambem não acreditaríamos se não houvesse tantos factos para attestar a incapacidade do actual governo e das celeberrimas individualidades que o rodeiam.

Estão actualmente em Kiel 80 navios de guerra, representando 363:001 toneladas assim repartidas: America, 21:580; Dinamarca, 2:580; Alemanha, 112:683; loglaterra, 78:550; França, 18:731; Italia, 58:722; Paizes Baixos, 4:575; Noruega, 1:693; Austria Hungria, 13:894; Portugal; 2:422; Rumania. 1:670; Russia, 20:972; Suecia, 6:980; Hespanha, 17:964 e Turquia, 1:075.

Esteve n'esta cidade, de passagem para Alcobaca, uma forca de cavallari a 9 que vinha das grandes manobras de Fornos de Algodres.

Diplomas

Estão sendo distribuidos pelos irmãos da Santa Casa da Misericordia os diplomas da sua admissão. O desenho d'esses diplomas, que tantos elogios tem merecido, é do nosso querido amigo e talentoso collega A. Augusto Gonçalves.

Consta-nos que n'um café da alta, quasi sob as vistas do bom Brotero e sob a vigilancia do martyr S. Sebastião, se abriu banca e joga desenfreadamente a batota.

Não fazemos commentarios. O sr. commissario que pense n'isto, que proceda como de justiça e nós cá estamos para lhe applaudir a dispersão dos batoteiros. Disperse sr. commissario!

O temporal de ante-hontem damnificou a linha do caminho de ferro da Beira fazendo desabar uma trincheira na extensão de um kilometro entre as estações de Rodam e Sarnadas.

Festa da Rainha Santa

A mesa da Real Confraria da Rainha Santa Izabel deliberou este anno fazer no dia 7 do proximo mez de julho, a festividade á Rainha Santa Izabel, na igreja do Real Mosteiro de Santa Clara, constando de missa solemne a grande instrumental, pelas 11 horas da manhã, com exposição do Santissimo.

De tarde sermão pelo rev. Julio de Carvalho, prior de Tentugal, e em seguida Te-Deum com encerramento do Santissimo.

Desde o dia 4 até 9, estará exposto o primoroso andor de talha dourada com a veneranda imagem da Rainha Santa

No dia 9, haverá a tradicional feira no pateo de Santa Clara.

A mesa envida todos os esforços para que a festa seja condigna da ex-celsa protectora d'esta cidade.

—Cidadã Bernard, ao refeitorio.

—Eu já o sigo! respondeu.

Humedeceu o lenço na bilha que estava aos pés da cama, passou-o sobre os olhos e sobre as fontes, compoz ligeiramente os cabellos; depois, examinando os seus vestidos que a prisão não tinha ainda deteriorado, encheu-se de coragem, e o seu sorriso illuminou a pequena camara escura e nua.

O refeitorio era uma grande sala baixa, de aboboda sustentada por enormes columnas, cujas paredes escuras estavam ericadas de lanças e espingardas. No centro, uma meza de carvalho larga e comprida, sem toalha, estava cheia de talheres de chumbo e copos de estanho, bilhas de barro e pratos de louça azul. Em cada extremidade, pães redondos e negros dentro de cestos. Respirava-se um ar de subterraneo humido, onde mal se via.

Jane fechou os olhos para se habituar a esta meia claridade; quando os abriu, reteve a custo um grito de surpresa.

Sentados em bancos de madeira e escabellos de palha grosseira, viam-se mulheres e homens ricamente vestidos com fatos de seda conforme a moda da epocha. Parecia uma reunião de boa sociedade. As palavras eram delicadas; o tom polido. Alguns passeavam por entre os grupos comprimentando as

Collegio dos Orphãos

Consta-nos que no dia 29 do corrente mez serão expostos ao publico os collegios dos orphaos de S. Gietano, em que a actual administração fez algumas reformas importantes. N'esse mesmo dia far-se-á a distribuição dos premios aos orphaos e orphãs que mais distinctos se tornaram pela sua applicação e comportamento.

Consta que o recebedor d'esta camara vae recorrer da deliberação da camara municipal, em virtude da qual foi posto a concurso o logar de thesoureiro privativo.

Pondo de lado a questão juridica, achamos perfectamente justificavel, attendendo aos interesses do municipio, a deliberação que a camara tomou.

Já foi preso um dos individuos implicados no caso de burla praticado contra os fabricantes de fazendas Estevão Ulbach, successores.

Foram concedidas á junta de parochia da Sé d'esta cidade varias alfaias pertencentes ao extincto convento de Sant'Anna.

Esteve de visita n'esta cidade o nosso amigo sr. Caldas da Cunha, actualmente residente em Abrantes.

Foi promovido a cathedratico o sr. dr. Henrique Teixeira Bastos, lente da Faculdade de Philosophia.

Actos na Universidade

Nos dias 17, 18 e 19 fizeram acto, ficando approvados os seguintes alumnos:

FACULDADE DE DIREITO

1.º anno—Francisco da Costa Pinto, Francisco Eugenio de Mello e Mattos, Francisco Fernandes Duarte, Francisco de Sousa Franco, Gaspar d'Abreu de Lima, Heitor da Cunha Oliveira Martins, João Augusto Vieira d'Araujo e João Ferreira Gomes.

2.º anno—José Hypolito de Sousa Franco, José Joannes Garcia Fialho, José Julio Moreira de Castro, José Manuel Crispiano d'Almeida, José Maria de Magalhães Pinto Ribeiro, José Mauricio Mascarenhas Serrão, José Pessoa Ferrão e José Silvestre Cardoso.

3.º anno—Augusto Luiz Vieira Soares, Augusto de Sousa Maldonado, Bernardo Philippe Peixoto de Vasconcellos, Diogo de Ayet Leote, Elisio Ferreira de Lima e Sousa, Ernesto Augusto Garcia Marques e Evaristo Luiz das Neves Ferreira de Carvalho.

4.º anno—Augusto Cesar Nogueira, Augusto Cesar Ribeiro Lima, Augusto Fernandes Correia, Augusto Francisco de Assis, Augusto Lopes Mendes e Silva, Augusto d'Oliveira Coimbra, Ayres

mulheres quando passavam diante d'ellas. Havia coteries, como no grande mundo.

As velhas nobres, os magistrados, os homens de Estado, conversavam gravemente em uma das extremidades da meza, os novos, os officiaes, fallavam em voz alta, cantolavam cançonetes em tom de dança, ou segredavam com os seus visinhos.

Quatro ou cinco raparigas tinham uma pequena côrte; uma d'ellas passava entre dois cavalheiros precedida por outros que andavam em sentido contrario.

As outras mulheres olhavam n'a com inveja.

Tinham a illusão de quem se achava n'uma sala distincta. Adivinham-se as rivalidades, as futilidades, as pretenções, o espirito, os pequenos nadas! Sobrelevava a tudo o encanto de maneiras e a delicadeza das conversas.

De repente, a maior parte dos que alli se encontravam juntaram-se formando um circulo. A principio, houve silencio; depois, uma cabeça levantava-se acima das outras e abaixava-se, havia applausos e gritos de enthusiasmo, ou murmurios e signaes de silencio, como no theatro.

Jane adiantou-se. Um homem alto, vestido com esme-

Lobo de Sousa Ramos Arnaud e Benjamin Pereira d'Amaral Netto.

5.º anno—Fernando da Cunha e Souto, Fortunato dos Santos Pinto, Francisco Joaquim Fernandes, Francisco José Fernandes Costa, Gaspar Alves Moreira e Guilhermino Augusto de Barros Junior.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

1.ª cadeira—(chimica inorganica)—Fernando Alfonso Leal Gonçalves, Amílcar Augusto Queiroz de Sousa, Francisco Tello Gonçalves, Eugenio Trajano de Bastos Guedes, Luiz d'Oliveira, Manuel Monteiro Arruda, Adalberto Novaes de Carvalho Soares de Medeiros, Antonio da Silva Carvalho e José d'Almeida Rebello.

3.ª cadeira—(Physica 1.ª parte)—Alvaro de Lima Henriques, Carlos Simões Dias de Figueiredo, Fortunato Alfredo Pitta e Antonio José de Sousa.

4.ª cadeira (Botanica)—Fiel da Fonseca Viterbo, João Evangelista Lopes Manita, João Luciano Torres, Agostinho Lopes Coelho, João Luiz Alfonso Vianna e Joaquim d'Assumpção Ferraz Junior.

FACULDADE DE MEDICINA

1.º anno—Thomaz Godinho de Faria e Silva, José Pereira Barata e Francisco Ferreira Almeida Crespo.

2.º anno—José Correia Dias e Manuel Diogo de Sousa Leite Valladares, doutores em Medicina pela faculdade de Paris; José Aureliano de Paiva Pinheiro e José Bento Marino Junior.

3.º anno—Cesar Fernandes Ventura, Diogo Barata Cortez, Francisco Diniz de Carvalho e Gualdim Antonio de Queiroz e Mello.

4.º anno—Ricardo José d'Almeida e Sousa, Accacio Julio Ferreira, Guilherme Henrique de Moura Neves e João Serra e Silva.

Bibliographia

Recebemos o n.º 4 da interessante revista das familias — *Serviços e Sestas* — que se publica semanalmente em Lisboa. Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido e que é todo dedicado a Santo Antonio.

Publicou-se o n.º 11 da *Revista Theatral*, interessante publicação quinzenal de assumptos theatraes cujo summario é o seguinte:

Do Theatro Nacional, por Almeida Garrett. — *Entradas Peril*, por Sever. — *Revista dos Theatros* Salão de S. Carlos: 2.º e 3.º concertos de musica de camara por A. M. — *Bibliotheca Dramatica da Revista Theatral*: *Jucunda*, (com o retrato de Abel Botelho.) — *Questões do Dia* Uma campanha (As companhias estrangeiras) IV com artigos de Jayme de Segueir, Lino d'Assumpção, Garcia de Miranda e Alfredo Gallis. *Correspondencias De Paris*, por Garcia de Miranda. *De Pangim* (India portugueza) por H. P. — *Investigações D. Inez de Castro*, por Silva Pereira — *Tribuna Publica* Uma carta do sr. Baul Bramão. — *Variedades*, Bibliotheca Dramatica: *Jucunda* comedia em 3 actos original de Abel Botelho — Acto I, e II (fl. 1).

Recebemos o n.º 14 da *Revista das Escolas*, semanario que se publica no Porto e de que é proprietario e director o sr. Antonio de Mesquita.

ro, cabeça elegante, labios finos, olhos azues de olhar indefinido, encontrou-se na sua passagem.

—Em que se divertem lá em baixo? perguntou ella.

Elle cortejou, e, vendo uma mulher formosa, offereceu-lhe o braço.

—Com a guilhotina, senhora! respondeu elle sorrindo.

Romperam os applausos. Uma mulher acabava de subir a uma cadeira que representava o cadafalso, sem levantar o vestido a mais de duas polegadas acima dos tornozellos.

—Depois? dizia ella em ar de riso.

—Depois, respondeu uma velha nobre, deveis abster-vos de fallar ao povo; não ha nada de mais mau gosto!

Um dos homens offereceu-lhe a mão para descer; mas ella saltou ligeiramente, com uma graça infinita.

O ruido d'uma matraca annunciou que o jantar estava prestes a chegar.

Uma alentada mulher, de mangas arregaçadas e com um lenço de quadros em volta da cabeça, veio sentar-se ao centro da meza para fazer as honras. Os prisioneiros sentaram-se tambem. A conversa que a principio era geral foi-se restringindo. Fallavam a meia voz para os visinhos.

(Continúa).

Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

VI

A CONCIERGE

Um dia, o cirurgião em chefe approxima-se d'um leito e toma o pulso ao doente.

—Ah! está melhor do que hontem!...

—Sim, cidadão doutor,—respondeu o enfermeiro; está muito melhor, mas já não é o mesmo! O doente de hontem, morreu, e este tomou o seu logar.

Uma vez, Jane, passeando no caes, viu passar a carreta, escoltada por gendarmes, que levava os condemnados da Conciergerie á praça da Revolução.

Era um dia de inverno, pesado e frio. Um nevoeiro exesso fluctuava sobre o Sena. Os parapetos da ponte, as janellas das casas, regorgitavam de espectadores. Um enxame de mulheres, de creanças, precediam e seguiam o cortejo. Gritavam: Viva a Republica! Cantavam o *Cd. Ird* e a *Marsehesa*.

Sobre a carreta, entre a cavallaria, cujos cavallos impelliam a multidão,

AFFONSO COSTA

OS PERITOS NO PROCESSO CRIMINAL

(Legislação portugueza; critica; e reformas)

Preço.... 700 réis

Foi posta á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra esta obra, de que é editor o sr. Manuel d'Almeida Cabral. Este livro é indispensavel aos magistrados, advogados e peritos que tenham de intervir em qualquer processo criminal

Acaba de ser posto á venda nas mesmas livrarias:

A EGREJA E A QUESTÃO SOCIAL

Critica da encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios

Com um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica

Preço.... 1:000 réis

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum. — Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º — Em Coimbra, Drogeria Rodrigues da Silva & C.ª.

A' venda em todas as principais pharmacias e drogerias.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

Annuncio

(2.ª publicação)

No dia 30 do corrente, ás 12 horas, na rua de Ferreira Borges, na casa de residência e do estabelecimento de modas e confecções do fallido Antonio Augusto Coelho, negociante que foi n'esta cidade, hão de ser vendidos em globo todos os objectos de que se compõe o mesmo estabelecimento, e os utensilios a este pertencentes; e em lotes separados os objectos mobiliarios existentes na casa de residência do fallido, e tanto estes como aquelles serão entregues a quem maior lance offerecer além dos preços da respectiva avaliação, constante do processo de falencia que corre seus termos pelo cartorio do escrivão do tribunal do Commercio d'esta cidade, Jssé Lourenço da Costa. Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
Neves e Castro.

ARRENDAR-SE EM CONTA

Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59. Tambem se arrendam os andares separadamente. Mont'arroyo, 103, se trata.

O leilão que teve logar na rua da Mathematica n.º 6, continua no proximo domingo, 23 do corrente, ás 12 horas do dia.

Julião A. d'Almeida & C.ª

20 Rua do Sargento Mór, 24
COIMBRA

Neste antigo estabelecimento cobrem-se de novo guarda-soes com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem tem lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento vendem-se magnificas armações para guarda-soes, o que ha de mais moderno.

Arrenda-se

Do S. João em diante, o 2.º andar e aguas furtadas, de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades. Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

VINHO ANALEPTICO

DE

A. GUERRA

Util nas convalescenças, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo.

Drogeria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

Arrenda-se uma loja do S. João em deante, sita na Praça do Commercio, com os n.ºs de policia 104 e 105.

Para tratar—Rua Ferreira Borges, n.º 110—Coimbra.

Declaração

O abaixo assignado declara para os devidos effeitos ao sr. Eduardo Ferreira dos Santos que, se no prazo de 15 dias não vier buscar as rodas que lhe mandou fazer ha mais de 18 mezes, e acabar de pagar o resto da sua divida, as vende pelo que lhe resta.

Coimbra, 11 de junho de 1895.

Francisco Nogueira Secc.

MANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES arrenda a sua casa, do S. João em diante, ao porto dos Bentos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia.

Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

ALUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

E ESTA?!

Pois a casa LEÃO D'OURO não teimou em querer vender Bicycletas Pneumaticas para passeios e corridas, ultimos modelos de 1895, por menos que qualquer outra casa de Lisboa, Porto ou Coimbra, sendo estas machinas em nada inferiores ás melhores, até hoje conhecidas?!

Parece incrivel, mas ide ver a nova remessa que acaba de receber e acreditareis!

Mas como poderá isto ser?

É porque o proprietario d'aquella casa é o unico concessionario do fabricante em Portugal, com o qual acaba de fazer um contracto vantajosissimo e tambem o unico que actualmente em Coimbra as recebe directamente do estrangeiro; assim como lanternas e campainhas simples e de repetição para as mesmas e que vende por preços excepcionaes.

Estas machinas satisfazem aos mais exigentes velocipedistas, porque além de terem todos os aperfeiçoamentos modernos, são,

Elegantes, solidas, ligeiras e baratas



Casa Leão d'Ouro

117, Rua Ferreira Borges, 121—Coimbra

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de São da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—23

Arrenda-se

Do S. Miguel de 1895, em diante, a casa n.º 1, na rua das Colchas, com frente para o paço do Bispo; bem como, as respectivas lojas. Tem boas commodidades

Para tractar, com Joaquim Augusto Precas Diniz, rua Visconde da Luz, n.º 72—Coimbra.

Vinho verde

Especialidade em vinho verde de Amaranite.

Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA

Rua Martins de Carvalho

COIMBRA

Vinho de mesa

Augusto Luiz Martha vende no seu armazem em Santa Clara, vinho de superior qualidade a que faz preço convidativo e com diretos pagos, em quantidades superiores a 100 litros.

Casa com quintal

Arrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700

Semestre..... 1\$350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM—BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doanca de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Magnificas accommodações

Desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabel-cimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Vlagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as Caldas da Felgueira, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogerias e no Deposito geral—Pharmacia Andrade, Rua do Alecrim, 125.



RESISTENCIA

N.º 36

COIMBRA — Quinta feira, 20 de junho de 1895

1.º ANNO

O GOVERNO

Desse conventículo de immundos e farçolas deixou de fazer caso toda a gente sensata. É uma aggremação de libusteiros, uma turba de pequeninos despotas, que grotescamente vae morrendo de inanição, n'uma pasmação desusada e mesquinha. Perdeu-se noticia do Terreiro do Paço, e, se os nomes dos ministros apparecem ainda nos jornaes, é porque assistem a alguma recita de gala ou tomam parte em qualquer procissão jesuitica.

E, todavia, almas virginaes não invadidas da peste do scepticismo, ou zoidos renitentes capazes de todas as maledicencias inuteis, têm-se entretido a extranhar que os jornaes republicanos não fallem dia a dia dos actos impertinentes do governo. Progressistas a uma banda, catholicos á outra, Santo Antonio a todas, e nada de João Franco ou Carlos d'Avila! E, n'este escorregadio pendente, fallando com tão desgostante acrimonia, alguns mais irritaveis chegam a considerar o immenso partido republicano como encobridor do ministerio de bandidos; que estamos usufruindo ha mais de dois annos, esquecendo-se d'este modo de que o *Seculo* não é um jornal do nosso partido.

Ora, expliquemo-nos.

Certo que o governo não deixa passar um só dia sem que pratique vergonhosos actos dignos da mais aspera censura. Agora as manobras ridiculas de Celorico, em que o general Malaparte tomou um banho forçado n'um riacho mal-cheiroso. Logo a protecção immoralissima aos jesuitas já acobertados pela rainha, por varias pessoas insensatas e ainda por meia duzia de fidalgas tão beatas como corruptas. Em seguida o offerecimento de duzentos contos para as festas reaccionarias em honra de Santo Antonio de Bulhões. Mais a protecção aos syndicateiros da companhia do Nyassa, seus dilectos amigos e defensores, e o apoio ao real idiota de Lourenço Marques, Antonio Lazarista, a cincoenta mil réis diarios. Ainda as veniagas na Academia Real das Sciencias; a incumbencia da elaboração dos compendios de instrucção ao sr. Jayme Moniz; e a organização e distribuição de serviços da commissão revisora dos compendios.

Tudo isso e mil outras providencias desconformes têm servido, e servirão ainda, para fundamento das nossas criticas severas aos actos ministeriaes.

E, entretanto, não temos alçado a figura sinistra do sr. Hintze ou a cara deslavada do sr. Carlos d'Avila para alvo dos nossos ataques. Por esta razão simples: porque, no meio da immoralidade quasi geral, é difficil distinguir o governo, e não vale a pena procural-o nos antros obscuros em que vegeta.

Por tal maneira o ambiente se identificou com os processos immoraes do ministerio, com tanta perfeição se adoptaram as suas manhas e embustes, os seus desperdícios e falcatrinas, as suas corrupções e imbecilidades, que, tendo de discutir uma providencia ou de estilhar uma infamia, somos arrastados a dirigir-nos ao enorme monturo formado pela oligarchia identificada com o throno e com o poder, e a abranger n'ella, sem desejar especifical-o,—com receio da infecção putrida que d'alli se exhala,—o conclave de miseros idiotas perigosos que sobraçam as pastas ministeriaes.

Mais ainda. O que nos preoccupa

vivamente não é a substituição d'este governo por um ministerio de progressistas ou de partidarios de Marianno de Carvalho ou do sr. Dias Ferreira. Todos elles estão provados e, que o não estivessem, a obra da monarchia azul e branca durante sessenta e dois annos bastaria a indicar-nos o que poderiam, á sombra e para serviço d'ella, valer quaesquer ministros, ainda quando, por milagre, bem intencionados. Não é, pois, em busca de uma politica nacional e social por parte d'este ou d'outro governo realengo, que os republicanos caminham e tenazmente lutam. E' mais elevado o seu fim, mais nobre o seu procedimento. Uma politica democratica, em que a liberdade de pensar seja mantida, em que os manejos reaccionarios sejam punidos com alta e indefectivel severidade, em que o resurgimento da patria seja um compromisso d'honra, em que as alianças hybridas sejam repellidas,—eis o que desejamos, eis o que o partido republicano quer. E, para isso, urge principalmente, não bater n'um governo sem valor—mas derrubar uma perigosa monarchia que nos arrasta a todas as ignominias e, que, para supremo desdem, pretende sujeitar-nos, qual leão da fabula, ao coice do burro jesuitico, que agora ergue medrosamente a ignobil cabeça nojentissima, envolta n'um amplo véu negro tecido das mil infamias de cinco seculos!

Contractado por uma folha fluminense, parte para o Brazil o sr. Eugenio da Silveira, redactor do *Seculo*.

O paz arruina-se com estas exportações de genio. Em meos de dois mezes, Thomaz o poeta e Silveira o romancista.

E nem assim melhora o cambio!

Não chega o producto liquido das pessimas e risiveis estampilhas antoninas para a decima parte das enormes despesas feitas com o arrajal da sr.ª D. Amelia de Santo Antonio. Assim o demonstra o palaciano *Popular*, com magua dos crentes e dos velhacos.

E accrescenta, para elucidação dos povos:

«Naturalmente irá tudo fazer companhia ás contas das expedições de Lourenço Marques, e á caixa de aposentações.»

«O Seculo»

Se houvesse necessidade de provar que o patacho da Rua Formosa não é republicano, bastariam as seguintes linhas do seu artigo editorial de 21 do corrente para convencer os mais incrudulos:

«Pois já era tempo de (o governo) abandonar a politica de soalheiro ou de campanario,—pois outra coisa não é a politica dos nossos grandes politicos,—para adoptar uma politica larga e fecunda, que fosse ao mesmo tempo nacional e social.»

Como se vê, o *Seculo* espera que o governo inaugure uma politica nacional e social para uso... dos dois.

Os cobres no seguro

Inaugurando a villa de Santo Antonio, o conde de Burnay, synthese perfeittissima da sociedade capitalistica que nos corrê,—julgo util dizer que, perante o movimento socialista, que se agita, quasi no mundo inteiro, seria grave erro não lhe reconhecer o fundo da justiça que o caracteriza.»

!!!
E chamem-nos exaltados porque advogamos o socialismo—e mettam-nos em ferros d'el-rei porque impugnamos a actual organização da propriedade.

De como o sr. Jayme Moniz precisa ler o *Seculo* para elaborar congruentemente os seus programmas de instrucção, exaltados mirificamente pelo sr. Adolpho Porco Coelho

Frequentemente, os nossos litteratos queixam-se da falta de escriptos vernaculos e bem redigidos para a aprendizagem do portuguez.

Jayme Moniz está elaborando os programmas; e, no seu enaltecido cerebro, ja terá decerto surgido a difficuldade.

Offerecemos-lhe por isso, com applauso de Adolpho Coelho, que tendo compendios de litteratura está arguindo os dos collegas n'este momento critico, os magnificos periodos em que estrebucha um diamantino artigo do *Seculo*, agora chegado ás nossas mãos por obsequioso favor do visinho do lado:

«Os operarios tem direito a serem attendidos nas suas reclamações, e é ao Estado, aos governos, que cumpre melhorar as suas condições, e não obrigar-os a sujeitar-se a caridade dos particulares, caridade que ás vezes não é bem isso, mas sim uma especulação com fins inconfessaveis, que muitos, todavia, atingem, e que traz necessariamente aos seus iniciadores uma corrente de antipathia, perfeitamente justificada.»

«Trabalho e leis protectivas é que o operario exige dos poderes constituídos.»

No congresso catholico, que vae reunir-se em Lisboa, e de que fallaremos com largueza, expor-se-hão os principios reaccionarios sobre varias questões palpitantes.

A discussão, lá dentro, será uma formula; porque, para os seus fins, todos estão d'accordo. Cá fóra fallaremos e discutiremos.

Creiam esses senhores que não levam tudo por diante com a facilidade que lhes parece.

Definições do *Seculo*: *Sopa economica da Asneira*.

Diario do Governo aos dos micilios.

Machina pneumatica da intelligencia.
Paz o vacuo nos cerebros.

Dr. Frederico Laranjo

O *Correio da Noite* chegado hontem inseria o discurso que o nosso querido amigo e illustre professor da Universidade, sr. dr. Frederico Laranjo, proferiu na cerimonia do doutoramento do nosso collega Affonso Costa.

Tendo nós o desejo de archivar, por sua ordem, todos os discursos que, n'aquella memoravel cerimonia, se proferiram,—pedimos venia para começar hoje e concluir no proximo numero a excellente publicação d'aquelle discurso.

Seguir-se-ha o do nosso collega dr. Guilherme Moreira.

Do romance do sr. Jayme Moniz, *Virtude e Vicio*, vae ser extrahido um drama em cinco actos.

Nos cartazes do espectáculo em que se representar o drama, ler-se-ha: «*Pe-de-se o favor de não dormir nos intervallos*».

A questão social

Não se assustem os leitores. A questão social não é o reflexo vermelho dos clarões da Communa ou o epilogo sangrento de qualquer drama futuro. Também não é, por mal dos nossos peccados, o estudo das desgraças sociaes sob todos os seus aspectos e a preparação dos soluções mais efficazes e integraes. A questão social é, no dizer do *Seculo*, o mal dos operarios, e os seus remedios são:

- A inauguração da *Villa de Santo Antonio* do sr. Burnay;
- As associações de classe;
- As caixas economicas operarias;
- Os bairros operarios;
- As cosinhas economicas; e
- As creches.

Quem duvidar e não haja gasto os seus dez réis no jornal de sexta feira, poderá vir reclamar a consulta da preciosidade n'esta redacção...

Que o visinho do lado costuma emprestar-nos o *Seculo*.

Navarro, como relator do tribunal de contas, declarou quites com a fazenda nacional varios recebedores de comarca.

Navarro no tribunal de contas?!
Vae ser reformada a arithmetica: em vez das quatro operações haverá cinco.

O *Commercio da Guarda*, a proposito de uma definição que demos do *Seculo*, faz considerações cheias de ironia, aquella bem conhecida ironia da Guarda, sobre a paz que reina entre os republicanos.

Ora o jornal a que nos referimos engana-se, quando julga o *Seculo* republicano. Portanto, não têm razão de ser as suas considerações.

Se nós descompozemos o *Diario do Governo*, então sim. Que ás vezes é republicano.

Agora o *Seculo*?!
Antes o *Diario Illustrado*, que tem a propriedade de, pelas asneiras que diz, fazer com que os monarchicos reneguem a monarchia.

No Almanach de *La Question Sociale* o *Seculo* vem citado como jornal socialista!

Concordamos, com a condição de que socialismo, n'este caso, se deve escrever *Çuçalismo*.

Referindo-se á suppressão do *Futuro*, de Lourenço Marques, nota o nosso collega *Diario Popular* que defendem esse acto do sr. Ennes Lazarista o *Seculo*, republicano, a *Tarde*, órgão officioso do governo, e as *Novidades*, o jornal eclectico que mais tem defendido o governo.

E dizendo ironicamente que sente não poder concordar com elles, critica com muita sensatez o procedimento do rei de Lourenço Marques, provando que nenhum dos motivos allegados por esses jornaes o justifica. E realmente, invocar, para defender tal procedimento, o facto de não haver em Lourenço Marques outro jornal, de o *Futuro* criticar os actos d'um funcionario publico, quando diz menos do que alguns officiaes do exercito em cartas para a metropole, e de os proprietarios d'esse jornal procederem assim por não se lhes fazerem algumas concessões, é extraordinario.

Estamos d'accordo com as observações feitas pelo *Popular*, excepto no que respeita ao caracter que attribue ao *Seculo*.

Ninguem o pôde considerar republicano. Também nós somos os primeiros a crêr que o *Diario Popular* só assim o denomina por ironia.

Creches são, no dizer do *Seculo*, os institutos que alliviam as mães durante as horas do trabalho do encargo dos filhos.

O que nos suscita a seguinte definição de filhos: «São os encargos que não alliviam as mães durante as horas do descanso.»

É mais esta definição de mães: «São as pessoas allivadas por meio das creches, durante as horas de trabalho.»

Conclusão! Para alliviar, deve a medicina preferir a creche ao oleo de ricino.

No capello do sr. Affonso Costa

Oração do sr. dr. José Frederico Laranjo

Ex.^{mo} sr. reitor d'esta Universidade, professores sapientissimos, estudiosos e esperançosa juventude, minhas senhoras, meus senhores.

N'esta festa solemnisima, que não deve ser nunca um começo de ocios infecundos, mas um premio de esforços intellectuaes meritorios e um alento na esperança de outros, um dia jubiloso de descanso e um arco triumphal de passagem para novas lides scientificas, mais serenas pela serenidade crescente dos annos mas igualmente intensas e cada vez mais productivas; n'esta festa, que é a aspiração de tantos espiritos, o ideal de tantos paes, o sonho de tantas mães, mandam os estatutos da Universidade que dois doutores da mesma faculdade que o doutorando, recommendem o merecimento d'este, fazendo-o ver d'um modo serio e grave, como convem a um tal auditorio, e é este dever que estamos encarregados de desempenhar perante vós. É grato fazer o elogio de um moço de talento e boa vontade; mas demanda um superior esforço, raras vezes coroado de exito, fixar em poucas palavras o alcance e a orientação de uma intelligencia de modo a ficar caracterizada como que n'um retrato nitido e inconfundivel; a tarefa de que estou incumbido reclama pois a vossa indulgencia.

Nasceu o novo doutorando, o sr. Affonso Augusto da Costa, em Ceia, a 6 de março de 1871; seu pae, o sr. Sebastião Fernandes da Costa, que se formara em direito em 1868, e foi conservador de registo predial, advogado e algumas vezes presidente da camara municipal de Ceia, falleceu na curta idade de 46 annos, em 20 d'agosto de 1889. Ja a esse tempo tinha o filho concluido os exames preparatorios, na maior parte dos quaes obtivera distincções e n'alguns louvor; tinha, além d'isto, passado o primeiro anno de direito; as tristezas e negruras da viuve de sua mãe, a sr.ª D. Anna Pereira da Costa, que eu tenho a honra de saudar d'este logar, foram decerto moderados pela crença na valia e no futuro do filho, valia de que se não podia duvidar mesmo através das provas de desfallecimento ou das peripecias de acaso porque passou a sua carreira de estudante. Perdeu muito com a perda do marido, mas tinha no filho uma alma de entusiasta, com uma intelligencia viva, servida por uma vontade de ferro, inclinado para o trabalho, e com estas condições, em que se vale o muitissimo que vale tudo isto, a fé das mães é justificadamente robusta e uma fonte perenne e opulenta de esperanças immarcessiveis, divinamente consoladoras.

Através das provas do desfallecimento ou das peripecias d'acaso por que passou a sua carreira d'estudante, disse eu. Com effeito, em outubro de 1887, na curta idade de 16 annos, matriculou-se o sr. Affonso Costa no 1.º anno de direito, e, ou porque é rapida, principalmente para annos tão novos, a transição da instrucção secundaria para a das disciplinas juridicas, ou por quaesquer outras circunstancias, o moço estudante não conseguiu ser approvado no acto final, repetindo por isso o curso no anno seguinte, sendo depois d'elle e no segundo anno approvado apenas *namine discrepante*, mas obtendo já no terceiro anno ser o primeiro distincto.

Na ultima época do 4.º anno (1891 a 1892) sobreveiu a conhecida *grève*, e não querendo sujeitar-se a requerer a abonação das faltas dadas por causa d'ella, com o fundamento, unico admitido pelo decreto do governo, de ter sido coagido ou arrastado pela solidarieidade academica, viu esse anno tambem officialmente perdido; officialmente perdido; officialmente, digo, porque

de certo não foi perdido o tempo Nas férias grandes d'esse anno lectivo, casou-se o sr. Affonso Costa com a sr.^a D. Alzira de Barros Mendes de Abreu, filha do dr. Albano Mendes d'Abreu, que foi medico em Oliveira do Hospital, e da sr.^a D. Maria Emilia de Barros Coelho de Campos. Afervoraram-lhe os estímulos para o estudo os novos affectos da nova familia, e repetindo o 4.^o anno, obteve premio, que tambem lhe foi conferido no quinto anno, sendo as suas informações litterarias M. B. 16 valores. Fez acto de licenciatura a 17 de janeiro e defendeu theses a 24 e a 25 de maio de 1895, sendo em ambos estes actos approvado *nemine discrepante*: a nenhum d'elles pôde assistir, mas o que ouvi foi que o exame de licenciado foi seguro e que as theses foram brilhantes. Publicou a dissertação de licentura — *Os peritos no processo criminal*, e a dissertação inaugural teve por assumpto, da escolha do doutorando — *A egreja e a Questão social. Analyse critica da Enciclica pontificia De conditione opificum, de 15 de maio de 1891*. Hoje vem pedir-vos e receber o premio dos seus esforços nas insignias doutoraes. É pelos filhos que as mães são felizes ou infelizes, pelos maridos que as mulheres se elevam ou são mesquinhas; sobre o coração de viúva da mãe e sobre o coração da esposa, a tiracollo do vestido de ambas, ha hoje, como a mais ridente e a mais valiosa das considerações, um pedaço da facha celeste do arco iris, que desce tambem em cortinas sobre um berço de creança. Filieito em nome d'esta Universidade as duas senhoras Abençoados os filhos que pagam assim as caricias das mães, que dão taes motivos de orgulho ao amor das esposas, e que, pelo exemplo, abrem ás creanças a estrada do trabalho, a unica estrada da dignidade humana!

Mas vós, sapientísimos professores e illustradíssimos ouvintes, estou ouvindo que me dizeis que o meu encargo não é uma expansão d'affectos, mas uma apreciação de merecimentos; estou ouvindo que me perguntae o que é e o que vale pelos trabalhos publicados do novo doutorando.

Esses escriptos e o conjunto das suas provas revelam de certo, a par d'uma energia e viva capacidade intellectual sem a qual o trabalho scientifico é desconsolidador, uma mó que se move em vão, produzindo fadiga e mais nada, uma larga e robusta capacidade de trabalho, sem a qual o talento é um fogo fatuo de theorias vãs e de palavras sonoras que desnorteia, uma aranha que de si propria tira a sua teia, colorida, mas inconsciente; tem, além d'isto, o novo doutorando, o que não é vulgar, uma elasticidade de intelligencia, que lh'a accomoda tanto ao estudo positivo das legislações, como aos problemas de sociologia; ha, porém, uma questão que o atrae sobre todas, é a questão economica, é a questão social, é a questão das questões, aquella em cuja orbita giram e marcam a sua trajetoria os melhores e mais generosos espiritos. Essa questão atrae-o, porém, deslumbrando-o, e, porque lhe hate em cheio no coração, tira-lhe um pouco a luz e a serenidade de espirito, e no amor pela sua causa, que se nutre de tantos intuitos, accusa a Universidade de não dirigir as suas atencões para a questão social com o empolgante interesse que lá fora desperta em todos os institutos similares; e, indo até ao solio pontificio, verbera-o por não ser o Sinay d'onde descem as taboas da lei do collectivismo, e se a risivel inuidade da phrase de J. Jules Guesde: — Ainda dois ou tres primeiros de maio e o mundo será completamente modificado — o ensina a não marcar nem tres, nem seis, nem doze primeiros de maio como o termo da ultima agonia do capitalismo, afirma em todo o caso que a transformação no sentido collectivista, collectivismo economico de Marx, Integralismo social de Malou, é uma solução que está para breve. É uma miragem que resulta do clarão do seu ideal.

Permitti que eu diga algumas palavras sobre estes assumptos.

(Conclue.)

Afinal decidiu-se que a camara dos deputados passe a funcionar na praça da Figueira.

Ha protestos das regateiras.

—Que não querem ouvir poucas vergonhas, dizem ellas!

Politica estrangeira

XIII

SUMMARY:

A Inglaterra no Egypto—O que pôde resultar da ambiciosa teimosia ingleza.

Italia:—o discurso da corôa; devaneios.

Continua porfiando a Inglaterra em conservar, subjugado debaixo da sua interferencia humilhante e gananciosa, o Egypto, que não está disposta a largar. O ultimo relatório mandado ao governo inglez sobre a administração da Inglaterra na terra dos Ptolomeus, mostra á evidencia que, sem uma imposição aberta e clara das potencias, a evacuação ingleza se não fará, continuando assim este estado de coisas deprimente para o Egypto e prejudicial para os interesses dos outros povos, do que, afinal, os inglezes não se importam.

Este relatório, que, parece, deveria enumerar os prodigios de administração realizados pelos inglezes; que deveria demonstrar como, sem a Inglaterra, o Egypto teria retrocedido a confundir-se com os povos selvagens do interior da Africa onde o Nilo nasce; não cuida, pelo contrario, do passado e só se refere ao muito que os inglezes têm a fazer ainda. Pareceria natural que as reformas futuras fossem abonadas com os milagres do preterito... mas não são os inglezes homens que se prendam com bagatellas. O unico objectivo d'este relatório é enumerar n'um longo estendal o enorme trabalho de reorganisação, á ingleza, que é necessario fazer-se ainda. Sem pudor, que não é isto *vicio* de inglezes, declaram muito categoricamente que o seu fim unico é ficar, ficar, a todo o custo, aconteça o que acontecer. E pretextam:

—«Se nos retirassemos o Egypto recaria no caos, porque não é em doze annos de reformas que podem ser reparados os desastres d'uma execravel administração d'alguns seculos.»

Mas será duradoura e persistente esta situação? Levará ao fim ambicionado a teimosia ingleza?...

É de recear, pelo que diz respeito á Inglaterra, que as consequências da sua attitude impudente para ella sejam desastrosas. A tensão turca em frente d'ella chegou a ponto de fazer pensar; nem á França nem á Russia convem a manutenção do *statu-quo*; a Turquia agasta-se e a custo soffre a insupportavel influencia ingleza; graves complicações podem, pois, resultar para a Inglaterra no Egypto, na Europa oriental e na Asia, sem contar com a má vontade dos sessenta milhões de mussulmanos que na India ingleza são subditos da rainha Victoria.

Parece, pois, que ha motivo para que os inglezes pensem... e recebem.

×

Inaugurada a nova sessão do parlamento italiano, até hoje o documento mais importante lá produzido foi o discurso da corôa, lido, segundo a praxe pelo rei Humberto e escutado o mais attentamente possivel por toda a gente, ansiosa de saber como Crispi tinha elaborado o discurso real.

Este, como todos em toda a parte, é um bello programma de reorganisação financeira e economica, ao ler o qual nos parece estar assistindo a uma notavel gestação de forças restauradoras da Italia e ir vendo, ao mesmo tempo, este bello paiz a engrandecer-se, a elevar-se, sereno e forte, respeitado e poderoso de sobre umas ruinas gloriosas, por um influxo magico e inexplicavel.

Mas não passa d'um sonho esta visão phantastica. Passa-se tudo aquillo dentro dos limites d'um discurso da corôa, por ventura bem redigido e bem papagueado; mas, afinal, os discursos da corôa tem todos equal valor... Lerias, chama-lhes o povo.

É, ainda assim, interessante este a que nos vamos referindo, e, a titulo

de curiosidade, valerá a pena transcrever algumas passagens.

Como nas sessões passadas, a questão magna é a do equilibrio orçamental, esse mytho intangivel de todos os paizes! Na Italia, porém, (quem o diria!) esse mytho é quasi uma realidade... Di-lo o discurso da corôa: — «...mas o equilibrio effectivo não poderá realizar-se senão restringindo as despesas aos limites mais estreitos, que as necessidades imperiosas dos serviços publicos ainda podem comportar. Falta um passo para se atingir este fim...»—Mas de que enorme extensão será este passo, que terá, por força, de vencer o espaço de muitos annos! Nem o contrario se comprehende n'um paiz como a Italia, afundado n'um torvelinho pavoroso, que tem a pagar, só de juros da sua divida publica, no anno economica de 95 a 96, 158:000 contos de réis!

E continua:

«Consolidadas assim as finanças do Estado, levantando no estrangeiro o credito que auxilie o desenvolvimento economico da nação e avivadas assim as fontes do trabalho e da produção, poderemos afrontar com segurança e resolver com resolução e dignidade o grave problema das finanças communes etc...»

Onde a attenção do publico mais se sobreexcitou, bebendo, pôde dizer-se, as palavras que dos labios do soberano caiam; foi na passagem seguinte:

«A garantia segura de toda a sociedade é uma justiça segura, prompta, equal para todos e acima de todos; o meu governo vos propôr, pois, algumas modificações ás leis em vigor, a fim de que as instituições judicarias assegurem melhor a protecção dos direitos privados e a tranquillidade publica. Todo o cidadão, embora occupe cargos elevados, deve poder ser chamado á responsabilidade dos seus actos e ser submettido á lei commum.»

Estas palavras foram seguidas de vivos applausos. Ao rei? A Crispi?

Todos se lembram ainda do enorme escandalo do Banco romano, d'esse monstruoso panamá italiano em que a Crispi se fizeram as mais rudes e graves accusações. E Crispi fugiu á responsabilidade dos actos criminosos que lhe assacaram... A opinião vibrou durante muitas semanas, como em Portugal quando foram descobertas as roubaheiras da Companhia Real, e, ainda agora, as do Nyssa, para não citar outros factos edificantes da ladroeira portugueza. Como Crispi fugiu á responsabilidade dos seus actos, a que deve poder ser chamado todo o cidadão, embora occupe cargos elevados, e é necessario que ao publico se dêem satisfações, não esqueceu o discurso da corôa da promessa adormecedora...

Lá como cá.

Vae fundar-se em Lisboa uma companhia de seguros sob os auspícios do sr. Marianno de Carvalho.

D'esta feita, arde Troia e metade de Lisboa. A outra metade... arderá com a futura emissão de acções.

Orleans e jesuitas

Como ataque á liberdade de consciencias, que ao governo para segurança propria conviria mais do que a ninguém respeitar, agora que o beaterio seu protegido se permite pavornear-se em exhibições ridiculas pelas ruas da capital, convem frisar o facto apontado pelas folhas portuenses, da prohibição d'uma conferencia anti-jesuitica da nosso collega da *Voz Publica* sr. Heliodoro Salgado.

Tinha o illustrado conferente começado a explanar o seu thema revestido d'uma forma scientifica muito notavel, quando a policia o intimou a callar-se por falta de licença para se realizar a conferencia. Ora essa licença tinha sido dada. O conferente estava dentro da ordem e nada justifica nem attenua esta arbitrariedade contra a qual se lavrou immediatamente protesto.

Protesto inutil, em todo o caso, porque a ex-discipula do *Sacré Coeur*, rainha nossa senhora, não pode consentir n'estes desacatos aos alliados seculares da sua respeitavel familia. Que isto de jesuitas e Orleans sempre foram compadres.

Dil-o a Historia.

Notas d'um azedo

VII

IX—*Na dos carecas*—Posta na baila, na ordem do dia, pelos artigos e mais machinações de Mestre Theophilo, a mui conspícua e vetusta, mui veneravel e pulvorenta capoeira dos lusos galinaceos consagrados.

Em foco, pois, a Academia Real das Sciencias, suas regras e decisões, os seus escandalos e os seus consócios.

Vá de molhar tambem a sopa, serena, pautadamente, sem despeitos amargos a irritarem a prosa, sem preoccupações academicas a tolherem a penna, sem respeito pelos idolos da velha imbecilidade portugueza. Lá alpardados, sem desprezo pelas pessoinhas amáveis, circospectas, que lá remoem, na beatitude feliz, paradisíaca, de zaranzas, o succo nutritivo, chorudo, d'uma immortalidade provisoria.

Não se bate em velhos, em alejados, e d'ahi o não bater eu, como da praxe, como de costume, dos Goncourts para cá, no gremio doutíssimo da insignificancia triumphante, glorificada, que em seus feracíssimos seios amamenta Araujo—o bêbê de Genova—que nas suas enfermarias acolheu, de braços abertos, com alma caritativa, a velhice derrancada, cheia de mataduras, a purejar de mazellas, de Ramalho—o joven ancião polainudo da Bibliotheca d'Ajuda.

Não hato, commento.

E agora que o sr. Theophilo—um confrade—a publico veiu com a roupa suja do convento, a descobrir escandalos, a azorregar vaidades, n'um azedume muito pessoal e louvavel, algo sympathico na sua creozza, vá de o ensejo aproveitar para dizer da justiça que nos assiste, a nós minuculos mirones dos arrufos e dos triumphos dos bons velhotes, do direito que nos cabe de interferirmos nos desgajados e questiunculados levantados no recinto sagrado dos pobres deuses—a preços reduzidos—engendrados em premio ao merito, em honra ás miolieras, pela ramerranice indigena muito dada aos luxos ornamentaes das veneras decorativas, dos louros apotheosicos.

×

Caturrice de confrades, arrufos de collegas,—afóra, é claro, a differença prodigiosa, incommensuravel, que se para o talento do sr. Theophilo, do talento do sr. Jayme,—a questão debatida entre os academicos Braga e Moniz reduzir-se-hia a simples incidente grotesco, sem valor, sem significação, d'uma lucta hilariante, risivel, entre os grillos do Patagonia, se descobrir não viesse a pouca vergonha insigne, a velhacaria respeitavel que vae corrompendo as virgineas consciencias, os impollutos caracteres, d'umas carcassas mumificadas, pittorescas, que,—se nos despertavam o riso pelas prendas officias do accacismo sensaborico, incolor, das suas intellectualidades de pataratas—se impunham, comtudo, á nossa differença, ao nosso respeito talvez, pela tranquillidade marmorea, impassivel, com que a corrupção e a tranquiernice dos tempos deixavam passar, sem n'ellas metterem em publico a sua colherada, sem commetterem patifaria de maior, sem perpetrarem syndicatos, e sem protegerem officialmente as artimanhas arroyanas dos que saltam á estrada da politica a desvirarem, á valentona, descaradamente, os bolsos dos que vão á sua vida.

Mas agora, o caso é outro.

Das verrinas do sr. Theophilo a conclusão é esta:

Rouba-se como n'um ministerio portas a dentro da Academia. Vendem-se prebendas e coneziias tanto na Arcada como no Convento de Jesus. Os sabios vêm em auxilio dos ministros, os academicos dão as mãos aos deputados. A politica de encrusilhada e a sciencia, as letras, de pechisbeque, ajudam-se mutuamente n'este

ataque desvergonhado, n'este saque fraudulento ás burras do paiz.

Lá dentro o Moniz, cá fóra o Navarro. Um abicha *chalets*, o outro abocca a *Historia dos Celtas*. Um lambe-se com as lamas do Tejo, aguenta ministerios, faz trampolinicas politicas; o outro refestela-se com a publicação de obras de peso, abotoa-se com gratificações, faz beserundangas academicas.

Em paga, n'uma injustiça de arrelhar os da Penitenciaria, um vae para Paris, o outro para o secretariado, e ambos, muito irmãosinhos, muito collegas, vêm para as *Novidades* a defenderem-se, muito honestos, calumniados, pobres victimas implumes da inveja vesga dos melcatrefes, dos trampolneiros, que não podem ver medrar uma pessoa, prosperarem-lhe os negocios, sem virem á imprensa com indrominas estofadas, parvoas, de descontentes, de mal-jantados.

Glorificados os dois no jornal do Colen, sente ganas uma pessoa de impetrar do Papa—agora que isto vae em maré de patrioticas religiosidades—umas canonisações baratinhas e reparadoras para velhas celebridades do Limoeiro, attenta a impossibilidade de implorar ao Senhor a graça penhorante, especialissima, d'uma saraivada de enxofre, assoladora, justiceira, sobre as cabeças aureoladas da alta politica e da alta sciencia azul e branca.

Que o cacete é pouco e o candieiro vem longe.

Post-scriptum—Duas linhas mais, rapidas, fugidias, sobre a moralidade sorna, patusca, d'este caso mirífico.

Trazida a publico na *Vanguarda* pelo sr. Theophilo Braga em biographias humoristicas, crueis, em propostas honestas, sensatissimas, esta questão de clara moralidade, em que falcatruas insignes se apontam, algo se me antolha de imprescindivel esmiuçagem para a incondicionalidade dos meus applausos ao proceder do illustre mal-dizente.

Pouco, na verdade, mas fundamental na sua simplicidade alvissima;

São ou não velhas* de muitos annos as patifarias assoalhadas?

É ou não ingentamente falta de valor, d'uma pequenez microscopica, a craveira scientifica e moral do academico Jayme, cabotino official da parlatanice indigena?

Dou por demonstrada pelo sr. Theophilo a affirmativa, e d'ahi, o meu reparo, os embargos impostos a uma homenagem sem restricções.

Por isto: o sr. Theophilo Braga é demasiadamente grande, como poeta, como erudito, como trabalhador principalmente, para necessitar que o carimbo já safado das consagrações da Capoeira Real das Sciencias o guinde aos sotões e desvãos da Immortalidade. Podia morrer antes de lá estampilhado, que a *Visão aos Tempos* seria credencial bastante para a inscripção do seu nome na orçamentologia litteraria da Posteridade.

O sr. Theophilo Braga é sufficientemente immaculado, como politico, como homem, e talvez como litterato, para não se permittir a camaradagem deshonrosa com os delapidadores da fazenda publica.

A folha corrida do seu passado impunha-lhe a obrigação stricta, inadiavel, de verberar os escandalos logo que os conheceu, sem delongas, sem condescendencias, com a serenidade justa d'uma vida sem manchas, sem parenthesis.

Descobria-os como fez agora, verberava-os e, sem mais aquellas, muito serafico e satisfeito, dava as boas noites, punha o chapéu e vinha-se embora.

Sacudia as botas na soleira da porta e, enviando a sua demissão, mandando para a meza os seus diplomas, dava uma lição de honestidade aos que d'ha muito se afizeram a ver e a respeitar na sua pessoa um dos poucos honestos, dos poucos impollutos d'este fim de seculo decadente e podre, ... Ou a logica é uma cantata.

F. V.

Carta de Lisboa

21 de junho de 1895.

Já estou cansado de lhes fallar das festas de Santo Antonio. Dizer mal d'ellas constantemente, pareceria preconceito do livre pensador de provincia; dizer bem, seria demonstração de parvoíce, lusitanissima, creio bem, mas perfeitamente dispensavel para mim.

Adiante, adiante, que não estou para massadas. De progressistas e regeneradores, de colligação liberal e de tantas outras coisas velhas entendo não ser preciso fallar. Lembra-me com um certo pudor dos tempos em que estava a cada passo notando as incoherencias dos progressistas, e em que conversava a respeito da colligação liberal.

Bellos tempos, muita ingenuidade! Que se arranjam, meus amigos, que passem muito bem lá pela rua dos Navegantes e por outras ruas.

Passa por aqui nos jornaes um pedaço de escandalo a respeito da questão levantada por Theophilo Braga, na Academia das Sciencias. Que entendo que Theophilo Braga tem razão no que diz, apesar de lamentar que elle entrasse na Academia.

N'esta questão apparece agora um Adolpho Coelho que eu conheço, desde o tempo em que se descobriu o crime do Urbino.

É um homem nojento que se desfaz em contumelias diante do sr. Jayme Moniz, depois de o ter troçado.

Não ha por aqui patife nenhum que não ataque o sr. Theophilo Braga, mas tambem não ha muita gente que o defenda.

É natural, A patifaria da maioria de uma sociedade assenta sempre na cobardia de uma minoria que ás vezes parece cúmplice em todas as infamias.

Tirante a Vanguarda e mais um jornal, ninguém defende o sr. Theophilo Braga. Não faz mal, elle não precisa d'isso. Agora o sr. Jayme Moniz e outros é que não conseguem justificar-se das accusações que lhes são feitas, por mais que jornaes syndicateiros os queiram defender.

E passado isto, meus amigos, nada mais de notavel cá por Lisboa. Algum calor e muitos saloios vendo as festas. Que se divirtam.

Jocelli.

Processo de imprensa

Na quarta secção do tribunal criminal de Madrid foi julgado no dia 17, á porta fechada, o processo de liber-

dade de imprensa instaurado contra os redactores do jornal La Justicia os srs. D. Nicolau Salmeron e D. Raphael Delorme, por motivo da publicação de uns artigos intitulados Vandalos e Braganças.

Estes artigos foram escriptos em seguida ao acto brutal praticado em Lisboa no mez de outubro passado, na pessoa do sr. Salmeron, mandando-o pôr na fronteira, como se fosse um criminoso.

Salmeron respondia pelo artigo Vandalos e Delorme pelo intitulado Los Braganças. Defendeu Salmeron o distincto criminalista D. Antonio Ballasteros y Segura, e a Delorme o abalizado jurisconsulto D. Pedro Perez Diaz. Ambos pronunciaram discursos brilhantes pondo em evidencia a falta de fundamento juridico da accusação.

O veredicto do tribunal não podia ser mais honroso.—Declarou os srs. Salmeron e Delorme isentos de culpa e mandou-os em liberdade.

E quem absolve agora o sr. João Franco?

Ideal politico do Seculo:

N'uma republica bem organizada não devia haver cidadãos mas sim assignantes.

Retirada e agradecimento

Partiu para o Ervedal da Beira, quasi de repente, o tio do nosso collega dr. Afonso Costa, sr. José de Barros Coelho e Campos.

S. ex.ª mencionava demorar-se algum tempo mais para agradecer pessoalmente os cumprimentos e obsequiosas visitas dos seus amigos e das pessoas de suas relações. Mas, não lhe tendo sido possível fazel-o, encarrega-nos de apresentar as suas desculpas e de, por elle, affirmar que, na sua proxima visita a esta cidade, dar-se-ha pressa á cumprir tão grato dever.

A Procuradoria Geral da Corôa e Fazenda foi de parecer que as sociedades cooperativas se constituam sem auctorisação previa do governo.

Em conformidade com este parecer vaé publicar-se uma portaria.

Dr. Dias da Silva

Por despacho publicado no Diario do Governo, de 20 do corrente, foi promovido a lente cathedatico da faculdade de Direito o nosso querido amigo sr. dr. Dias da Silva.

S. ex.ª é um dos professores mais illustres da Universidade. Durante o largo periodo de substituto, regeu um grande numero de cadeiras da faculdade, sempre com elevada competencia e assiduo trabalho. É vasta a sua illustração e honrado o seu nome.

Congratulamo'-nos porisso com a promoção, e enviamos-lhe felicitações calorosas.

NA FEIRA

1.º acto: Ceu estrellado, sem uma nuvem. O luar banhava, tranquillo, sereno, a escadaria da Sé Nova. Sob o choro da fonte em cavaco ameno tres jovens intelligentes, de bons costumes, tomavam o fresco e carpiam a falta d'assumpto para completar o jornal. Do lado opposto, á porta do Antonio, discutia-se alto, barafustava-se n'um chinfrim de dia santo, muito quente, em que o vinho tem caprichos trepadores de comprometter.

Azeda-se a discussão. Phrases violentas, de rhetorica pesada, cruzam-se atrevidos provocadores—O cavalheiro é um canalha... Ferro-lhe duas bofetadas.

Augmenta o reboliço. Os degladiadores investem uns para os outros com muita coragem na lingua pouco musculoso nos punhos. A senhora da paz intromette-se, o grupo dispersa e uma voz de stentor grita do Arco do Bispo: —Se o cidadão não é um cobarde, um miseravel, venha dar-me um desforço. Acompanhe-me...

—Para onde quizer. —Para traz do Museu. E partiram os dois. O ceu estrellado, sem uma nuvem. O luar tranquillo, sereno, banhava a escadaria da Sé Nova. De sob o choro da fonte, os tres jovens intelligentes, de bons costumes, deixam ir os contedores e lamentam o não verem o resto da lucta sangrenta, gigantea, que vaé a travarse. A' porta do governo civil, um policia boceja.

2.º acto: Das bandas do Museu, voltam assudados, n'um berreiro, cheios de apostrophes e de vinho, os heroes egregios do 1.º acto. —E' infame, nada cavalheiroso, o seu proceder... —Deixe-se de brios... Engalinhavam-se; com pouca rhetorica, algum musculo, esmurraçam-se. Soccus, bofetões, troçam-se aggressivos, contudentes.

Os tres jovens de ao pé da fonte, applaudem em silencio, com gaudio, a scena tetrica de pancadaria grossa. O policia boceja, dá quatro passos em direcção ao grupo, retira-se apressado, cheio de prudencia e de somno.

O restolho continúa, a tapona cresce. Do governo civil sahem, em bicha, muito unidinhos, alluviões de policias. Tlilintam as duridanias.

—Eu respeito muito os srs. agentes da auctoridade... o caso é este... estavamos aqui... —Eu lhe conto senhor policia.

—Agora fallo eu... estavamos aqui pacificamente a expandirmos livremente as nossas opiniões quando este cavalheiro...

A policia interrompe o orador e recolhe serena á tarimba tentadora.

Epilogo: Um dos mancebos intelligentes, de bons costumes, atravessa a Feira, dirige-se ao Antonio a comprar cigarros Hig Lif, marca D, de doze.

Oh espanto!... O luar batia em cheio, tranquillo, sereno, nas caras avermelhadas dos luctadores e a pera

são, a torturava. Doente, com colafrios, febricitante, dormindo apenas por alguns instantes, um somno pesado, desigual, interrompido, nos intervallos do qual ouvia o ruido da agua de encontro ás pontes, o rodar dos carros no caes, os gritos dos prisioneiros, os latidos dos cães, o ranger dos ferrolhos, o roçar das armas e balnetas...

Sentia-se aniquilada. Mas a palavra «refeitorio» tinha-a levantado d'este aniquilamento. Ver algumas pessoas e fallar-lhes, era para ella grande ventura. Jane sentia-se outra.

Quando entrou na grande sala baixa, o homem ao qual se tinha dirigido na vespera caminhou para ella e offereceu-lhe o brago. Aceitou. Mas, como elle a quizesse levar para lado onde se divertiam com a guilhotina.

—Não! não! disse-lhe; por favor!... E sentou-se logo á meza.

Como no dia anterior, estavam alli empregados da prisão, soldados da Communa, creanças e mulheres.

Distinguiam-se entre estes ultimos duas novas visitantes,—uma que fazia meia passeando,—outra por um bouquet de rosas que tinha na mão.

Eram mãe e filha. A mãe quando se encontrou em frente do homem de labios finos e olhar indifferente, parou e disse: —Senhor duque!

mavertica, espetada, do sr. Paixão, desenhava-se no passeio ensanguentado, muito esguia, na sombra negra.

O sr. Paixão, oh deuses, oh manes do Ayres de Campos, oh anjinhos tutelares dos galopins!...

O sr. Paixão!

Dr. Gaspar Moreira

Terminou ha dias a sua formatura em direito, com approvações plenas e excellentes referências, o nosso amigo Gaspar Alves Moreira, irmão extremecido do nosso collega dr. Guilherme Moreira.

A um e a outro a expressão sincera dos nossos parabens.

Correu por ahí a noticia do proximo apparecimento d'uma revista litteraria, e deu-se como seu director, entre outros o nosso amigo e collega Joaquim Madureira.

Estamos auctorizados a desmentir o boato, aliás gentil e amavel: o nosso amigo não se recebe de revistas; mas, por mais que cascabilhe a consciencia, não vê a razão por que ha de ir a mais essa... Que nem sonhada foi ainda.

Desde 14 de abril, dia da abertura, até 15 do corrente, venderam-se na Cosinha Economica 20:905 senhas—Refeições, 15:260. Média por dia 252.

Na sexta feira perdeu-se uma nota de 20\$000 réis. Quem a tiver em seu poder é justo que a entregue ao sr. Braz João Rodrigues, a quem ella pertence.

Terminou o contracto com a companhia do papel do Prado para o fornecimento de papel para sellar.

Brevemente será publicado o programma do novo concurso entre fabricas nacionaes.

«A Republica Portuguesa»

Com este titulo começou a sua publicação no Rio de Janeiro um novo jornal que é orgão do Centro Republicano Portuguez.

Damos as boas vindas ao illustre e valente campeão da democracia.

Actos na Universidade

FACULDADE DE DIREITO

Nos dias 20 e 22 fizeram acto ficando approvados os seguintes alumnos:

1.º anno—João Manuel Pessanha Vaz das Neves, João Marques Pereira Ribeiro, João Ramos da Cruz, João Rodrigues de Brito Junior, Joaquim Pedro Martins e José Antonio Alves Ferreira Lemos Junior.

E ficou immovel, continuando no seu trabalho, attenta como quem observava.

A filha, pelo contrario, deu volta á meza com movimentos vivos, fallando de passagem aos patriotas, cantando a Carmagnole ou a Marselheza.

Chegando perto de Jane offereceu-lhe o bouquet!

—Traz uma carta junto. Disse em tom que só esta podia ouvir.

—Jenny! A pequena Jeny! Minha querida Jenny!...

O seu rosto de morta anima-se. O sorriso assumia-lhe aos labios. Não a esqueçam! Occupavam-se d'ella! Jenny hoje, Henrique amanhã. O bouquet trouxe-lhe á lembrança aquelle que havia offerecido ao seu amado no dia 14 de julho.

Viu-se, fresca e matinal seguindo o caes, atravessando a Ponte-Nova, e percorrendo as velhas ruas entrar no Palacio Real. Como o seu coração batia, escutando o moço orador! Como a sua mão tremia quando lhe offereceu uma rosa! Que votos ella não tinha feito por elle, e como foi feliz vendo o no dia seguinte!...

Quantos acontecimentos se tinham passado depois d'isso, alegrias, pezares, queixas, e finalmente a separação. Mas a lembrança de tudo isto era n'ella tão viva como no proprio dia. Jane debulhou-se em lagrimas.

2.º anno—José Soares Nobre, Julio da Rocha, Lino Xavier Pereira Machado, Manuel Augusto Granjo.

Manuel Casimiro Coelho do Amaral Reis, Manuel Dias Gonçalves Cerejeira, Manuel de Lacerda Aranha Mourão e Albuquerque e Manuel de Mello Vaz de Sampaio.

3.º anno—Francisco José de Moraes, e Francisco Lebre de Sousa e Vasconcellos.

4.º anno—Bernardino José Leite de Almeida, Leopoldo Augusto Cesar de Carvalho Sameiro, Amadeu de Castro Pereira e Solla e Carlos Mesquita.

5.º anno—Gustavo de Lima Brandão e Jayme Rodolpho de Carvalho Abreu.

FACULDADE DE MEDICINA

1.º anno—João de Barros Rodrigues, José Augusto Telles e Guilherme Vieira.

2.º anno—José Francisco Tavares, José Gomes da Silva Ramos, Alfredo Pereira de Barreto Barbosa e Albano Baptista Tauñede de Sousa.

3.º anno—João dos Santos Jacob, Joaquim Salinas Antunes, José Gonçalves Carteaudo Monteiro e José Miguel Correia d'Oliveira.

4.º anno—Manuel Antonio Martins Pereira, José Doria Cardoso e José Maria da Silveira Montenegro.

FACULDADE DE MATHEMATICA

5.º anno—Manuel Xavier Ribeiro Vaz de Carvalho.

FACULDADE DE THEOLOGIA

1.º anno—José Joaquim da Silva e Balthazar João Furtado.

5.º anno—Antonio Gonçalves Carteaudo Monteiro.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

1.ª cadeira—(chimica inorganica)—Pedro Paulo Bon de Sousa, Antonio Aurelio da Costa Ferreira e Antonio Augusto Lobo.

3.ª cadeira—(Physica 1.ª parte)—Joaquim da Silveira Malheiro, Raul da Cunha Paredes, José Bernardino de Carvalho, José Julio Leite Lage, Carlos Baptista Gonçalves Guimarães, Jayme Pinto, Antonio José Marques, José Pinto, Julio da Silveira Brandão Freire Themudo e Luiz Flaminio Teixeira d'Azevedo.

4.ª cadeira (Botanica)—José Novaes de Carvalho Soares de Medeiros, José Tiburcio Monteiro, Luiz da Cruz Navega, Manuel Duarte Videira, José de Mattos Sobral Cid, Manuel José Vaz Leitão Saraiva e Manuel de Lucena.

AGRADECIMENTO

José Paulo Ferreira da Costa e sua mulher Francisca Baptista Ferreira da Costa, não podendo esquecer tantas provas de consideração que receberam das pessoas de sua amizade por occasião do fallecimento de uma sua filha, julgam do seu dever agradecer por esta fórma tantos obsequios que lhes dispensaram e a todos testemunham o seu sincero reconhecimento.

Depois, nervosamente, abriu as rosas; tirou o bilhete.

Leu-o. Quando acabou, levantou a cabeça, os que a cercavam, fizeram um movimento de espanto ao verem animada e radiante, a formosa mulher outrora pallida e abatida.

Então com o seu bello sorriso: —Minhas senhoras, meus senhores, é uma carta do meu noivo. Quereis que a leia?

Todos responderam:—Sim. Levanta-se, comovida, com os olhos no chão:

«... Em Santo Armando, entregaram-me dois massos de correspondencia: continham cartas de meu pae e tuas. Julga da minha alegria e felicidade. Oh! que bem fizeram ao meu coração estas cartas? Que alegria pensar que a tua alma, tão sensível, tão terna, partilha os sentimentos que me inspirastes! Mas uma carta tua é apenas um allivio; não és tu. Nada pôde substituir-te e eu penso a todos os momentos na tua ausencia. Fallas-me do nosso jardim, e perguntas se me lembro d'elle?... Poderei eu esquecer-o, minha querida Jane? Oh! não. Tenho ligado a elle os mais felizes dias da minha vida, foi alli que eu te ouvi dizer que me amavas. Este jardim, vejo o sempre; sempre tenho n'elle o meu pensamento...»

(Continúa)

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

VI

A CONCIERGE

De pé, atrás dos convivas, viam-se enfileirados os porteiros, os chaveiros, os municipaes, uns levados alli por mera curiosidade, outros por estarem encarregados da guarda dos presos. Algumas mulheres do povo andavam em volta da meza, com os olhos ao côto, observando como comiam as senhoras da côrte e da sociedade.

No fim da refeição, um ruido surdo fez tremer os pratos e os copos. Calaram-se todos, Jane perguntou: —Que é isto?

Um seu visinho respondeu: —São as carretas que vêm buscar, para os conduzir ao tribunal revolucionario, trinta dos que aqui se achão. As portas abriram-se.

Tres commissarios, de casacos compridos de cinta, botas altas voltadas, banda vermelha, appareceram seguidos

de muitos seccionarios armados de baionetas.

Um dos commissarios, tinha um papel na mão; fez a chamada, pausadamente hesitando por vezes sobre algum nome mal escripto. Estas interrupções eram terriveis.

A' medida que chamava algum dos prisioneiros, este levantava-se, apertava a mão dos outros e a collocar-se no meio dos soldados. Quando era alguma mulher as raparigas beijavam-lhe a mão. Chamaram Monjourdain. Este levanta-se toma o seu copo, e canta uma canção.

Os companheiros applaudiram-n'o. Jane não estava ainda familiarizada com a prisão.

Toda tremula, com a cabeça entre as mãos repelia:

Henrique! Henrique! No dia seguinte, sentindo correr o ferrolho disse consigo:

—Eu não terei forças para me suster em pé.

O porteiro pronunciou a palavra habitual:

—Cidadã, ao refeitorio! Levantou-se do leito, pôz os pés no lagedo e marchou.

Caminhava num passo regular, firme, automatico, os cabellos empastados nas fontes, as faces pallidas, os labios descolorados, parecia um cadaver. Ha vinte e quatro horas, que a pri-

Estabelecimento Thermal Dos mais perfeitos do paiz Excellentes aguas mineraes para doenca de pelle, estomago, garganta, etc.	CALDAS DA FELGUEIRA CANNAS DE SENHORIM—BEIRA ALTA Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio	Grande Hotel Club Magnificas accommodações Desde 15200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.
---	---	--

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.^a a 5.^a classe, duas salas com douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em **Lisboa**, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.^o, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no **Deposito geral—Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.

ESTABELECIMENTO
DE
FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO
DE
João Gomes Moreira
50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)
COIMBRA

- Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.
- Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.
- Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.
- Faqueiros:** Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.
- Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.
- Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.
- Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.
- Tintas para pinturas:** Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.
- Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.
- Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.
- Electricidade e optica** Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

POMADA DO DR. QUEIROZ



Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.^a

N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883



LOJA DA CHINA
Augusto da Costa Martins
5—Rua de Ferreira Borges—5
COIMBRA

18 Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadinha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, á Pampilha, chocolate, gomma, artigos c'e papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar.
—Chá medicinal de Hamburgo.

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

17 **ESTES PÓS** são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha egual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum.—Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito **exclusivamente para venda por atacado**, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.^o—Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a.

A' venda em todas as principaes pharmacias e drogarias.

E ESTA?!

Pois a casa **LEÃO D'OURO** não teima em querer vender *Bicycletas Pneumaticas* para passeios e corridas, ultimos modelos de 1895, por menos que qualquer outra casa de Lisboa, Porto ou Coimbra, sendo estas machinas em nada inferiores ás melhores, até hoje conhecidas?!

Parece incrível, mas ide ver a nova remessa que acaba de receber e acreditareis!

Mas como poderá isto ser?

É porque o proprietario d'aquella casa é o unico concessionario do fabricante em Portugal, com o qual acaba de fazer um contracto vantajosissimo e tambem o unico que actualmente em Coimbra as recebe directamente do estrangeiro; assim como lanternas e campainhas simples e de repetição para as mesmas e que vende por **preços excepcionaes**.

Estas machinas satisfazem aos mais exigentes velocipedistas, porque além de terem todos os aperfeiçoamentos modernos, são:

Elegantes, solidas, ligeiras e baratas



Casa Leão d'Ouro
117, Rua Ferreira Borges, 121—Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA
SUCCESSOR
17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)
COIMBRA

16 **Armazem** de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de cordas e bouquets, fanebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações fanebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Casa com quintal

15 **Arrenda-se** toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

ESTAÇÃO DA MODA

DOMINGOS JOSÉ GOMES
102, Rua do Visconde da Luz, 106
COIMBRA

14 **Acabam** de chegar a esta casa:

Chapeus redondos para senhoras e crianças.

Ditos capotas, ultimos modelos.

Fazendas proprias para vestidos.

Capas romeiras, a principiar em 15000 réis.

Meias e piugas de fio de escocia.

Voiles, tanto liso como em ramagem.

Zephires, muito chics.

Fazendas enfeitadas para vestidos, a principiar em 240 réis.

Sombriinhas, para senhoras e crianças.

Enviem-se amostras a quem as pedir.

Encarrega-se de mandar lavar luvas, pelo preço de 160 réis.

Arrenda-se

13 **Do S. Miguel** de 1895, em diante, a casa n.º 1, na rua das Colchas, com frente para o paço do Bispo; bem como, as respectivas lojas. Tem boas commodidades

Para tractar, com Joaquim Augusto Preces Diniz, rua Visconde da Luz, n.º 72—Coimbra.

Aos photographos amadores

12 **Acaba** de chegar á *Papelaria Central*, rua do Visconde da Luz n.º 4, um novo sortido de artigos para photographia, que esta casa vende por preços muito commodos.

11 **ALUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE** as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

10 **O leilão** que teve logar na rua da Mathematica n.º 6, continua no proximo domingo, 23 do corrente, ás 12 horas do dia.

Tubos para pulverisadores de vinhas, vendem-se na Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a—Coimbra.

ARRENDA-SE EM CONTA

9 **Uma** casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente.

Mont'arroio, 103, se trata.

Praticante de Pharmacia

8 **Precisa-se** d'um com alguma pratica, para uma villa proxima de Coimbra.

Informações na drogaria Rodrigues da Silva & C.^a—Coimbra.

7 **MANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES** arrenda a sua casa, do S. João em diante, ao porto dos Bentos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia.

Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

Arrenda-se

6 **Do S. João** em diante, o 2.^o andar e aguas furtadas, de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades.

Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

CALDEIRA DA SILVA CIRURGIÃO-DENTISTA

Rua Ferreira Borges, 174

5 **Consultas** todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Collocação de dentes artificiaes por preços modicos.

VINHO ANALEPTICO

DE
A. GUERRA

4 **Util** nas convalescenças, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue.

Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo.

Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

3 **Arrenda-se** uma loja do S. João em deante, sita na Praça do Commercio, com os n.ºs de policia 104 e 105.

Para tratar—Rua Ferreira Borges, n.º 110—Coimbra.



AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES
46, Rua Ferreira Borges, 48

2 **Roupas** completas para homem, de 50000 réis para cima!

Alta novidade!

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO
Escadas de S. Thiago n.º 2
COIMBRA

1 **Grande** sortimento de cabelleiras para anjos, theatro, etc.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR
João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:	
Anno	25700
Semestre	15350
Trimestre	680
Sem estampilha:	
Anno	25400
Semestre	15200
Trimestre	600

ANNUNCIOS
Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS
Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja reinessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 37

COIMBRA — Quinta feira, 27 de junho de 1895

1.º ANNO

NO CHARCO

N'este periodo de profunda decomposição nacional um dos mais indecorosos phenomenos e que mais invencivelmente repugna á honestidade dos homens integros, é a alcateia perdida dos reptis chamados—*Boas—pessoas*,—que germinam e pullulam n'esta enorme putrefacção.

Vistosos e adejantes, como as moscas prateadas que se movem em redor dos monturos que fermentam, essa escoria social tende a multiplicar-se com a rapidez d'uma praga tanto mais, quanto mais incerta e angustiada vaé sendo a situação do paiz.

O *Boa-pessoa* tem trepado á força de exagerar a propria ineptia, curvado sob o respeito dos superiores, presuroso e meigo em captar as graças dos *Ex.^{mos} Cavalheiros*, de quem possa depender no presente e no futuro.

Na opinião d'elle, todos os funcionarios são *zelosos no cumprimento dos seus deveres*; todos os mortos são—*benemeritos roubados precoce e dolorosamente ao amor da patria e da familia*, e deixam *lacunas insubstituiveis*. Comove-se perante todos as adversidades e tem impetos de ternura e monosyllabos carinhosos, quando o patrono se doe d'um callo!...

Mas é principalmente na politica que essa abjecta e execravel entidade se mostra em toda a repugnancia da sua covardia e da sua vileza. Sempre affecto, em especial, a todos os ministerios e a todos os ministros, nos quaes deposita a mais incondicional e absoluta confiança,—*pelas suas brilhante qualidades, pelos lampejos do seu talento, pelas nobres tradições do seu caracter, da sua energica e patriótica iniciativa e da sua inconcussa probidade!*...

Os mais violentos attentados perpetrados contra a ordem moral e contra os direitos da nação não o irritam, nem o abalam.

Poltrão e insidioso, o bandido tem sempre nos labios um sorriso complacente e uma banalidade dirimente.

Elle não acredita na existencia dos patifes! No seu criterio só, quando muito, ha *desacertos e irregularidades!*

Na invectivação d'um escandalo, encolhe os hombros e sorri com benevolencia, attenuando com uma hypothese a gravidade do facto!

Um superlativo ou uma apostrophe vingadora nunca sahiu d'aquella bocca para estigmatizar o abuso d'um funcionario, a parcialidade d'um magistrado, a prepotencia d'uma auctoridade, o desmando d'um safardana, de qualquer categoria, revestido d'uma parcella de poder!

E o paiz converte-se em logradouro d'estes insignificantes e escorregadios, que por taes processos se insinuam na acquiescencia dos altos figurões!

O segredo consiste em rastejar li-songeiro para a direita e para a esquerda; ter nervos de *catchout*; segregar muita saliva e lambear as plantas dos que podem, com a sordida docilidade d'um cão felpudo!

Ser no conceito dos de cima um *inoffensivo, um pobre diabo!* eis o ambicionado titulo, que dá recommendação e preferencias ás attentões da padrinhagem e á distribuição dos favores publicos.

Nada mais degradante!

O *Boa-pessoa*, que muito em particular é da opinião de cada um, e em publico não tem opinião alguma, pelo alargamento da sua propagação, é a supuração mais prejudicial e caracte-

ristica d'este momento historico. Porque este parasita social é muitas vezes guindado ás mais altas posições officiaes e tem fóros de homem de bem!

Nós vemos os atravessar matreiramente as perturbações d'ocasião e seguir o seu fito sem os desvios a que obriga o pundonor; sem as restricções que exige a dignidade; sem as abstenções que a consciencia impõe; sem opiniões, sem crenças, sem fé, incapazes d'um rasgo de affecto, de justiça ou de abnegação, d'um pequeno sacrificio a uma idea grande!

Todos os caminhos lhes servem, e trepam e vencem! E, o que é peor que tudo, espalham pela propaganda e pela solicitação do exemplo a mais nefasta das immoralidades: a prostituição mercantil dos caracteres!

Dr. João de Menezes

Fez ante-hontem acto de quinto anno de direito o nosso dedicadissimo amigo e illustre collega, sr. dr. João de Menezes.

Aproveitamos, pois, esta conjunctura para dizer, em breves termos, quanta gratidão e quanta sympathia todos nós,—os seus companheiros de cada dia,—lhe tributamos vivamente, em homenagem pallida ao seu talento superior e ás qualidades primorosas do seu caracter.

Ninguém, como elle, sabe alegrar um cavaco e fazer, a cavaquear, um numero inteiro da *Resistencia*. As suas ideias politicas, bem conhecidas dos nossos leitores, são as intransigentes e nobilissimas ideias dos poucos que, desde nascer, estão sempre na brecha a favor de tudo quanto é portuguez e digno.

Desde nascer, dissemos, João de Menezes foi um dos poucos iniciadores,—ainda ahi ha alguns!,—do movimento republicano academico. Com o auctor d'estas linhas e alguns vinte amigos communs, tomou parte nas reuniões em que se preparou a não ida d'uma comissão academica ás festas acclamatorias de D. Carlos,—sendo admiravelmente succedido esse primeiro esforço dos estudantes republicanos de Coimbra.

Depois, o movimento de janeiro de 1890 teve-o sempre, aqui e em Lisboa, como um dos mais entusiastas e decididos propagandistas. Nunca trepidou. Foi um dos elaboradores do nobilissimo e vigoroso manifesto academico de 15 de novembro de 1890, que esteve quasi a levar aos ferros d'el-rei os seus cento e vinte e dois signatarios. Journalista fogoso, pagou com tres mezes de limoeiro algumas phrases amargas dirigidas ao rei e a sua tia Dona Victoria.

Nos ultimos annos, João de Menezes tem aliado ao seu credo republicano,—de que espera a solução politica,—as mais ardentes convicções socialistas. N'esse ramo vastissimo das sciencias,—em que toda a sociologia tem hoje cabimento,—o nosso amigo é um erudito, e ha de ser, continuando a trabalhar assim, uma auctoridade. A dentro d'essas doutrinas eminentemente justas, João de Menezes admira os socialistas allemães, mas advoga, como mais completo e effizaz, o socialismo integral, á similitude de todos os melhores espiritos do momento presente.

Assim, Portugal tem muito a esperar do novo bacharel formado; não tanto pelo seu diploma, como pelo alto valor da sua intellectualidade, pela sua honradez cheia de escrupulos legitimos, e pelo seu vivo amor pela patria.

Cumprimentamos o amigo e o collega e enviamos calorosos parabens á sua querida familia, que João de Menezes tão vivamente estima. Tristes, porque no fim do mez se retira para Lisboa; consolados, porque nunca deixará de ser um dos redactores effectivos mais fecundos da *Resistencia*.

Bagatellas

Pelo que dizem as folhas, a exposição d'arte sacra sahiu tal, qual era de prever. Uma imitação rachitica, ou antes, uma parodia em miniatura, composta, pela maior parte, com os mesmos objectos da *exposição d'arte ornamental*, de fatua memoria!

Tudo aquillo amontoado com a mesma carencia de tino, a mesma irresponsabilidade, sem concatenação didactica para a elucidação mental do publico, nem subordinação critica para facilidade do estado; de fórma que de todo aquelle confuso embroglio de cousas vistosas não dimana uma parcella de utilidade para o paiz ou para a sciencia.

Todos estes espectaculos de ostentosos artificios, preparados de afogadilho, sem sinceridade e sem convicção, tem custado ao thesouro dispendiosos fabulosos, por completo arremessados ao monturo dos desperdicios.

Para se formar ideia do espirito de ordem, de methodo, de logica e de honestidade,—a que obedece este catolico embuste, basta dizer-se isto:

N'uma sala, onde avultam as ricas alfaias de S. Roque, arreitadas de pedrarias, n'uma sensualidade animal, á D. João V, pende do tecto a lampada delicada da capella da Universidade, que é do seculo XVI. Um cumulo de desconchavo e uma vergonha!

Em parte nenhuma do mundo as vitrines d'uma exposição d'arte industrial são prateleiras onde o mosquedo dos imbecis vá depor a dejeccção da sua incapacidade!

Depois, a teimosia dos grados pappalhões é audaz, incorregivel e cornea; d'uma inhabilidade ingenua, unico titulo que os recommenda á preferencia dos governantes e ao favor das portarias. Ha treze annos que, de voz em grita, se anda deplorando que a exposição de 1882 não fosse organizada em bases de intellectualidade previdente e lucida, porque se perdera o ensejo unico de colligir notas do mais alto valor para esclarecer e nortear os multiplos problemas ulteriormente suscitados.

Todos d'accordo que aquella extravagancia de dilettantismo, que custou ao paiz quatrocentos contos, foi inteiramente esteril e duplamente desastrosa aos intereses moraes da nação: porque nada produzin e porque poderia ter sido um manancial de factos e de suggestões para a historia da arte portugueza!...

Mas era preciso que as festas da reacção ultramontana se estendessem por 17 dias, embora tudo fosse improvisado e falso. E, com muito dinheiro e alguns titulares de meia tigella á frente, lá vão arrastando o churrião triumphal do Santo Ignacio!

Bem se importam elles com a arte!...

E veja-se como tudo muda com o tempo... e com as phases da lua!

Em 1881 o cabido da Sé de Vizeu, a titulo de que os de Lisboa lhe haviam estorquido o missal de Estevam Gonçalves, recebeu os emissarios da *exposição d'arte ornamental*, como se fossem os monstros do Apocalypse; e pouco faltou para os correr á lambada com as suas maças lithurgicas! Só mais tarde, á força de blandicias e astucias poude ser serenada a gana capitular.

Agora,—Santo Antonio milagrento!—os reverendos conegos foram em tal extremo faceis e accommodaticios, que até os magnificos quadros flamengos foram postos ao apetite do sr.

Conde d'Almedina! E toda a collegiada muito lhana,—attenta, veneradora e obrigadissima!...

As reclamações da imprensa e os protestos da opinião perturbaram o canonico accordo; e só poderam ir os quadros secundarios e desbotados do paço episcopal de Fontello.

De Coimbra sabe-se; recusa inflexivel do sr. Bispo-Conde, applaudida pela cidade inteira, á excepção de dois ou tres patetas, sem voto na materia.

Dos estabelecimentos do estado, tudo que quizeram. De Santa Cruz paramentos e alfaias, que a junta de parochia—attenta, veneradora e obrigadissima!—não teve a crueldade de rejeitar á afabilidade sorridente do nobre Conde!

Coimbra e a junta podiam exultar de jubilo porque na exposição se representava como uma peça capital da antiga ourivesaria portugueza,—a esplendida cruz de ouro, de D. Sancho I.

Ha sómente um ligeiro motivo de contrariedade a azedar a taça d'este prazer: é que, sem se saber como, a famosa cruz acha-se sequestrada em favor da collecção da Ajuda e convertida em propriedade da casa real!

O que, seja dito, em cousa alguma deprecia o valor da obra e a gloria da cidade!...

A custodia de Belem, por tanto tempo solapada pelo regio apreço, a titulo de pretendidas indemnisações, avaliada em 3:640\$000 réis! poude ser reivindicada, pelo temor do escandalo! A cruz de D. Sancho e tantas outras preciosas e ricas cousas ficaram; e estarão porventura destinadas a ter a mesma sorte do espolio artistico do rei D. Fernando, para o qual a nação concorreu generosamente na esperanca d'uma promettida restituição futura.

A exposição de 1882 foi notavel pelo impudor com que alguns magnates ousaram fazer gala de delapidaciones injuriosas. E teria sido occasião excepcional para serem praticados actos necessarios de resarcimento e de justiça. Se Justiça houvesse!...

E, n'esta mesma exhibição, em folia ao thaumaturgo, lá estão a par da cruz de D. Sancho mais—26 esmaltes que foram arrancados do Santuario de Santa Cruz,—e ora alli são expostos em nome da academia de bellas-artes!

Isto é apenas uma amostra imperceptivel da immensuravel rapina!...

Pinho Leal com a habitual e sacudida mordacidade d'um mysantropo bilioso diz, e não diz mal:

«Muitas das pratas dos conventos (como as de Santa Cruz de Coimbra) ficaram logo nas garras do primeiro ladrão, sem dar satisfações a ninguém!»

Assim mesmo! A expressão é de pinho, mas é justa.

A.

Porque seria?

Vê se na acta da sessão da camara de 14 do corrente mez:

«Lida depois a acta da sessão ordinaria do dia 6 do corrente mez e retirando-se da sala o vereador Manuel Miranda no fim da leitura, foi levantada a sessão pela presidencia, por ficar a camara em minoria, deixando sobre a meza aquella acta, sem que fosse votada a sua approvação.»

Em qualquer sessão o primeiro assumpto de que se trata é da approvação da acta da sessão anterior. A camara, porem, não procedeu assim na referida sessão, tratando previamente de outros assumptos. Assistiu o sr. Manuel Miranda, mas, depois de ouvir a leitura da acta, saiu, deixando a camara de funcionar por esse facto. Sentir-se-ia incommodado? Talvez.

O que podemos garantir é que andam influenciaes medicas no caso.

No capello do sr. Affonso Costa

Oração do sr. dr. José Frederico Laranjo (CONCLUSÃO)

Ha muito que na Universidade a faculdade de Direito tem o ouvido attento a todas as ideias e a todos os rumores do socialismo. O socialismo não deu entrada n'esta sala nos dias 24 e 25 de março d'este anno; para não começar de mais longe, em 1877 apresentaram-se aqui algumas theses socialistas; no livro portuguez que serviu de texto na aula de economia politica durante alguns annos, em todas as questões—divisões de trabalho, machinas, minas, caminhos de ferro, etc.,—indicavam-se sempre a solução individualista e as questões socialistas, procurando-se constantemente o que havia de verdade n'umas e n'outras; e no curso de economia politica do anno passado fez-se em lições, que foram impressas, a historia das doutrinas individualista e socialista, indo-se no individualismo desde os physiocratas Smith e Say até Proudhon e d'este até Herzen e Bakounine, e no socialismo desde Owen, Saint Simon, Fourier, até Marx e Lassalle, Henry George e Wallace.

Não conheço nenhum instituto similar em que se faça mais, não conheço mesmo nenhum em que se faça tanto, e, se não foi empolgado pelo interesse que o socialismo desperta, é porque a divisa da sciencia é—*tenere et non tenere*—possuir e não ser possuído,—observar e induzir e não ser empolgado e arrastado.

A encyclica do pontífice não resolve decerto a questão social, que não tem resolução que não venha senão do volver lento do tempo e da transformação fatal e necessaria dos elementos economicos, tanto technicos, como sociaes; mas se as fórmulas economicas das industrias, da propaganda e das relações humanas estão em via de transformação, tudo que preparar e realizar a associação de individuos da mesma classe ou de classes diversas, é por isso mesmo uma transição do individualismo para o socialismo, e auxilia-o; e se, pela approximação dos padrões e dos operarios, se puder diminuir a amplitude e a agudeza da miseria, evitar algumas luctas e poupar algum sangue, ha n'isso por certo algum bem; o ideal do meio de solução da questão economica não pôde ser, como na communa de Paris, uma guerra selvagem entre as classes, tendo por ultimo campo de batalha o cemiterio, á luz do incendio da mais gloriosa das cidades. O esforço da ciencia e de todos os homens de bem deve ser procurar soluções pacificas, e a igreja estará no seu papel sendo medianeira entre as classes, como outr'ora o foi entre a civilização e os barbaros, entre os reis e entre as nações.

O novo doutorando e eu somos irmãos em ideal; mas o advento da solução collectivista ou de qualquer outra analoga ou proxima, o meu sonho de fraternidade humana e de justiça economica, aquelle reinado de Deus, que na oração ensinada por Jesus se pede que *venha a nós*, que desça sobre a terra, tristemente para mim, julgo-o longe, talvez a alguns seculos de distancia.

Não vão surgir milagres, dizia Karl Marx; o collectivismo sairá do capitalismo pelas proprias forças que este põe em acção; pelo capitalismo, a propriedade e as industrias ir-se-hão concentrando, os operarios ir-se-hão reunindo em grandes massas, organizando-se em exercitos; quando estes termos oppostos da evolução chegarem a um certo auge, a transformação far-se-ha com justiça e com facilidade; ora se nos povos mais adiantados esta evolução não vaé decerto ainda em meio, n'outros está apenas em começo; a solução pois é remota. Alem d'isto, depois que Karl Marx escreveu, um facto da maior importancia se produziu no mundo: foi a guerra franco-prussiana,

Essa guerra fez retrogradar a humanidade; a questão social que estava no primeiro plano desde 1848 passou outra vez para um plano secundario, e as questões politicas, as questões de nacionalidade e de hegemonia das raças relomaram outra vez o lugar que parecia que tinham perdido para sempre. O que sae do fundo de todos estes factos é este lamento: Ai, o rythmo do mundo não é o rythmo apressado dos corações generosos!

O novo doutorando é, como já vos disse, uma alma d'entusiasta, é um aduz por certo; mas os que na sua audade não fazem syntheses rapidas e ousadas, não se sentem fortes, ou não são sinceros, e a sinceridade, a probidade intellectual é tambem uma qualidade scientifica, de primeira ordem.

É innegavel o seu talento e o seu amor de trabalho; na propria altivez das suas affirmações tendes uma prova da nobreza do seu caracter e, se outra garantia se precisasse, dava-o o padrinho da sua escolha, seu tio por affinidade, o sr. Francisco de Barros Coelho e Campos, bacharel formado em direito, governador civil de Vizeu, no ministerio do bispo d'este mesmo nome, por varias vezes deputado da nação, actualmente par do reino, e que foi presidente da camara dos deputados durante algumas sessões legislativas, caracter sem macula, reputação sem laivos, flôr dos bons, cuja presidencia era um brazão e uma honra para a camara que o elegera.

Representa-o com procuração, seu irmão e tambem tio do doutorando o sr. Antonio d'Almeida Coelho e Campos, general de brigada e commandante em Lisboa da arma de cavallaria, ajudante de campo de sua majestade el-rei, commendador d'Aviz e gran-cruz da mesma ordem, e do qual eu não direi como elogio senão que é da mesma familia que seu irmão, que pertence á mesma legião d'honra a que pertencem todos os seus.

O representado afasta-o d'aqui a recordação pungentissima d'uma tragedia, que convém relembrar.

Tinha do sexo masculino um unico filho; era intelligente, gentil como uma dama, ainda imberbe como um innocente, alegre e sympathico como uma ave; a vida para elle era um sorriso. Mandou-o para Coimbra estudar direito, e disse-lhe por vez que elle, que tambem aqui se formara, de vexado e humilhado com tropas, uma vez estivera a ponto de se esquecer que a vida humana era sagrada; pedia-lhe, pois, em nome dos mais santos affectos, que nunca entrasse em taes divertimentos, resto de ruins tempos e emprego de ruins almas, porque se n'um d'estes casos, n'uma revolta de dignidade offendida o matassem, elle seria tão desgraçado, que nem se quer poderia vingal-o.

Esqueceu-se do pedido do pae o coração do filho, e um dia, em que se misturou a um grupo que frequentemente vexava um estudante de pharmacia, o offendido, arremessando ao acaso uma pedra, derrubou-o com ella, perto d'este estabelecimento, ali, junto da alameda.

Levantou-se ainda, apalçou-se, pareceu-lhe que não estava ferido, teve ainda palavras de alegria, mas dentro do craneo houvera uma lesão, que lhe dilacerara uma veia, a fala embrulhou-se-lhe, o tetano sobreveiu, a medicina declarou-se impotente, e a academia, que estacionava ansiosa á porta do moribundo, assistiu-lhe ao funeral cheia de lagrimas e cheia de vergonha.

Quando o reu foi julgado, leu-se no tribunal um requerimento d'aquelle pae, que tanto idolatrava aquelle filho, declarando que não queria ser parte e pedindo que o accusado fosse absolvido.

Fui encarregado por uma parte da academia de então, e são volvidos 22 annos, de redigir um manifesto, pedindo em nome d'aquelle rapaz morto que acabassem as brutalidades que davam d'aquelles resultados; o brado foi esquecido; ou repito-o outra vez. Vaé tão alto o sol da civilização, que é já tempo de se trocarem por outras mais dignas e mais humanas as tradições e as praticas que contem em si a possibilidade d'estes episodios.

Perdoae-me o ter-me alongado tanto. Não tenho mais que dizer. Pelos seus dotes intellectuaes e de caracter, o sr. Alfonso Costa é digno que lhe confira o grau de doutor e que lhe deis um lugar entre vós, e é isso o que eu vos peço. — Disse.

EM COIMBRA—IMPRESSIONES

II

Sumario:—FESTAS.

Vae de feição para festas o tempo. Uma inferneira medonha por esse paiz contra as infamias de um bando de salteadores e um berreiro ensurdecador em festarolas grotescas aos patuscos da folhinha. Uma pandega.

Festeja-se o Santo Antonio, o S. João, o S. Pedro, uns pimpões da seita de Loyola, e geme este infeliz povo tolerando um descendente de D. João VI, o mais honesto patriota da gloriosa familia dos Braganças, e um João Franco, perseguidor de barricão, gigante de feira, que desacredita e deprime um povo que tem obrigação de ser honrado.

Ou não falle de tradições. E os da folhinha, que nunca existiram, não podem fazer o milagre de nos livrar de taes parasitas...

Em honra de S. João e para gloria do mesmo. levantaram pr'ahi alguns devotos sinceros arcos de buxo e bandeirolas onde os mancebos solteiros e as tricanas casadoiras bailaram durante dois dias até altas horas da madrugada.

A fogueira adulterada no seu papel d'outras eras, é um divertimento intoleravel e que o bom senso condemna.

As canções e as danças genuinamente populares, incontestavelmente portuguezas foram-se, mercê da corrente corruptora que tudo tem avassalado. Afidalgaram-se as tricanas desde que botaram espartilho e começaram d'exigir para marido um empregado publico a tres tostões diarios.

Valiam muito mais, digo-o sinceramente, nos bellos tempos em que as via de chinello e saia curta, do que actualmente espartilhadas e de sapatos á Luiz XV.

Afidalgaram-se e fugiram para a dansa patusca, desconsoladora e repellente dos salões corruptos.

E o que agora para ahí havia com tendencias populares, era uma *mayonnaise* ridicula de gente sem pensar.

Acabem com isso. Tenham juizo.

A fallar-lhes do que vi citarei tres pavilhões: o do Romal, o da Estrella e o de Mont'Arroio. Nenhum me satisfaz.

Arcos de buxo e sardinheiras, illuminações a gaz, ou petroleo mal cheiroso, eis a manifestação artistica mais horrivel dos admiradores do S. João, tudo isto de mistura com individualidades tuberculosas e disformes.

Uma miseria. Tudo decrepito. Moral, costumes, dignidade, tradições, vae tudo *agua abaixo* n'uma hecatombe assustadora.

E as canções populares, maviosas e singelas, soffreram, presentemente, o mais terrivel dos assassinatos. Sõmente canções descabelladas, miseraveis e rotas, filhas anemicas d'algum cabelleiro guitarrista nas horas vagas, resoavam pelo ar, sahindo de gargantas onde a *pharyngite granulosa* ou a *laryngite chronica* ha muito se havia estabelecido.

Specimens:

Oh meu lindo bem
Chega-me um calor
Quanto mais m'ó chegas
Mais eu sinto amor.

E esta:

Canta esta noite os amores
do nosso sonho doirado...
Cada par são duas flores
e cada abraço é um noivado.

Nem uma voz sonora, que gorgeasse amor, nem uns pulmões fortes, que demonstrassem saude.

Vozes roufenhas de carcassas de 20 annos. Triste e desconsolador!

Thysica e anemia. Danças? Não. Oleo de figados de bacalhau.

E os tocadores, coitados, lá estavam ao centro estirados n'um banco, arranhando com toda a má vontade, violas sinistras com nodos de vinho. Mettiam medo.

E o sol vinha encontral-os, cheios de somno, desafinados, medonhos, ca-

beça baixa, sem alegria, sem musica, n'um abatimento cruel; e ellas cansadas, roucas, amarellecidas, flores sem vida, n'uma prostração triste.

E assim rapazes e raparigas lá iam, 3 da manhã, respirar um pouco de oxigenio, a rarefazer os bronchios desfeitos, á Fonte do Castanheiro...

A volta parecia um enterro.

H. F.

Os typographos

Aturdidos pelo revoltear das fogueiras, os typographos da *Resistencia* esqueceram-se de mudar a cabeça do ultimo numero, de modo que em vez de **Domingo, 23**, saiu **Quinta feira, 20**. Tambem no *suelto* a respeito do sr. dr. Frederico Laranjo, em vez de «...concluir no proximo numero a publicação d'aquelle excelente discurso»,—foi dito: «...concluir no proximo numero a excelente publicação d'aquelle discurso».

Que os nossos leitores nos desculpem d'estas e d'outras mais leves faltas, e que Deus nos dê alguma paciencia...

A *Provincia*, jornal progressista do Porto, cidade onde jaz o coração de D. Pedro e a garganta gloriosa do «honrado Adriano Anthero» que deu os vivos ao rei, publica um artigo de fundo intitulado *S. João* e pede a este santo que dê juiz ao governo.

Por seu lado o governo apega-se com Santo Antonio.

Nós, visto como a politica deu em invocar o auxilio á côrte do ceu, chamamos para o nosso gremio S. Francisco, fado na efficacia dos seus processos de combate.

O preço das carnes verdes

Coimbra é uma terra original. Em novembro ultimo foram os marchantes obrigados a baixar um vintem no preço de cada kilo de vacca. Passado mez e meio, já essas excellentes pessoas tinham voltado aos seus preços predilectos. De modo que os consumidores estão pagando a vacca a trezentos réis, e os marchantes estão comprando os bois cada vez mais baratos. Se as autoridades não põem cobro a esta infrene especulação, não sabemos quantas violencias não serão justificaveis.

Felizmente que o recto procedimento da camara municipal de Aveiro fez acordar os nossos vereadores,—creaturas muito socegadas, que sòmente se concertam para enviar representantes ao arraial da sr.^a D. Amelia de Santo Antonio e Comesaãos connexas.

Aquella municipalidade intimou os marchantes a baixarem dentro de oito dias o preço das carnes verdes, sob pena de lhes mandar fechar os talhos e abrir um, municipal, para servir, em condições regulares, os consumidores. E, entretanto,—saibam os habitantes d'esta Coimbra desditosa,—a vacca, em Aveiro, apesar de serem mais elevados os impostos, estava sendo paga a **duzentos e quarenta réis**.

Urge, pois, que a camara de Coimbra intime os marchantes a baixarem o preço das carnes verdes **para menos de duzentos e quarenta réis o kilo de vacca**, sob pena de fazer a vendade carne pelo preço do custo, com simples addicionamento dos impostos por conta da municipalidade.

Se assim não proceder, sobretudo depois das declarações inertes, hontem, na *Correspondencia de Coimbra*, os habitantes d'esta cidade julgal-a-ão cúmplice, ou, ao menos, encobridora da exploração dos marchantes colligados.

Dispensas de exames

Aos alumnos do segundo anno de medicina concedeu o governo que se habilitem com o exame de allemão até ao momento em que tiverem de tomar grau de bacharel.

Tambem o governo não attendeu a representação da faculdade de philosophia da Universidade para que fosse exigido o exame de grego aos respectivos alumnos,—conformando-se assim com o parecer do concelho superior d'instrução publica.

UM DIA NA LAPA DOS ESTEIOS

Junho, o derradeiro mez da primavera, annunciara-se carrancudo e hostil.

Depois, humanisando-se um pouco, concedeu-nos as premicias d'uns dias formosissimos, inundados de sol abraçador, temperado de quando em quando pela aragem fresca...

Os saragoçanos prognosticavam coisas más; porisso era preciso aproveitar, enquanto era tempo, as frescas manhas embalsamadas de aromas subltis e as formosissimas noites, em que o céu, cheio de estrellas, se nos patenteia irradiando o fulgor e o brilho de diamantes da mais pura agua.

A cidade, nevoenta e triste. Os arredores, vestidos de luxuriante vegetação, exuberante de vida...

Era o thema forçado de todas as conversas, o elogio, o panegyrico, dos arredores d'esta velha cidade...

Um dia, depois de repisado o assumpto, assentou-se em alliar a pratica á theoria e ir passar um dia á Lapa, á sombra do bello arvoredor, tendo por leito o relvado, com o seu verde esmeralda salpicado de pequenas perolas e topazios de malmequeres...

Assim, rio acima, n'uma pequena baiteira, reclinados nos bancos do barquito, guarda-sol em frente, n'um bem-estar de alma, antegosando horas alegres, iamos seguindo distrahadamente os contornos delicados das margens bordadas de salgueiros.

O rio, correndo brandamente, n'um gemido surdo ao sentir-se rasgado pela prôa do bote, beijava, em osculos amorosos, os pedaços de areia que de espaço a espaço emergiam.

A cidade em amphitheatro, indolentemente reclinada sobre a collina e tendo por docel o azul do céu, parecia dormir...

Eu, languidamente recostado, fitava quasi sem as vér as casarias brancas, sonhando...

Aquelle grande casarão, o seminario, cheio de janellas scintillando sob os raios do sol, trouxe-me á memoria outros tempos.

E então, por extranho phenomeno psychologico, varreu-se-me do pensamento a actualidade e o passado veiu desenrolar-se ante mim.

Ha muitos annos, era n'esse bello tempo, um rancho de formigões, habitantes das Catacumbas, veiu uma tarde até á Lapa.

Após uma refeição ligeira, o nosso prefeito, um bom homem que a cada momento nos mostrava a palmatoria ou o junco, deu-nos largas para percorrermos a quinta.

Não paramos um momento. Quando estavamos prestes a retirarmos, os mais velhos da prefeitura, garotos de 14 a 15 annos o maximo, querendo dar ares de homens com gélito para a poesia, rabiscaram nas paredes alguns versos que, embora tivessem a sua assignatura, pertenciam a outro auctor.

Os mais pequenos, vendo isto, na sua inconsciencia de creanças e com o espirito imitativo proprio d'aquellas edades, correram a imital-os com toda a alegria de terem praticado uma grande obra.

... Ainda com saudade me recordo d'esse bello tempo e da alegria que senti ao contemplar o meu nome subcrevendo uma quadra de Bocage, que principiava: *Veloz borboleta*.

E na verdade, bem velozmente passaram aquelles bellos tempos.

Momentos depois, transportado á vida real, pela pancada do barco ao pequeno caes da Lapa, sentia-me rejuvenescido...

Saltámos em terra. Um grupo, mais madrugador do que nós, seguia com particular curiosidade a sorte d'um pescador.

Espalhados pela quinta, passearam os nossos companheiros, em quanto que eu, avivando gratas recordações, me deixava ir por allí fóra, ao acaso.

A guitarra do Mario suspirava em deliciosos trinados, a que as notas graves d'um violão punham um tom plangente, cheio de reticencias.

A ramaria inundava-nos de sombra, e a agua limpida e murmurante do Mondego deslizaava meigamente recostada no seu fundo de areia.

A dança começara e de entre os descantes que a brisa levava para longe resaltavam argentinhas gargalhadas... E a crescente animação vinha turbar

com os seus risos e alegres cantares a pobre Lapa, refugio dos namorados de outras eras, que alli iam confiar em mutuas confidencias as agruras e alacridades da alma, em juramentos solemnes de amor e constancia, alli onde tudo suspira amor, pois até os freixos amam, até os penhas dão ais.

A satisfação inebriante, resultante da alegre expansão do espirito, chega a um ponto em que tem de dar lugar ás necessidades organicas.

E d'ahi resultou que, ás 4 1/2, todos, debaixo da lapa, em pequenos grupos, nos sentiamos aptos a fazer as honrarias aos manjares que se ostentaram bellos,—puros e complicados,—e de uma belleza aperitiva, sobre um aparador arranjado no terraço.

O sol descia no horizonte illuminando com os seus potentes raios o abysmo onde devia desaparecer, quando do porto da Lapa tres botes tendo á frente o Biscas seguiam rio acima.

A terra já estava immersa na penumbra que antecede a noite, o crepusculo já lançava uma luz dubia sobre a ramagem, quando aportaram os barcos.

Desembarcar e recommear a dança foi n'um momento.

E as sombras da noite, envolvendo implacavelmente a terra no seu manto sombrio, fizeram dentro em pouco dispersar os circumstantes...

E ao recolher a casa, atacado d'uma melancolia sentimentalista, lastimava eu os contrastes d'este mundo, em que o goso e a alegria, se esvaem como o fumo, em quanto que os pezares e as tristezas se condensam em nuvens sombrias...

A. P.

Matadouro

Dizem-nos que a camara municipal abandonou a ideia de se construir o edificio do matadouro em Montes Claros e que pensa em escolher um novo local.

Que seja mais feliz, é o que estimaremos.

Novidades litterarias

Foi posto á venda o novo poema *Sagrador*, do illustre poeta sr. Egegnio de Castro.

Tambem está prestes a sair do prelo um novo livro de Silva Pinto, *Contos de Camillo*, prefaciados e largamente annotados pelo illustre critico e devotado amigo do glorioso Mestre.

Em seguida a este volume, publicará, com breve intervallo, o sr. Silva Pinto, *Neste valle de lagrimas*, *Moral de João Braz* e um livro sensacional, revelador de grandes escandalos, *Ajuste de contas*, em que reputações consagradas de muitos cavalheiros conspicios, ruião com estrondo, n'um estrebuchar de bandidos.

De todos nos occuparemos a seu tempo.

No dia 24 teve lugar a eleição da mesa da irmandade do Senhor dos Passos da Graça, ficando assim constituída:

Juiz.—Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos;

Escrivão.—Antonio Augusto Marques Donato;

Thesoureiro.—Manuel Rodrigues Braga;

Procurador.—José da Costa Rainha;

Mordomos.—Albano Gomes Paes, Augusto Gonçalves e Silva, e Augusto Gomes Paes.

Partido republicano

Ficou assim constituída a comissão municipal republicana do conselho de Lages, ilha do Pico:

Effectivos—Manuel de Avila de Mello, Manuel Pereira Gomes, João Garcia da Silva, José de Avila de Mello e José da Silveira Nunes.

Substitutos—João Antonio d'Azevedo, Manuel Gonçalves Maciel Junior, José Christiano Carrias, Vicente de Azevedo Freitas e Francisco José da Silveira.

Comissão executiva—Manuel de Avila de Mello, Manuel Pereira Gomes e João Garcia da Silva.

Carta de Lisboa

25 de junho de 1895.

Agora lhes vou fallar de Burnay, o empresario das festas autonimas, o incansavel Topa-a-Tudo que, farto de negociar com as côrtes da terra, volta seus olhos commerciaes para a côrte celeste, onde ainda hei de ver a banarrota que o belga e agora portuguez, patricio de nós todos, ha de provocar.

Vou contar-lhes de Burnay, fogueteiro, banqueiro, jornalista e portuguez, o discurso, ou antes umas phrases do discurso que elle fez na inauguração do bairro operario de Santo Antonio.

Burnay arvorou-se em protector dos trabalhadores. Se elles acceitam essa protecção, ignoro. O movimento socialista em Lisboa é grande, mas mal encaminhado. Os chefes, em geral, são de pouco valor, e a boa-fé muito vulgar por parte dos proletarios d'esta cidade. Mas creio que Burnay é tão *flagrante*, que a ninguem será possível crêr em mais este anjo da caridade.

Mas vejam o periodo. O homem faz concessões á massa operaria, mas vae dizendo:

«Não se pôde, em boa razão, partilhar de certos radicalismos collectivistas, porque o peculiar que cada qual com a graça de Deus, grangeou etc.»

Paro na graça de Deus, d'este Leão XIII da Junqueira que faz empréstimos ou encyclicas com facilidade industrialissima, e pergunto se agora o syndicato se chama a graça de Deus? E mais curioso interrogo todos os jornalistas intelligentes ou illustrados, porque não commentam este discurso do nosso actual compatriota?

E' pasmoso! No genero descaramento, só conheço o Navarro a dizer-se catholico e ardendo em sacro fogo contra a impiedade das massas.

Este Burnay, no fim de tudo, é a gazua com que tem de fêchar-se a porta do paiz.

Como tudo isto é ridiculo! O rei é d'elle, o governo é d'elle, os deputados, os politicos, tudo é d'elle. Agora até Deus. E que Nosso Senhor se porte com juizo, aliás Burnay publica-lhe alguma carta compromettedora.

As cartas, as letras! Eis a grande força de Burnay, eis aquillo com que elle faz tremer todos. Burnay credor de todos, Burnay com documentos de todos.

E lá se vae a côrte do cen. Santo Antonio é d'elle, os outros santos vão depressa.

Mas porque não falla a imprensa de

Burnay, se tudo quanto ha de mais antipathico é, n'estas festas, a sua intervenção como empresario religioso e civico, a sua intervenção como banqueiro?

Elle tem cartas! Elle tem letras!

×

Deixando em paz o dono de Portugal, não sei o que hei de dizer-lhes de politica.

Ninguem pensa n'isso.

Nem o partido republicano, que ainda não organiou aqui a sua commissão, o que dá que pensar a muita gente.

Eu não me admiro.

×

O congresso catholico está decorrendo no meio de todas as costumadas banalidades.

Coisa digna de attenção sômente a insistencia de todos os oradores, manifestando-se a favor das ordens religiosas.

E temol-as. E Burnay com o habito de S. Francisco. Que as armas ha muito tempo este as mostra ao paiz.

Jocelli.

Digam...

O sr. ministro da marinha, que mandou arrancar os tapetes da sua secretaria, pronunciou hontem na sala das sessões da sociedade de geographia, a proposito da installação da *Associação das obras catholicas colonias (escola missionaria)*, um discurso em que fez as seguintes affirmações, dirigindo-se á D. Amelia:

«Podia como homem publico hesitar sobre a oportunidade de forma e alcance d'esta nova instituição, porque muito do que melhor organizado nos parece deixa por vezes de corresponder em fins e em processos á ideia generosa, ou utilitaria, no seu bom sentido, em que se inspirou a organisação d'uma instituição; o facto, porém, de ficar n'esta confusão a direcção suprema a vossa magestade, deu-me toda a confiança para apresentar á regia sancção o diploma da instituição que vossa magestade acaba de installar aqui...»

Que prova de coragem! Que audacia! Um ministro reconhece que uma associação, aparentemente de bons fins, pôde ser de consequências sinistras, e não tem duvida em propor á sancção regia a sua approvação, porque... a rainha é uma senhora dotada de bons sentimentos.

Que grande patusco, para não dizer outra coisa, nos saiu o sr. Ferreira de Almeida!

Mas mais interessante que o discurso é o commentario das *Novidades*, órgão jesuitico dos catholicos Navarro e Colen:

«A' mingua de mais largos commentarios, que ficam para outra occasião, diremos que principia a abusar-se do nome de sua magestade a rainha para pôr sob o patrocínio dos respetos geraes e da vivissima sympathia, que elle inspira, obras e empreendimentos, que merecem e reclamam fundados reparos. E

nice experimentei um sentimento delicioso.—Bem depressa, dizia para mim, as planicies que vejo serão libres. Para lá d'estas planicies, ha outras que as nossas armas libertaram em breve. Depois, feita a paz, voltarei a ver meu pae, pedirei a minha noiva em recompensa dos meus esforços e trabalhos! Jane, é este o pensamento que me anima. E' elle que me dá coragem na pratica do dever. E' com elle que tu me verás entrar vencedor. Abraço-te minha boa amiga, minha querida e muito amada Jane...»

A voz de Jane, á medida que lia, tornava-se mais grave. Entusiasmava-se. Conhecia-se que a formosa rapariga se sentia orgulhosa de haver inspirado tão ardente amor. Mas, para o fim, desanimou. As lagrimas saltaram-lhe dos olhos, e foi por entre soluços que pronunciou as palavras «muito amada».

Dobrou a carta e metteu-a no selo; depois pegou nas rosas. Desfez o bouquet e com uma graça encantadora, correu em volta da meza offerecendo uma flor a cada um dos convivas—menos numerosos do que na vespera.

As mulheres puzeram as rosas nos cabellos os homens, collocaram a aste entre os labios; e quando os tres commissarios voltaram a fazer a sinistra chamada, seguiram-nos assim. Foi com a rosa que elles appareceram ante

uma exploração pouco louvavel, e que pôde ter seus perigos. O que se tem passado com as festas do centenário é uma comprovação ruidosa, mas não a mais frisante, dos inconvenientes, que por alto indicamos.»

Pelo que se vê, as *Novidades* não lucraram com o syndicato do centenário e a rainha muito menos. Até perdeu. Tem abusado do seu nome os exploradores!

Para nós é uma surpresa, porque nunca julgamos que os jesuitas fossem capazes d'isso. Mesmo porque a rainha pertence á seita.

Actos na Universidade

Nos dias 25 e 26 fizeram acto ficando approvados os seguintes alumnos:

FACULDADE DE THEOLOGIA

1.º anno—José Joaquim d'Oliveira Guimarães Junior e João Gomes de Carvalho.

2.º anno—Alberto Nunes Ricca.

3.º anno—Antonio Ferreira Pinto.

4.º anno—Albino Francisco Ramos.

5.º anno—Joaquim Coelho Pereira.

FACULDADE DE DIREITO

1.º anno—José Caetano Tavares da Costa Lobo, José Fructuoso da Costa, José Joaquim Henrique da Silva e Julio Augusto Carneiro de Gusmão.

2.º anno—Manuel Simões Alegre, Manuel Teixeira de Sampaio Mansilha, Manuel Thomaz de Bessa e Menezes, Matheus da Graça Oliveira Monteiro, Miguel Tobin Sequeira Braga, Ramiro Jacome da Costa Coutinho, Ruy de Betencourt e Camara e Silverio Maximo de Figueiredo Lobo e Silva.

3.º anno—Abilio Monteiro da Fonseca, Frederico Guilherme da Fonseca, Gervasio Domingues d'Andrade, Henrique Vieira de Vasconcellos e Jayme Duarte Moraes e Silva.

4.º anno—Cesar Augusto dos Santos, Daniel da Silva, Diogo João Mascarenhas Marreiros Netto, Eduardo de Moura Borges, Eduardo da Silva e Emilio Pereira de Sá Sotto Maior.

5.º anno—João Duarte de Menezes, João Lopes Garcia Reis, João Maria Simões Succena e Joaquim Rodrigues Davim.

FACULDADE DE MEDICINA

Houve exames de pratica.

FACULDADE DE MATHEMATICA

1.º anno—Alberto da Costa Teixeira.

2.º anno—Jayme Constantino Fernandes Leal e Luiz Caetano Pereira Guimarães Junior.

4.º anno—Agostinho Lopes Coelho.

5.º anno—Fiel da Fonseca Viterbo.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

1.ª cadeira—(chimica inorganica)—Vol.—Antonio Francisco Coelho, Francisco Antonio Honorato de Sousa Vaz. Obs.—Raul Lucas, Alvaro Ferreira Lima, Luiz Candido Lopes.

3.ª cadeira—(Physica 1.ª parte)—Obs.—Manuel Ferreira de Mattos Rosa,

o tribunal revolucionario, foi com a rosa que elles subiram ao cadafalso. O nome de Jane não estava na lista.

No momento em que ella se retirava, uma mão pequena tomou a sua. —Coragem! lhe disse em voz baixa; amanhã elle estará em Paris.

VII

O TRIBUNAL REVOLUCIONARIO

No terceiro dia, Jane chegou ao refeitório, corajosa, e alegre.

Tomou parte nas conversas; aproximou-se do circulo em que se divertiam com a guilhotina. Apenas sentada á meza, pôz-se a morder o pão como uma collegial, escutando os madrigaes um pouco frescos do sr. duque.

De tempos a tempos, voltava-se procurando entre os visitantes algum rosto conhecido. Mas nem a pequena Jenny, nem Henrique, nem algum dos seus amigos se encontravam na sala. Estava apenas a Combat, no mesmo logar da vespera, fazendo meia.

Jane teve desejo de a interrogar, mas conteve-se.

Não! disse; ella não é por nós.

Os commissarios e os soldados appareceram; começou a chamada; os prisioneiros escutavam-nos com tanto socego, que parecia ignorarem que se

Manuel José da Costa Soares, José Pinto da Silva Faia, Manuel Francisco Neves Junior e José Cypriano Rodrigues Diniz.

4.ª cadeira (Botanica)—Ord.—Manuel de Mello Nunes Geraldês, Obs.—Mario Negrão de Vasconcellos Monteroso, e Luiz Manuel Rosette, Joaquim José d'Abreu, José Baleiares Proença, José Manuel Furtado Duarte e Sergio Augusto Parreira.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 6 de junho de 1895.

Presidencia do bacharel João Maria Correia Ayres de Campos.

Vereadores presentes:—Ruben Augusto d'Almeida Araujo Pinto, João da Fonseca Barata, João Antonio da Cunha, Manuel Bento de Quadros, Manuel Miranda, Antonio José Dantas Guimarães, Joaquim Justiniano Ferreira Lobo, effectivos;—José Correia dos Santos, substituto.

O presidente principiou por fazer diversas declarações acerca do resultado da analyse feita ás aguas das fontes da Feira, Se Velha, Praça do Commercio e Jardim, e das providencias a tomar segundo o relatório apresentado á commissão districtal pelos peritos nomeados para esse fim.

Mandou intimar o bacharel Arthur d'Almeida, para retirar toda a pedra existente na valleta da estrada municipal de Sernache a Villa Pouca no sitio do Barreiro, proveniente do desabamento de um muro.

Mandou proceder á reparação d'um cano de esgoto que passa por detraz da cadeia, e á obra da ruua que existe entre as ruas Direita e Moeda, segundo as indicações do conductor de obras da camara.

Resolveu ceder á Escola Pratica Central de Agricultura todas as folhas das amoreiras que existem em Santa Clara, para alimentação de alguns exemplares de *Bombix mori*.

Resolveu fornecer diversos objectos para o expediente do cemiterio.

Resolveu tomar novas providencias para que cessem por uma vez abusos praticados por um proprietario do logar do Dianteiro, Antonio d'Oliveira, que tem feito escavações, vendendo com pedra o caminho publico no sitio do Marco.

Nomeou para o logar de thesoureiro privativo do municipio, precedendo a votação por escrutinio secreto, o cidadão João de Sousa Bastos, d'esta cidade, unico concorrente ao mesmo logar.

Nomeou Francisco Maria Felix para guarda rural de Villa Pouca de Sernache, e Manuel Cardoso dos Santos para vigia dos impostos municipaes.

Resolveu pedir ao chefe do districto para solicitar do ex.º ministro do reino uma portaria confirmando a auctorisação já concedida para que possa ser definitivamente contractado com a companhia de credito predial portuguez o emprestimo de 16:200.000 réis.

Resolveu mandar proceder á obra da ligação de um cano de esgoto em Fora de Portas a pedido de diversos proprietarios.

Despachou diversos requerimentos acerca de obras, para a construcção de barracas de banhos no Rio Mondego, pedindo attestados de comportamento, alinhamentos sem occupação de terreno publico, mudança de um cadaver de um jazigo particular para o jazigo municipal no cemiterio e exumações.

Retirando-se o presidente, bacharel João Maria Correia Ayres de Campos, foram ainda tomadas as seguintes deliberações:

Resolveu arrendar até ao fim do corrente anno pela quantia de 6.000 réis a Antonio José dos Santos, José Antonio dos Santos e Antonio Malaguerra, a parte de terreno que fica entre a capella do Senhor do Arnado e o muro dos herdeiros de Augusto Cesar de Sousa, para aquelles individuos estabelecerem ali carreiros de fazer cordas.

tratava d'elles e que era o seu julgamento e a sua condemnação, o que aquella lista vinha trazer-lhes, que a formosa menina, se sentiu pouco a pouco serena, não pensando mais em occultar o rosto á passagem dos companheiros que não devia tornar mais a ver.

O homem que tinha a lista pronunciou um nome.

Todos os convivas se levantaram. Este nome era um dos grandes nomes da França.

Aquelle que ia morrer pelo povo, como um seu ante-passado tinha morrido por o rei, saudou levemente, e inclinando-se para Jane:

—Senhora, disse, leve um grande pezar; esperava ter, durante alguns dias ainda, a honra de lhe offerecer o meu braço.

Quando elle deixou o logar com o seu ar de habitual indolencia e enfado, o commissario pronunciou um outro nome:

—Jane Bernard!

Elle voltou-se rapidamente.

—Ah! Sim.

E parou para acompanhar a formosa mulher.

Ella, estremeceu. Mas animada pelo exemplo dos companheiros, levantou-se com altivez.

—Senhor duque, servi de meu cavalleiro até ao fim.

Mandou passar licença para apascentamento de cabras, a 4 individuos de Eiras e Taveiro. Mandou canalisar agua (provisoriamente) na rua Garret.

Resolveu mandar proceder a diversos reparos na repartição dos impostos indirectos.

Resolveu proceder á construcção de uma valeta e bermá calçada na rua de Lourenço d'Almeida Azevedo.

Resolveu mandar proceder ao alargamento do Cemiterio da Conchada por haver conhecimento de que o recinto do mesmo cemiterio não está actualmente proporcional á população da cidade.

Resolveu representar ao Governo de Sua Magestade acerca da cedencia pela quantia de 1:000.000 rs. de terreno necessario para ser levantado no Cemiterio da Conchada um monumento ao finado dr. João Correia Ayres de Campos.

Resolveu celebrar no dia 13 do corrente a procissão de *Corpus Christi*.

Auctorisou diversos pagamentos.

Concedeu avencas para consumo d'agua.

Auctorisou a construcção de um cano de esgoto no largo de D. Luiz I.

Attestou acerca de 12 petições para subsídios de lactação a menores.

Reprehendeu o vigia n.º 13 dos impostos municipaes, por irregularidades committidas.

Mandou lavar termo de cedencia de 16.50 de terreno por parte d'este municipio ao dr. Augusto Antonio da Rocha, na rua do Tenente Valadim, para alinhamento de uma casa na rua de Sá da Bandeira, com a obrigação d'este proprietario fazer á sua custa um passeio e cano de esgoto.

SANTA CASA DA MISERICORDIA

A Mesa da Santa Casa da Misericordia annuncia que no dia 29 do corrente mez estarão expostos ao publico, desde as 3 até ás 7 horas da tarde, os collegios dos orphãos e orphãs de S. Caetano.

As auctoridades ecclesiasticas, civis e militares, os irmãos da Santa Casa e os jornalistas, se quiserem visitar os collegios antes de serem expostos ao publico, pode-lo hão fazer das 11 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Em seguida á solemnidade religiosa, que deverá terminar á 1 hora da tarde, far-se-á a distribuição dos premios aos orphãos e orphãs.

Não ha convites especiaes.

EDITAL

O Doutor Guilherme Alves Moreira, Provedor da Irmandade da Misericordia d'esta cidade de Coimbra.

Faço saber, em conformidade com o artigo 22.º, § 1.º, do Compromisso da mesma Irmandade, que a eleição da Mesa para o biennio de 1895-1897 ha de realizar-se no dia 2 de julho proximo futuro, na antiga sala das sessões do Collegio dos orphãos de S. Caetano, começando ao meio dia. A eleição ha de effectuar-se em conformidade com o disposto nos artigos 14.º e 22.º a 25.º do mesmo Compromisso.

E para constar mandei passar este, que vae ser affixado no logar do estylo.

Secretaria da Santa Casa da Misericordia, 26 de junho de 1895. E eu José Doria, servindo de secretario, o subscrevi.

Guilherme Alves Moreira.

Apertou as mãos aos que estavam proximos, tomou a rosa que tinha collocado diante de si sobre o copo de estanho, e, graciosamente se afastou pelo braço do seu companheiro.

A sala em que funcionava o tribunal revolucionario, era situada por cima das abobodas da Conciergerie.

Uma escada sombria, estreita, funebre, apertada entre grossas paredes, conduzia os accusados ao tribunal e tornara a levar-os ás masmorras.

Ao fundo da escada havia um pouco de entulho que dificultava a passagem. Jane aproveitou essa demora para arranjar o seu vestido e a sua louca.

Subil! disse uma voz em tom de commando.

—Os nossos estão por força muito apressados.

—E comtudo nós não somos muitos, ajuntou o senhor duque, como se fallasse dos frequentadores d'um salão ou d'um club.

Na sala que precedia o tribunal, e no proprio recinto do tribunal, a multidão murmurava á passagem dos accusados, e este murmurio resumia uma maldição. Mas quando viram Jane, com o seu rosto encantador, as suas faces coradas pela commoção, o brilho do seu olhar, acharam-na tão bella que o murmurio de colera se transformou em fremito de admiração e sympathia.

37 Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

VI

A CONCIERGERIE

A' noite, enquanto os nossos companheiros de armas dormem á volta de mim, eu penso na minha noiva. Se por acaso adormeço, sonho contigo. O sentimento que experimento com as tuas cartas é um mixto de dor e de prazer. Todas redobram o meu desejo de tornar a ver-te. Quando acabará esta separação? Quando se realisará o meu sonho? Depois de ter servido Roma, Cincinnatus foi cultivar os seus campos. Eu, soldado obscuro, tenho o mesmo desejo. Depois de servir a Republica, resta-me a casa de meu pae, recomeçar os meus trabalhos diarios, e viver para aquella que amo. Realisar-se-ha isto depressa? Espero-o. Hontem, antes do combate, sahi com os meus amigos. Subimos a uma collina que dominava os arredores. Estendendo d'alli a vista sobre a pla-

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do paiz
Excellentes aguas mineraes para doenca de pelle, estomago, garganta, etc.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM—BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Grande Hotel Club

Magnificas accomodações
Desde 15200 reis, comprehendendo serviço, club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.^a a 5.^a classe, duas salas com douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em **Lisboa**, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.^o, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no **Deposito geral—Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha. Agate, serviço completo para

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.^a
N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



宝 州 天

LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

COIMBRA

Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadilha, botacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, á Pampilha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar.—Chá medicinal de Hamburgo.

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha egual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum.—Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.^o—Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a.

A venda em todas as principaes pharmacias e drogarias.

E ESTA?!

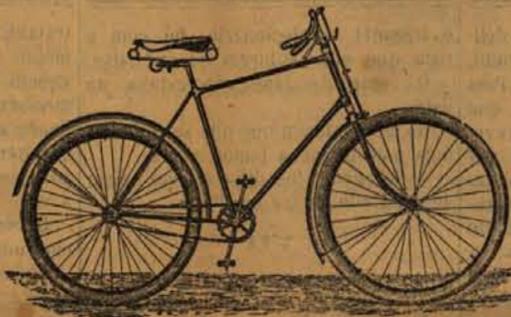
Pois a casa **LEÃO D'OURO** não teima em querer vender *Bicycletas Pneumaticas* para passeios e corridas, ultimos modelos de 1895, por menos que qualquer outra casa de Lisboa, Porto ou Coimbra, sendo estas machinas em nada inferiores ás melhores, até hoje conhecidas?!

Parece incrível, mas ide ver a nova remessa que acaba de receber e acreditareis!

Mas como poderá isto ser? É porque o proprietario d'aquella casa é o unico concessionario do fabricante em Portugal, com o qual acaba de fazer um contracto vantajosissimo e tambem o unico que actualmente em Coimbra as recebe directamente do estrangeiro; assim como lanternas e campainhas simples e de repetição para as mesmas e que vende por **preços excepcionaes**.

Estas machinas satisfazem aos mais exigentes velocipedistas, porque além de terem todos os aperfeçoamentos modernos, são:

Elegantes, solidas, ligeiras e baratas



Casa Leão d'Ouro

117, Rua Ferreira Borges, 121—Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corbas e bouquets, fnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Vinho verde

Especialidade em vinho verde de Amaranthe. Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA

Rua Martins de Carvalho

COIMBRA

Casa com quintal

Arrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapellaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

ESCRITURARIO

Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerece o seu prestimo por modica retribuição.

Quem precisar queira dirigir-se á *Casa Havana*, onde lhe serão prestadas todas as informações.

Arrenda-se

Do S. Miguel de 1895, em diante, a casa n.º 1, na rua das Colchas, com frente para o paço do Bispo; bem como, as respectivas lojas. Tem boas commodidades

Para tractar, com Joaquim Augusto Preces Diniz, rua Visconde da Luz, n.º 72—Coimbra.

Aos photographos amadores

Acaba de chegar á *Papelaria Central*, rua do Visconde da Luz n.º 4, um novo sortido de artigos para photographia, que esta casa vende por preços muito commodos.

ALUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

Trespasse

Antonio dos Santos Pereira, trespassa ou arrenda o seu estabelecimento de mercearia e taberna sita no largo das Ameias, (por baixo do hotel Mondego) com frente para o mesmo largo e para a rua da Solla.

O motivo do trespasse é por ter outros negocios a tratar e não poder estar á testa d'elle.

Tubos para pulverisadores de vinhas, vendem-se na Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a—Coimbra.

ARRENDA-SE EM CONTA

Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente. Mont'arroyo, 103, se trata.

Praticante de Pharmacia

Precisa-se d'um com alguma pratica, para uma villa proxima de Coimbra. Informações na drogaria Rodrigues da Silva & C.^a—Coimbra.

MANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES arrenda a sua casa, do S. Joao em diante, ao porto dos Benos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia.

Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

Arrenda-se

Do S. João em diante, o 2.^o andar é aguas furtadas, de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades. Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

CALDEIRA DA SILVA CIRURGIÃO-DENTISTA

Rua Ferreira Borges, 174

Consultas todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde. Collocação de dentes artificiaes por preços modicos.

VINHO ANALEPTICO

DE

A. GUERRA

Util nas convalescenças, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituente de effeito seguro. Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo. Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

Arrenda-se uma loja do S. João em deante, sita na Praça do Commercio, com os n.ºs de policia 104 e 105. Para tratar—Rua Ferreira Borges, n.º 110—Coimbra.



AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES
46, Rua Ferreira Borges, 48

Roupas completas para homem, de 55000 reis para cima! Alta novidade!

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2
COIMBRA

Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatro, etc.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:	
Anno.....	25700
Semestre.....	15350
Trimestre.....	680
Sem estampilha:	
Anno.....	25400
Semestre.....	15200
Trimestre.....	600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 reis—Repetições, 20 reis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 38

COIMBRA — Domingo, 30 de junho de 1895

1.º ANNO

A Revolução

Nada de sustos! burguez amigo, que o protesto d'um rebelde não é um clarim de guerra, nem a penna d'um jornalista é uma peça de Krupp.

Um rei gordo e luzidio vela sobre nossos destinos, e ali por esses quartéis, na tranquillidade d'uma digestão bemdita, a improductividade fardada é uma garantia de *Ordem*... emquanto for paga em dia.

Agrilhoada ás miserias do seu destino, a canalha nem dá pelo ruido da festa, e exalta realmente a dignidade da especie, a mansidão com que ella se aleventa com o sol e se deita ao cair da noite, satisfeita porque o excesso do seu trabalho aproveita aos felizes do mundo, aos dilectos da fortuna!

A porta dos tribunales chora de vergonha a justiça; mas consola as almas bem formadas ver a toga dos magistrados estendida como capacho de inverno á porta dos ladrões ricos. No velho symbolismo juridico operou-se uma transformação profunda, e ninguem hoje ignora que a balança não raro funciona com pesos falsos; todos sabem que a espada se fez punhal, convertendo-se a vara branca em cacete de fadistas.

A lei prostitue-se como rameira de infima especie á vista de todo o mundo, e porque já não pôde ser garantia de nenhum direito, pretendem pol-a ao serviço de todos os arbitrios.

Pincha por essas ruas o jesuita astuto, e ao passo que se vão fechando as escolas — temiveis focos de luz, adensam-se mais e mais as sombras da batina, como nuvens encastelladas em horizonte cheio de perigos. Procura a noite escurecer o dia, e os legionarios das trevas, envoltos no luto das suas capas, imperturbaveis, sombrios, revistam as suas forças em paradas de ostentação, e concertam planos de ataque no segredo dos seus covis. — Dá-lhes força um throno sem prestigio, e uma fidalguia sem virtudes.

De muito longe, vencendo o marulhar das vagas em estouvamentos de epilepsia, chegam-nos rumores surdos de guerra, — uma guerra de que já é facil prever as consequencias funestas, sem que se possam ainda determinar os motivos justos. Pouco a pouco, aos bocados, para lá marcha o exercito — troços de valentes expedicionarios que as balas poupam e as febres dizimam, intemeratos soldados que a ineptia dirigente atira para uma lucta sem plano, ao acaso, como na desordem d'uma aborragem ou nos delirios de uma embriaguez... de vinho. E cada dia que passa deixa ficar uma nodoa no livro das nossas descobertas, e retalha em beneficio do estrangeiro o mappa dos nossos dominios.

O generoso sonho d'Africa!
Mais alguns annos transcorridos, e d'esse imperio immenso que fundamos no continente negro, dominados por um delirio inconsequente de grandezas e uma febre ardente de aventuras, d'esse imperio restará apenas o registo glorioso na Historia, porque tudo teremos perdido. E porque a exiguidade continental não justificará, só por si, a nossa existencia livre, as potencias repartirão umas pelas outras as despesas da nossa nacionalidade extincta, como no caso da Polonia, e Koseiusko declamará porventura a sua phrase na ultima noite do Martinho. Simplesmente pelas margens do Tejo não reboarão, como pelas margens do Vistula, as imprecações dolorosas d'um povo que succumbe lançando ao mun-

do o protesto da sua independencia esmagada, porque a degradação nunca protesta, submete-se; a cobardia não reage, humilha-se. — Um veneno subtil embotou-nos a sensibilidade moral, e a extranha paralyasia que nos invadiu mostra-se refractaria a todo o esforço generoso, alevantado, digno.

Comtudo, almas timidas que a mais leve aragem sacode como a aza d'um cyclone; pessoas candidas para quem a phosphorescencia do cágalume é como a guela esbrazeada d'um vulcão em engulhos, julgam perceber lá ao longe, — muito ao longe? — os primeiros gritos da revolta, o *marche-marche* d'uma legião de insubmissos a caminho d'uma lucta purificadora...

Nada de sustos! burguez amigo. A nevrose do medo gera a perversão dos sentidos; a historia não diz que ella prodiga muitas vezes o barulho nas ruas, mas certificam as lavadeiras que quasi sempre desarranja as tripas.

Uma revolução! Que loucura?... E, todavia, é mais digno succumbir na lucta que apodrecer na paz; vale mais a cinza dos cemiterios que a vegetação dos monturos.

Mas nada de sustos! rico burguez amigo.

Emilio.

O *Jornal do Commercio*, do frade borra Burnay indigna-se por não ter o povo tomado a serio o cortejo civico do Santo Antonio e diz:

«Puzeram-se só os olhos da cara no cortejo, quer-nos parecer, que os da alma, esses, deixaram em casa as lunetas do sonho que é sempre bom collocarem-se para todas as coisas...»

A nossa opinião, a respeito dos olhos com que devia ver-se o cortejo, não se decide nem pelos da alma nem pelos da cara.

Antes pelo contrario.
E de monoculo.

Como protesto contra os maneijos da milicia negra de que é desvelada protectora a sr.ª de Orleans, realisa-se hoje, a convite da commissão anti-jesuítica, a visita á sepultura da infeliz Sarah de Mattos, no cemiterio dos Prazeres.

As pessoas que concorrerem a esta piedosa commemoração devem depôr sobre o coval da victima da torpe seita jesuítica uma flor, e receber um boletim de presença.

Que ninguem falte ao cumprimento do seu dever.

Lê-se n'um jornal:

«Tem sido muito commentada a redacção d'uma ordem á força armada de Moçambique, publicada no n.º 48 do *Boletim Oficial* de Moçambique.»
E' a seguinte:

Repartição Militar
N.º 3
Ordem á Força Armada
do
Exercito d'Africa Oriental
Moçambique, 1 de Março de 1895

Sua Ex.ª o Conselheiro Commissario Regio, commandante em chefe do exercito, determina e manda publicar o seguinte:

Em Africa o paisano Antonio Ennes general em chefe, em Lisboa Burnay commandante da brigada mixta do cortejo.

Decididamente, se Napoleão resuscitasse, era preterido pelo Sergio de Castro.

Chegou hontem de visita a Coimbra o nosso querido amigo, João Cooke, da Figueira da Foz.

Cumprimentamol o.

Notas d'um azedo

VIII

X—*Pelas letras*—Ponto de fé, indiscutivel, clarissimo, é este, de não poder exigir o publico, leitor assiduo, paciente, de gazetas, pelos dezreisinhos com que se esportole dia a dia mais do que a politica pornographica do artiguinho de fundo, dos nossos illustrativos, ao *conte-rendu* completo, bisbilhoteiro, da ultima naifada da Mouraria ou do ultimo baile aristocratico, esplendoroso, com chá e bolos, no palacete historico do *sportman* Lederma.

Por dez réis, — deixemo-nos de lérias! — a nobre missão da imprensa, alavanca do progresso, morigeradora dos costumes e mais banalidades da chapa, não pôde ser outra: e attenta ainda, levada em linha de conta, a profusão descommunal, infinita, dos usos domesticos a que uma folha de grande formato, de papel domavel, pôde prestar auxilio valioso e desinteressado n'uma casa de familia — desd'as papeletas para as farripas das meninas até á hygiene secreta do papá — hemos de confessar: o respeitavel burguez não tem razão de queixa, é muito bem servido, apanha um pau por um olho, um ovo por um real.

Reclamar ainda por cima, sem augmento de preço, uma orientação scientifica, solida, racional, um respeito profundo, consciente, pelas regras mais rudimentares da grammatica e do bom senso, modos de dizer correctos, prosa elegante, pontos de vista ineditos, cerebrições originaes, criticas d'arte certeiras, apreciações litterarias justas, sem compadrios, sem despausterios, tudo isto amalgamado com uma honestidade sem gralhas, com uma corrección sem desvios, — palavra d'honra! — mais que prova de mau gosto, de pacovice ingenua, é desconhecer por completo, não fazer uma ideia vaga, remota, das aptidões e das consciencias dos seus contemporaneos jornalistas...

É querer muito; é esticar por ali alem os paragraphos da Carta, que, se permitem ao cidadão portuguez ser bruto a seu talento, não lhe concedem em materia de ideaes, em materia de exigencias, muito mais que a cevada dos celeiros, a relva verde das campinas.

D'ahi o não ser licito, não ser airoso, o vir a repontar, com protestos energicos, tremebundos votos de censura, contra a venalidade corrente, ingenita, da gazeta A, que chamou honesta e proba a firma social *Navarro & Mariano — Empalmações por grosso. Pinhal da Azambuja* — encontra a estupidez proverbial, crassissima, do periodico B que debita ao grande romancista do *Corcunda* as honras de luminar da litteratura, estylista de polpa, quando é certo o termino nós aprendido, logo com o cathecismo, em primeiras letras, que os das *Empalmações* ao contrario de dois cavalleiros são dois gatunos, que o do *Corcunda*, em vez de laminar de polpa, é um simples pateta das luminarias.

D'onde, o amigo, concluirá, á certa, a rasão forte, a sã justiça que me leva, muito naturalmente, sem azedumes, sem ironias, a não embicar com as gazetas conspicias que vae para um mez vêm gastando columnas com criticas dulcissimas, de compota de ginja, ao merito e mais partes de dois livros que eu tenho a lealdade de considerar simplesmente detestaveis. Deixo em paz as gazetas, não pro-

testo contra as dengosidades dos seus melifluos dizeres, mas não me permitto o remetter-me ao silencio com a nota discordante dos threnos em honra da morte do *Agostinho* do sr. Teixeira de Queiroz, ás ladainhas em honra dos *Santos Portuguezes* do sr. Silva Pinto, pela rasão pesada, sedição, de que a verdade manda Deus que se diga e, porque, positivamente, me não soffre o animo o ver impingir gato por lebre aos meus contemporaneos, que, inexperientes e prodularios, se deixam ir pela arreata, atraz dos seus periodicos, na compra e no louvor dos dois volumes.

Demais, nem o sr. Teixeira de Queiroz, nem muito principalmente o sr. Silva Pinto, perder podem com o meu desabafo, o mais insignificante florão das auriluzentes corôas de gloria que o futuro, em sua justiça, lhes ha reservado, ao sr. Teixeira de Queiroz, como exemplar chefe de familia e accacia ornamental da democracia conservadora, pacifica e azul e branca, com medo ás pneumonias e ás revoluções, ao sr. Silva Pinto como estylista impeccavel, pamphletario sem emulo e critico de extraordinaria envergatura, como vulgo egregio, inconfundivel, da pleiade restrictissima dos grandes litteratos portuguezes.

Pelo contrario, se um cataclysmo cosmico arrebanhasse para os paramos azulineos lá de riba as minhas estantes e as estantes todas onde as obras de Silva Pinto e de T. Queiros esperam encolhidas, friorentas, o veredictum dos d'aqui a 1000 annos, e por milagre, muito possivel mercê das boas relações, dos laços de parentesco que ao Silva Graça jungem os mariolas do *Flos Sanctorum*, só escapassem, como recordação do nosso tempo, uma arca de Noé feita de colleções recentes do *Seculo* da rua Formosa, imaginem a lindeza de commentarios da archeologia que esquadriñadora a topar fosse com as criticas do Magalhães e por ellas houvesse de abitalor do valor intellectual, do merecimento litterario dos dois escriptores... Imaginem.

E assim, não. Escape, ou desappareça o meu protesto, os Possidonios do futuro terão artes de o desencantar entre as preciosidades extraviadas d'este esbarrondar de intelligencias, d'este desmanchar de feira, reinadio, patusco, d'uma litteratura que apodrece na hilarante mesquinharria dos romances-folhetins, dos poemas rosalinicos, das elegias esothericas e das criticas miolo de pão.

Para outro dia, pois, lançar epistola aos corinthios do futuro, sobre as laureadas obrinhas dos bemaventurados escriptores.

F. V.

Na comica contenda levantada ha tempos entre o bispo de Beja e o governador civil d'aquelle districto, interveiu agora a camara municipal, lançando na acta um voto de censura ao bispo, por este não ter consentido que o governador civil lhe beijasse o anel. Decididamente estão doidos.

Exames distinctos

No lyceu d'esta cidade fez exame de portuguez ficando approvada, e exame de francez, sendo justamente distincta, a menina Isaura d'Oliveira, filha dilecta do nosso amigo José Mauricio d'Oliveira, professor complementario em Leiria. Os nossos parabens.

As festas do centenario

Carta de Lisboa

27 de junho de 1895.

«Os homens não se immortalizam com os monumentos, que levantam á Sabedoria, mas também s'immortalizam pelos que levantam á parvoice; e assim como ha Heroes na virtude, igualmente os ha (e é de fé que os ha) na Asneira.»

(Os Burros)

Começo por estas palavras do frade José Agostinho, grandissimo patife e maior talento, que teve, na critica ás cavalgadas do seu tempo, a intuição nitida e perfeita do que seria o paiz d'hoje. As palavras do frade, já os amigos adivinham, cito-as a proposito do cortejo infernal que atravessou Lisboa, levado pelo conde de Burnay, cuja phantasia, n'uma scena que pareceria inverosimil a um Edgar Põe hystrião, fez desfilar a feira da Ladra, entre milhares de pessoas, aturdidas, rindo ás gargalhadas, assobiando, apupando aquillo que, no fim de contas, não é mais do que o paiz pintado a vermelhão, derreado e comico, familia de saltimbancos, tribu de ciganos trilhando a estrada que lhe traçaram, a começar n'um alcouce e a acabar n'uma cloaca.

Se vissem!
Se vissem, haviam de comprehender os meus momentos de odio e desprezo por esta patria, que eu não sei se hei de querer se desprezar, tanta amargura faz sangrar ao meu coração de portuguez, com tanta tristeza ensonbra o meu espirito e a minha honra de homem.

Quem escrevesse, mais tarde, o que se tem passado desde ha dez annos em Portugal, não seria acreditado. A imprensa accusaria de calumniador do seu paiz quem, n'um livro intitulado *O Portugal*, dissesse toda esta historia de canalhas grotescos, de bebedos infelizes, de viciosos inferiores, de uma raça que se não sabe como degenerou e que, tendo cahido tragicamente n'um areal da Africa, apparece hoje, cambaleando e rindo, alvar e miseravel, inspirando tedio e causando dó, á Europa que pergunta apiedada d'onde vem isto, o que é isto!

O que é, perguntam!
Todas as dejeções de D. João VI, amassadas, que deram o Portugal de agora, como o barro no principio do mundo tinha dado o primeiro homem! Simplesmente o extracto brigantino não foi animado, como o lodo biblico, pelo sopro de Deus, mas por outro a que é rebelde a humana pituitaria.

Nada mais!
O que foi aquelle cortejo, o que foi aquella infamia, nos seus pormenores e nas suas anecdotas, o que foi o preparar da festa n'um barracão d'alfandega, onde virgens canonisadas em Faro, em fralda de camisa, batiam o fado com soldados ebrios e trocistas travestis em frades, em sabios, em grandes senhores, já o sabem pelos jornaes.

Aquillo excedeu a expectativa de todos que podiam desejar um *fiasco*. Chegou a cansar tanto ridiculo. Já não se podia rir. Para o fim assobiava-se, gritava-se, n'uma loucura obscena. E, a demorar-se mais a mascarada, instinctivamente, n'uma consequencia logica de todos os seus movimentos e da evolução das suas impressões, o povo apedrejaria, esfarraparia tudo

aquillo e, decerto, acabava por engrossar o bando n'uma grande nuvem de doidos invocando o ceu, invocando o inferno, chamando a morte, atrojando os astros, n'um delirio de gritos e gestos descompostos de milhares de possessos repugnantes e comicos, provocando o riso e desafiando o esgarço, espavorindo tudo!...

Chegou enfim a morte.

Alcacer Kibir fechara a dynastia do Aviz, n'um sonho de loucura heroica. O povo, como um espectro, levantou-se ainda a caminhar. Alma do outro mundo, a tunica ensanguentada, a espada caindo-lhe das mãos. Vida de sombra, pesadelo da Desgraça! Agora morreu, cahiu na feira da Ladra, levado ao combate pelo general Burnay. Acabou-se.

A gargalhada, á gargalhada!

Já não apparece aquella sombra que dizia ao moço rei Sebastião: «Choro por mim, choro por ti, choro por quantos vão.»

Acaba tudo á gargalhada!
A gargalhada!

O cortejo representava Portugal. D'esta vez não ia a companhia toda. Mas creiam que é fazendo a figura d'aquellas virgens grávidas e d'aquelles marmanhões pintados de preto, bebados, aos pinotes, que Portugal desfila perante o mundo inteiro. E' toda a gente d'uma inverosímil *cour des miracles*, conduzida por Burnay, o rei Bobeche, o general, o empresario do paiz, agora elevado á categoria de syndicateiro do ceu!

Burnay! Burnay! Tu comprehendes bem que não vale a pena ser explorador em Africa. O preto ás vezes tem a azagaia venenosa e traiçoeira, e as febres do pantano exterminam, sob o sol ardente, o viajante desesperado já das riquezas que busca. Selvagens menos perigosos, minas inexgotáveis, encontrastel-as em Portugal. Esta gente é como a d' Africa.

Só diferente na cor e na coragem, todos brancos e mansos como o cordeirinho paschal. No mais, o olho esbugalhado perante as cores estridentes do arraial e das luminarias, reluz como o de qualquer makololo. Tu, aqui, passas a tua missanga «com a graça de Deus», como dizias ha pouco em um discurso.

E's feliz! E's tudo em Portugal! Foste sagrado rei dos farrapos, á frente do teu cortejo de mascarados imbecis ou torpes. Deram-te, além das mascaradas, um sequito de marinheiros. Restava de bom essa gente, que atravessa os mares e que as ondas conbecem ha tanto tempo. Vivia n'elles a lenda. Eram honrados, eram valentes. Fizeram d'elles teus comparsas. Completa o quadro, amesquinhando-os mais, e, como não temos navios de guerra, falamos navegar nos carros do Jacintho e passar, como uma flotilha nova puxada a mulas, em frente ao teu palacio da Junqueira, o grande porto onde ás vezes procuram o abrigo das tuas maravilhosas festas, o rei, os ministros, toda a gente que nos explora, nos arruina, nos deshonra e faz chorar de raiva e de vergonha aquelles a quem as lagrimas impedem o coração de endurecer.

Burnay faze-te Papa! Burnay, tu que já te fizeste portuguez, faze-te rei! Dize ao teu collega D. Carlos que te empreste aquelle manto celebre, e passeia-te pelas ruas de Lisboa, para que se saiba que o Marianno tinha razão, quando lhe chamava a capa de ladrões.

Anda Burnay Miramolim de Marrocos, virgem das onze mil, Credor eterno, *Speculum justitiae! Stella malandrina!* Ave! Cesar, que o povo não te diz *morituri te salutant*, mas sempre pandégo exclama: «Lindos olhos tem o mocho!»

Não pôde haver illusão alguma. No centenario de Santo Antonio jámais houve a intenção de glorificar um portuguez illustre, mas unicamente o pretexto para exhibir forças clericais,

sem raizes no sentimento religioso, firmando uma alliança com o throno para a defeza d'este e esplendor da nova epocha de reacção, iniciada com um impudor irritante, que ás mais simples almas repugna. E, como nos partidos liberaes não havia força, nem prestigio para combater o movimento, veio o Ridículo auxiliá-os. Foram felizes, mas não contem sempre com o Acaso. É certo que o golpe falhou agora, mas não quer dizer que o perigo tivesse passado. Muito pelo contrario. Alli, no congresso catholico, ao lado de dissertações de bibliotheca barata, contra a sciencia moderna, ergue-se a voz de energúmenos aclamando, sem que o governo a tal se opponha—o Papa-Rei!

Esse governo de viciosos, malcreados ou cretinicos, prohibe congressos republicanos, mas consente sedições de reaccionarios.

Nada d'isto é para desprezar, e não é decerto com congressos socialistas, cheios de boas intenções, como agora, que o perigo se desfaz.

Não. O congresso socialista, pela fórma por que se faz, não basta. Ha sinceridade em alguns operarios, mas em certos lyricos e rhetoricos, sem saber e sem caracter, existe simplesmente uma armadilha á popularidade. Com isso é necessario muito cuidado. E sobretudo tratem de evitar o ridiculo, porque é para despertar a gargalhada, por exemplo, uma proposta apresentada no congresso para a suppressão do ensino da lingua latina. Porquê? Imaginará o illustre proponente que a philologia exclue o latin, só porque o sr. Epiphany chumba meninos estúpidos e cuspinhentos, que nada sabem?

Parece-me demasiada phantasia querer considerar como factor de renovação economica da sociedade a suppressão do hora, ae. Ridículo em tudo!

E' uma fatalidade. A alma da Nação é a Maria Rita que morreu a rir.

Alguna popularidade da rainha Amelia desapareceu.

A proposito das festas, fallamos n'ella como a sua principal protectora, pondo a sua influencia ao dispor do Burnay e dos jesuitas, tecendo uma grande intriga para firmar toda a *Arte da Caridade* commovendo as almas, enjaulando-as n'uma sachristia. Enganou-se e comprometteu-se, o que eu estimo sinceramente.

Eu não offenderei nunca a sr.^a D. Amelia, pelo mesmo motivo por que não offendo a minha velha engomada, que morre a trabalhar para sustentar dois filhos—porque não insulto jámais uma mulher. Mas, se a especiosa distincção, inventada pelos politicos, que chamam ao ministro ladrão e o consideram como particular homem honrado, se essa distincção pôde por acaso aceitar-se, é agora a proposito da sr.^a D. Amelia.

Como mulher, creio que a sr.^a D. Amelia seja uma excellente mãe e uma digna esposa, mas como rainha é simplesmente uma descendente dos Orleans, uma fanatica perigosa, com a credence e a astucia das educandas do jesuita.

Felizmente que a illusão a respeito da burguezia edição da sr.^a D. Maria Pia se desfez n'um grande tedio pela mulher perigosa, que inspira a cada passo receios que a tradição orleanista explica, e a politica de alguns hypocritas justifica.

Ainda bem! A rainha quiz abusar e perdeu-se. Ainda bem! Ainda bem!

A proposito das virgens e virtudes do cortejo, comprehendo eu porque o Marianno, o Burnay e o Navarro se indignam com certos epithetos menos doces, que lhes dirigem. E na verdade, havendo *virtudes* d'aquella força, porque não chamar virtuosos a tão inclitos varões?

Extranhou-se que, dada a especie das virgens, o sr. Carlos Valbom não

fosse tambem junto ao carro das Virtudes. Explicava-se o caso pelas phases da lua.

Na vespera do cortejo, o Sousa Casaca, ainda não tinha arranjado virgens em numero sufficiente, pois que na Mouraria os fadistas impunham a varias marafonas o não figurarem com arroubos mysticos de Santa Thereza, na procissão do Burnay. Por este motivo, o sr. Marquez de Vallada fez uma remonta de virgens masculinas, que as outras apedrejaram, quando se preparavam para o cortejo. A concorrência provoca d'estas deshumanidades.

A amazona Spampani, uma aventureira qualquer, representava a filha de D. Alfonso Henriques. Ora eu não sei se a filha do velho Affonso, cuja figura de respeitavel ancião conheço d'um retrato que existe na sala dos Capellos, merecia ter, como delegada no cortejo, uma *cocotte* montando em alta escola, mas quer-me parecer que, a representar-se alguem de sangue real, devia ser da dynastia de Bragança, onde as virgens de hontem encontrariam como sua digna collega a respeitavel Sr.^a Carlota Joaquina, de vestalissima tradição.

Alterava o sentido historico do cortejo? Porém, se elle não representava a historia dos portuguezes, mas a historia dos makololos, que mal fazia?

Alguem me perguntou se, na realidade, eram soldados aquelles homens, de que Burnay dispunha, como de miseráveis comparsas. Eram; e quando os vi, pensei nos que morreram na rua de Santo Antonio e nos que hoje morrem na Africa. E ali no Tejo, enquanto elles passavam, vestidos de mascaradas, os inglezes decerto recordavam o dia do *ultimatum*, que a nação recebeu submissa e resignada.

Quem sabe? Talvez aquelles soldados seja dada ordem para fuzilar o povo, quando á rua sahir a mascarada tragica da Fome!

Das janellas do ministerio da guerra o rei, toda a corte e o ministerio viam desfilar o exercito do sultão da Junqueira. O povo deslumbrava-se a contemplar as sedas e os doirados de toda aquella gente. Sentia-se feliz e lembrava-se decerto do que o corregedor de Vizeu dizia ao inglez: «Portugal é um torrão d'assucar». E. Mas não deixam de ser tambem verdadeiros a respeito do paiz, estes versos do José Agostinho, com que fecho a carta:

«Tal a condição é da lusa gente
Que os burros que mais coisas lhe disparam
De regel-a sómente encontram dignos.»

Não me podem accusar de impio. Começo e acabo com palavras d'um frade.

Jocelli.

Na quinta feira ultima morreu afogado no rio Mondego, proximo á Memoria, um soldado que alli fora tomar banho com alguns companheiros. Quando serão tomados em consideração os muitos sinistros que no Mondego se dão todos os annos?

Partido republicano

A convite de um vulto proeminente reuniram-se os republicanos da Villa de Albandra, deliberando eleger a sua commissão municipal e encetar luta tenaz e energica contra todos os ladrões e deturpadores da honra, brio e dignidade nacional.

Que os nossos valentes correlligionarios não esmoreçam na luta encetada, e que o exemplo se propague em breve por as demais villas do circulo, é o voto dos que, com tão energicas companhias, trabalham para a implantação de regimen Republicano, unico que salvará este desgraçado paiz que vae arrastado pela corrupção dos seus governantes para um abismo de onde não mais se levantará.

Theophilo Braga

Tem produzido, em Lisboa, uma sensação extranha, a campanha que o illustre homem de sciencia que se chama Theophilo Braga está empreendendo contra os seus collegas do *Curso superior de letras*.

Temos que intervir com a nossa opinião. Ha um certo sentimentalismo hypocrita e reles que manda á gente *sensata* que se não metta em questões alheias. A *Resistencia*, todavia, pensa de outra fórma. Demais aquillo não é uma simples questão pessoal. Pelo contrario: attinge as proporções d'uma questão social pela collectividade que n'ella entra e pelas personalidades que n'ella figuram.

Publicamos abaixo a declaração que o sr. Theophilo Braga mandou para a *Vanguarda*. As calumnias de varias gazetas de Lisboa são tão miseráveis que nem sequer lhe dedicamos uma linha.

Além da verdade que assiste a Theophilo Braga, além da justiça que lhe pertence, bem evidenciada pelo illustre professor nas columnas da *Vanguarda*, uma coisa destaca: é a coragem indomável do sr. Theophilo Braga contra essa alcateia de feras pelo rancor e de podengos pelos dentes.

Só um espirito temperado n'uma altissima orientação moral pôde assim arcar, como um domador de feras, com a tricatintagem que o assalta. Não temos que fazer apreciação, por agora, a respeito dos preclaros lentes do curso superior de letras. Só notamos uma coisa: a perfidia dos ataques d'esses professores, entre os quaes destaca o perfil deslavado d'um denunciante e a firmeza intemerata e nobre do sr. Theophilo Braga.

É pena que o *Curso superior de letras*, descesse tanto e tão unanimemente á baixa onde se enlameia.

Que bello exemplo para a juventude que frequenta aquelle Instituto.

Declaração

Chamado para o conselho escolar do Curso Superior de Letras do dia 28, para tratar-se das pautas e constituição das mezas dos exames, compareci, como era meu dever.

Em carta anonyma tinha sido prevenido pela seguinte fórma: «Não vá hoje ao Conselho Adolpho Coelho e os outros tencionam agredil-o. Tenha cautela; são capazes de tudo.»

A cautela que tomei foi deixar em casa o meu canivete, para evitar tentações. Terminado o conselho escolar, saí, adeante de mim, Adolpho Coelho e escondeu-se fóra da porta de um corredor. Quando eu saia, atirou-se-me furioso; mas facil me foi o suster-lhe os impetos, por fórma que não pedirei ás *Novidades* a sua pintura de leão.

Appareceu em seguida Vasconcellos Abreu, tambem a atacar-me; mas tambem me não podia metter medo o homem que uma vez chorou ao pé de mim pela bofetada que lhe deu Bernardo Teixeira de Aguiar, a que não replicou.

Não me dou por valente, mas não temo aggressões, por que gradúo a minha defeza desde a repulsa natural até á morte.

A noticia das *Novidades* salva-me d'uma accusação calumniosa, porque podiam attribuir iniciativas criminosas e exigirem-me responsabilidades sob testemunhas falsas, de que são capazes. Vasconcellos Abreu ameaçou-me, de que atacavam agora aquelles dois professores, e depois todos os outros. Francamente, podem ir pintar para as *Novidades* os seus assaltos espantosos, porque eu contento-me com os meus recursos de defeza, que empregarei até á morte.

Lisboa, 28 de novembro de 1895.—
Theophilo Braga.

Novo matadouro

A commissão administrativa districtal approvou o novo local escolhido pela camara para o matadouro. Ficará no planalto de Santa Cruz, junto ao muro de Montes Claros, a distancia de 100 metros approximadamente do local onde anteriormente se projectava edificá-lo.

Trata-se de um assumpto importante para Coimbra, a que no proximo numero nos referiremos com o devido desinvolvimento.

Diario d'um rebelde

VII

Se me é permitido e não offendo ninguém...

Sim, porque, pelos modos, é offensa para os brios da gente christã fallar em desabono das festas do santo.

E de tal fórma que estamos nós n'esta situação critica: se fallamos, eis que d'ahi salta o respeitavel publico a gritar que somos atheus, o respeitavel publico cordato que se diz republicano n'esse momento, tendo o cuidado de callar as opiniões, no resto dos momentos; se nos callamos, eis que rabeia, sem o entrave d'um protesto, pelas lusas terras a mais sordida pepineira e a mais velhaca exploração que se pôde imaginar.

Em todo o caso, pelo sim pelo não, vamos fallando.

Eu nunca me convenci de que os jesuitas fossem capazes de fazer uma manifestação, que fosse muito alem da classica funcanata de igreja com instrumental mais sonoro do que o costume e fogo preso mais berrante do que o uso. Mas sempre me parecia que haveria menos estupidez do que a precisa para realizar um cortejo allegorico em que a ignorancia dos motivos correu parrelhas com a pelinrice imaginativa; um congresso catholico sem gravidade nem altura etc. etc.

E eis o que eu não perdoo á malta negra que rasteja pelas sachristias de Lisboa, evolucionando, á ultima hora, ao gesto do Burnay.

Que chegassem a braza á sua sardinha, para me servir do plebeismo expressivo, comprehende-se; que para isso lançassem mão de todos os processos, congressos, mascaradas ao ar livre, tiros aos pombos, etc., não se extranha. Mas que tudo desandasse n'uma pelinrice de arraial com melancia verde e peixe frito, extemporanea e tola,—eis o que é imperdoavel, pela pobreza intellectual que revela e pelo cynismo que ostenta.

Das festas, tudo estragado.

Nem a idéa, nem a execução trazem, n'um cunho de espontaneidade, os elementos de justificação.

Celebra-se um portuguez, dizem, e afinal quem apparece é o santo. E o santo que podia ser celebrado por orações sahidas dos labios dos seus devotos, é aclamado como um grande vulto cuja rememoração desse alento a um povo de pulhas, e incutisse fé a uma geração de vadios.

Gastam-se centos de contos n'uma exhibição fraudolenta de descaro caloteiro, em quanto os soldados, em Lourenço Marques, com quatro camisas e dois pares de cercoilas a cada praça, supportam o sol inclemente e succumbem ao calor humido.

Era bem melhor, porque era mais sério, que o pobre santo, que rasgava os pés nos penedos da praia, fazendo discurso aos peixes, tivesse uma veneração humilde nas almas, em lugar de andar a ser passeado, ás costas de mariolas encartados, pelas ruas de Lisboa.

Depois que cegueira n'aquella furia de sachristia... Vão-se á vida do consagrado e escondem tudo o que o homem teve de bom, para apresentarem tudo o que o santo teve de hypothetico.

Aquelle congresso catholico então é divino.

Cada um faz a sua falla, e passa-se adeante. Discutir, para que? A sociedade está de accordo. Alli não se vae procurar a verdade; já ha muito que está descoberta! O que se vae fazer é o trabalho de sapa emquanto por cima, a encobrir o ruido dos conspiradores, alguns santos varões fazem rhetorica. Tudo se pôz a postos, graças a Deus. Vieram rouxinoes de Italia, um velho estorninho de Hespanha e, para abrir o concerto d'aquellas aves celestias, trepou a um galho o papafigo d'Evora, desde tempos retirado ao silencio.

E por detrás de tudo, deitando a pista nos comedoiros da gaiola, a formosa Orleans.

Parece incrível que se consinta uma tão sordida e bordalenga exploração à sombra das crenças religiosas e da boa fé d'este paiz.

O primeiro a protestar contra este arraial de mariolas em férias deveria ser o clero independente e honesto, que ainda não trocou a estola pela jaqueta do aventureiro, nem transformou a sacristia em lugar de *coito immundo*. Que se faça d'uma religião a capa de especulações sujas é infame, mas tem-se visto.

Mas que para tudo isso se entere o dinheiro da Nação e se escolhe o bom senso d'um povo, é tão repugnante que não se encontra bem no quadro das expiações artigo que lhe seja bastante.

Está tudo isto a dar a vela. Nem dinheiro, nem credito, nem boa vontade, nem alma. Um deserto, —com lodo em lugar de areia. E lá ao fundo, luzindo, esperança que se não perde, a ingenuidade bondosa d'este bom povo.

É sobre esta ingenuidade bondosa que o sr. Burnay deixa cair uma dejeção fedorenta da sua alma.

É neste momento que sabe a fila reaccionaria para andar em exhibições grotescas tendentes a encobrir machinações criminosas.

E como ultima palavra de finança e de moral, para compôr tudo isto, levantar o credito, conservar as colonias e livrar-nos do diabo que os carregue a todos, sabe-se o congresso com esta:

As ordens religiosas!
Isto era só...

Antonio d'A.

Foi demittido do lugar de terceiro distribuidor do concelho de Coimbra, Antonio Correia da Silva.

Collegios dos orphãos de S. Caetano

Foram expostos hontem ao publico estes collegios, havendo uma grande concorrencia de visitantes. Entre estes notamos o sr. governador civil d'este districto, que tem revelado sempre o maior interesse pela Santa Casa da Misericordia, cujo engradecimento tem promovido dentro dos limites das suas attribuições.

Antes de serem expostos os collegios ao publico, teve lugar a distribuição dos premios, solemnidade que foi presidida pelo nosso querido amigo sr. dr. Manuel Dias da Silva, ex-provedor da Santa Casa e irmão benemerito, a

quem o actual provedor teve os mais rasgados elogios.

Antes da distribuição dos premios o sr. dr. Alves Moreira proferiu algumas palavras allusivas ao acto.

Foram premiados os seguintes alumnos dos dois collegios:

Bartholomeu Dias Gomes Pereira, Carlos Tito da Silva Lisardo, Lamartine Mendes Pimentel, Ismael Marques, Germano Martins Roque Santos, José Maria Antunes, José Silva Neves, Francisco Rodrigues Mingacho, Antonio Murta, José Maria Ferreira, João Augusto Ornellas, Manuel Villão, Joaquim Gonçalves, Julio Martins da Fonseca, Egidio da Silva, José Ferreira Gomes, Joaquim Rodrigues, Antonio Marcellino Murta e Jorge Alves.

Joaquina Henriques, Adelaide da Conceição, Maria Nunes, Leopoldina Relvas, Paula Augusta, Maria das Dores, Palmira Martins, Joaquina Henriques, Laura Judith, Teresa de Jesus, Izabel Mendes e Laura Pratas.

Festa do Santissimo

Hontem á noite, na Praça do Commercio d'esta cidade, reuniram-se milhares de pessoas para disfructarem as illuminações e o fogo preso, que a incansável mesa da irmandade do Santissimo Sacramento proporcionou á população de Coimbra.

O tempo, fresco e ameno, — ás vezes fresco de mais, — deu á festa uma animação desusada.

A philarmónica Boa-União tocou esmeradamente algumas peças alegres, e o fogueteiro mereceu applausos geraes pela boa qualidade e excellente effeito dos seus artefactos.

Hoje tem lugar a festividade religiosa, que deve ser imponente e deixar boas impressões, a avaliar pelos esforços para isso empregados pela digna e respeitável mesa.

Mesa da Santa Casa da Misericordia

Na proxima terça feira proceder-se-á a eleição da mesa da Misericordia. Consta-nos que se indigitão para provedor o sr. dr. Luiz da Costa e Almeida e para secretario o sr. dr. Porphyrio Antonio da Silva, e que estes nomes não soffrem opposição, sendo muito bem recebidos pela Irmandade.

O congresso catholico e a faculdade de Theologia

Está-se iniciando em certos jornaes, alguns por mais de um titulo suspeitos, uma nova scena na já longa questão entre a faculdade de Theologia, o bispo de Coimbra, a curia romana e o governo portuguez. E' o caso de nenhum dos illustrados lentes da faculdade assistir ao congresso catholico ultimamente realísado.

Explicam a falta de alguns professores, que tinham de discutir algumas

theses, pela exigencia de retractação de doutrinas ha annos expostas. Que a não representação da faculdade no congresso tem cabal explicação no facto de não ter sido convidada. Fallaremos.

Actos na Universidade

Nos dias 27 e 28 fizeram acto ficando approvados os seguintes alumnos:

FACULDADE DE THEOLOGIA

- 1.º anno—Rodrigo Augusto da Silva Guimarães.
- 2.º anno—Alfredo d'Almeida.
- 3.º anno—José Alves Correia da Silva.
- 4.º anno—Antonio Mourato Themudo.

FACULDADE DE DIREITO

- 1.º anno—Lourenço de Mattos Cordeiro, Luiz Osorio da Gama e Castro Oliveira Baptista, Luiz Teixeira de Macedo e Castro e Macario da Silva.
- 2.º anno—Valentim Augusto da Silva, Antonio Luiz Vaz, Primo Firmino do Nascimento Frazão, Manuel de Gouveia Osorio, Carlos Fuzzeta, Antonio Alexandre de Mattos, Antonio Saro da Cunha e Antonio Joaquim Gomes Lemos.
- 3.º anno—João Maria Tudella d'Amorim Pessoa, João Mendes de Vasconcellos, Joaquim Adriano Velloso d'Abraucos, Joaquim Festas Picango e Joaquim Martins d'Araujo.
- 4.º anno—Fernando Maria de Sousa, Fortunato d'Almeida Pereira d'Andrade, Francisco Antonio Bayão Taquenho e Francisco José d'Oliveira Valle.
- 5.º anno—José Bento de Novas Peixoto, José Ferreira Marnoco e Sousa, José de Jesus Joaquim d'Araujo e José Joaquim da Rocha.

FACULDADE DE MEDICINA

- 1.º anno—Lino Ferreira e Alfredo Machado.
- 2.º anno—Manuel Vicente d'Abreu e José Joaquim Fernandes.
- 3.º anno—José Correia Dias e Manuel Diogo de Sousa Valladares, doutores pela faculdade de Paris.

FACULDADE DE MATHEMATICA

- 1.º anno—Obrigados: Francisco Pedro de Jesus, José Augusto Serra de Campos, Antonio d'Oliveira, Eduardo da Silva Pereira, Amílcar Augusto Queiroz de Sousa, Francisco d'Almeida Pessanha, Luiz d'Oliveira e Illydio d'Aquino.
- 2.º anno—Ordinario: Francisco Barbosa Falcão d'Azevedo. Obrigados: Joaquim José Cerqueira da Rocha e Alvaro de Lima Henriques.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

- 1.ª cadeira (chimica inorganica)—Obrigados: Manuel Rodrigues da Cruz, Annibal Dias. Voluntario: José Sebastião Egas d'Azevedo e Silva.
- 2.ª cadeira (chimica organica)—Ordinarios: José Joaquim Pereira dos Santos Motta e Luiz Caetano Pereira Guimarães Junior. Obrigados: Adelino d'A-

raujo Lacerda e Alexandre Pereira de Assis.

3.ª cadeira (physica, 1.ª parte)—José Falcão Ribeiro, Antonio Alexandre Ferreira Fontes. Obrigados: Francisco Tello Gonçalves.

4.ª cadeira (botanica)—Ordinario: Antonio Affonso Maria Vellido Alves Pereira da Fonseca.

6.ª cadeira (zoologia)—Ordinarios: Americo Manuel da Conceição Mattos dos Santos e Pedro Joyce Diniz. Obrigados: Alfredo Ferreira Christina e Amandio Gonçalves Paul.

CURSO DE PHARMACIA

1.º anno—Francisco da Silva Amorim, Francisco Antunes e Julio Ferrão de Carvalho.

Bibliographia

Perfis contemporaneos—Recebemos o 2.º n.º d'esta publicação. Traz o retrato da sr. duquesa de Palmella e um esboço biographico pelo sr. João da Camara.

A impressão é esmerada. O resto parece tudo do sr. João da Camara, com colaboração do Lorjô... *Suicidio & Pantano*.

Saiu o 1.º numero do *Reclame*, almanach mensal. O summario é o seguinte:

Artigo acerca da vida de Santo Antonio—Calendario—Tabella das marés, nascimentos e occasos do sol—Agricultura e jardinagem—Horas da partida e chegada dos comboios—Recetas uteis—Anecdotas—Poesias, etc., etc., e uma variada secção de annuncios.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 14 de junho de 1895.

Presidencia do bacharel Ruben Augusto d'Almeida Araujo Pinto, vice presidente.

Vereadores presentes:—João da Fonseca Barata, Manuel Miranda, Antonio José Dantas Guimarães, Joaquim Justiniano Ferreira Lobo, effectivos.

Presente tambem o administrador do concelho, bacharel José Miranda.

Apresentando-se na sala á abertura da sessão o thesoureiro privativo do municipio, João de Sousa Bastos, nomeado em concurso a 6 do corrente mez, accitou a Camara a caução de 4.000\$000 réis, offerida por elle e constituida em dois predios—uma casa no largo do Poço e um quintal na rua da Magdalena, descriptos na respectiva matriz.

Mandou prestar juramento e conferir a posse ao nomeado, assignando seus paes a escriptura de caução.

Procedeu em seguida, por se achar presente o interessado, a uma justificação requerida pelo pae de um mancebo, recenseado para o recrutamento do corrente anno.

Lida depois a acta da sessão ordinaria do dia 6 do corrente mez e retirando-se da sala o vereador Manuel Miranda no fim da leitura, foi levantada a sessão pela presidencia, por ficar a camara em minoria, deixando sobre a mesa aquella acta, sem que fosse votada a sua approvação.

Presidencia do bacharel Ruben Augusto de Almeida Araujo Pinto—vice presidente.

Vereadores presentes: João da Fonseca Barata—Manuel Miranda—Antonio José Dantas Guimarães—Joaquim Justiniano Ferreira Lobo, effectivos; e José Correia dos Santos, substituto.

Foram approvadas as actas dos dias 6 e 14 do corrente, sendo apresentado um protesto do vereador Barata, relativamente á primeira d'ellas.

rei, feito parte da côrte da ramha; dispunha-se a passar a fronteira quando um lavrador de um dos seus domínios o prendeu para o entregar á justiça...

Fouquier-Tinville foi breve. Ás tres ou quatro perguntas do presidente, o accusado respondeu com sim e não.

—Não! respondeu quando lhe perguntavam se tinha escolhido defensor.

O presidente nomeou-lhe um defensor *ex-officio*, que, depois de poucas palavras se limitou ao *fiat justitia*.

Os jurados decidiram por unanimidade a pena de morte.

O senhor duque saiu, de cabeça alta, por entre os rancores da assembleia. Um grupo de mulheres estava á porta.

—Até á vista, lá em baixo! gritou uma d'ellas mettendo-lhe os punhos á cara.

Elle desviou a cabeça sem olhar, e continuou o seu caminho.

Chegou a vez de Jane.

Esta formosa mulher, levantando se, voltou-se e percorreu com a vista toda a sala.

Ninguem.

Era verdade. Henrique chegaria tarde. Restava-lhe resignar-se a morrer.

A eminencia do perigo, deu-lhe o sangue frio, a dignidade e a altivez de que carecia.

O relatório da accusação reproduzia as principaes queixas do pamphleto de

Entrando na sala o administrador do concelho e fallando a presidencia acerca do orçamento supplementar ao ordinario do corrente anno, e com referencia a umas considerações que apresentou por escripto, como que obrigações a desempenhar pelo facultativo que fór provido em concurso no partido medico d'esta cidade, foi aquelle orçamento approved, com o voto em contrario do vereador Barata, assim como aquellas considerações que fizeram constituir uma proposta da presidencia.

Mandou pagar as despesas feitas pela commissão do recenseamento eleitoral em maio do corrente anno, na somma de 110\$756 réis.

Resolveu descontar o vencimento de tres dias a cada um dos vigias n.º 10 e 14 por irregularidades no servico e pelo mesmo motivo um dia a cada um dos n.º 9 e 17.

Mandou enviar para juizo uma participação de um bombeiro municipal por virtude d'insultos recebidos no acto de um incendio.

Mandou vedar por meio de um tapume de madeira parte do muro que desabou no cemiterio de S. Martinho do Bispo, auctorisando a limpeza dos terrenos.

Attestou acerca de nove petições para subsidios de lactação a menores.

Auctorisou o pagamento de 1:650\$000 réis ao Banco Commercial de Lisboa, para amortisação d'emprestimos.

Mandou pagar a quantia de 40\$000 réis ao empregado Antonio Delphino Augusto de Moraes, pelos servicos que prestou na thesouraria da camara desde fevereiro, depois do fallecimento do thesoureiro Gonzaga.

Mandou pagar a quantia de 2\$335 réis ao fornecedor de lenha para as machinas das aguas.

Transferiu o cantoneiro encarregado do cantão n.º 3 da estrada de Coimbra a Montemor-o-Velho para o cantão n.º 2 da mesma, nomeando interinamente para aquelle cantão n.º 3, Francisco Arzileiro, da Crugeira.

Resolveu pedir ao commissario de policia para mandar vigiar que se não destruam os mares fontanarios que existem em diferentes pontos da cidade.

Mandou pintar o coreto do Caes, levantando-lhe a cupula.

Mandou collocar mais seis bancos no Caes junto ao coreto e concertar os que existem nos diferentes largos da cidade.

Mandou orçar a despeza a fazer com a reparação de duas fontes na Cruz dos Mourouços.

Auctorisou algumas avenças para consumo d'agua.

Auctorisou alguns pagamentos de obras executadas na primeira quinzena de junho.

Apresentadas pela presidencia duas propostas:—uma (postura), com respeito ao servico de feiras e mercados e venda ambulante de generos pela cidade e outra relativa ao fornecimento e venda de leite—ficou sobre a mesa a primeira d'ellas para ser opportunamente discutida, nomeando-se uma commissão de tres vereadores para dar sobre ella o seu parecer, e resolveu-se ouvir sobre a segunda a junta de saude do districto e a commissão central de tuberculose.

Tomou conhecimento da correspondencia recebida e despachou requerimentos, auctorisando a canalisação de esgoto d'agua de uma casa na rua do Corpo de Deus; o pagamento de vencimentos de um vigia dos impostos e de um cantoneiro, fallecidos; o estabelecimento de uma linha telephonica entre o Castello e a rua Sá da Bandeira; a collocação de tabelas e bandeiras em diversos estabelecimentos; a trasladação de ossadas dentro do Cemiterio da Conchada e a collocação de signaes funerarios em sepulturas; o deposito de ateiros no talude da rua de Sá da Bandeira, sem prejudicar os terrenos pertencentes ao Estado; a abertura de uma serventia em terreno particular em Castello Viegas; a substituição de cantarias em uma casa na rua de Quebra Costas; reparos em uma casa no Terreiro da Erva, sem alteração da frontaria; a construção de uma parede no lugar do Sobral, sem occupação de terreno publico; a construção de uma casa nas Vendas de Ceira sobre os aliceres de ha muito ali feitos; e a illuminação a petroleo do lugar de Santo Antonio dos Olivares e do espaço que medeia entre este lugar e o de Cellas.

Camillo Desmoulin contra os Bissolins e os deputados da Gironda.

Tinham votado contra as medidas de salvação publica na Convenção; tinham enviado uma proclamação aos departamentos, conspirado contra a unidade da Republica; eram os maiores inimigos da liberdade.

Ora, as almas, os maus genios d'estes contra revolucionarios, eram as mulheres em casa de quem elles se reuniam, que os animavam nas suas resoluções liberticidas, que se mostravam tanto mais inimigos de Estado, quanto menos o Estado se importava com a sua vida ociosa e os seus costumes relaxados. As salas da cidadã Roland era uma Cápua. Allí se reuniam os conciliabulos contra os comités, se urdiam os tramas secretos, se organisava o Federalismo. D'alli partiam as excitações á guerra civil, e se alimentava o odio entre os cidadãos.

Em nome da philantropia, da justiça, da humanidade, o tribunal devia punir estes culpados, e é por esse motivo que o accusador publico pedia a condemnação da cidadã Bernard, attendendo a que a Convenção mandara perante o tribunal do povo os deputados de que ella havia sido inspiradora e cumplice.

O presidente interroga a accusada.

(Continúa).

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

VII

O TRIBUNAL REVOLUCIONARIO

Quando compareceu diante do tribunal juizes e jurados ficaram comovidos.

Os juizes eram cinco. Dez jurados sentavam-se á direita. O accusador publico, de pé, ficava á esquerda.

O accusador era Fouquier-Tinville, o magistrado, não da Revolução, mas de Terror—um magistrado á altura da sua missão, como Robespierre, Danton, Camillo Desmoulin, os homens de Estado, os oradores, os escriptores da Convenção, estavados á altura da sua.

Antigo procurador do Chatelet no tempo da monarchia, Fouquier tinha passado uma mocidade agitada; dissipando a sua fortuna, viu-se na necessidade de alugar a sua intelligencia. Pae de familia, sem recursos, foi recommendado a Danton quando ministro da justiça, por o seu parente Camillo Desmoulin. Espirito forte, activo, cheio

de recursos, foi muito apreciado pelos homens d'esse tempo. Quando a Convenção criou o tribunal revolucionario e fez a nomeação dos seus membros, pensaram logo n'elle para as funções de accusador publico.

Cabeça redonda, cabellos negros e corredios, a fronte estreita e pallida, os olhos brillantes, redondos e pequenos; o rosto theio e bexigoso, tinha uma expressão de olhar que incommodava.

Quando se dispunha a fallar, carregava a sobrancelha e enrogava a fronte. A voz era forte, rúde e ameaçadora.

Apaixonado e brutal, empregava este sentimento para conseguir a punição dos attentados contra a Republica; quanto á sua brutalidade, mostrava-a tanto para com os accusados, como nas suas relações particulares. Bebia com os jurados nos botequins; fallava livremente com os notarios e porteiros. Para descansar do trabalho excessivo das accusações e interrogatorios, ia banquetear-se com a gente baixa dos arrabaldes.

Era o mais temivel dos homens,—porque para elle todo o accusado era um culpado, e assim o vemos accusar por sua vez a ramha, os Girondinos, e o proprio Danton e Robespierre, que tinham sido seus protectores.

Era a incarnação do tribunal revolucionario, a vingança transformada em

lei, para accusar alguém, lançava-lhe a suspeita de querer pôr obstaculos á vontade do povo.

Quanto ao tribunal, as suas formas eram as mesmas dos tribunaes ordinarios: a Convenção, por meio dos comités, expedia os processos; o accusador publico fazia o relatório; o accusado era interrogado em audiencia publica; depois, vinha a inquirição das testemunhas, o interrogatorio, a defeza, o summario do presidente; os jurados julgavam do facto; os juizes applicavam a pena.

O caracter revolucionario do tribunal era a suppressão da instrucção do processo e da apellação. Mas a Convenção tinha na lembrança os dias de setembro e os julgamentos summarissimos dos tribunaes improvisados então. Creando o tribunal revolucionario, attendeu ás necessidades politicas, prevenindo, com julgamentos rapidos, as coleras sempre crescentes da multidão.

Os jurados, jacobinos na sua maioria, devotados á causa do povo até á crueldade, não queriam ser injustos; condemnavam, mas absolviam tambem. Nos seis mezes de abril a outubro de 1793, de 196 accusados, 96 foram condemnados á morte, vinte e cinco a outras penas e 89 absolvidos.

O sr. duque era d'aquelles que o tribunal não absolvía. Tinha occupado grandes cargos da corôa, servido o

AFFONSO COSTA

OS PERITOS NO PROCESSO CRIMINAL

(Legislação portugueza; critica; e reformas)

Preço 700 réis

Foi posta á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra esta obra, de que é editor o sr. Manuel d'Almeida Cabral. Este livro é indispensavel aos magistrados, advogados e peritos que tenham de intervir em qualquer processo criminal

Acaba de ser posto á venda nas mesmas livrarias:

A EGREJA E A QUESTÃO SOCIAL

Crítica da encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios

Com um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica

Preço 1:000 réis

(1.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito da comarca de Coimbra e na acção de processo ordinario que Bernardo dos Santos Arranjo e mulher Joanna da Rosa Pimenta, proprietarios, moradores em Falla, movem contra Joaquim Candeias Ferreira e mulher Luiza Pereira Cavellas, proprietarios, dos Cazares do Campo, Manuel Gaspar da Rosa e mulher Ignéz Mathias, da Crujeira, Manuel da Costa Alhão e mulher Maria Bugalha, da Espadaneira, e Joaquim Arzilleiro e mulher Maria Mathias, proprietarios, de Pé de Cão, correm editos de 60 dias, a contar da publicação do ultimo annuncio, citando o réo Joaquim Arzilleiro, casado, proprietario, morador que foi em Pé de Cão, e actualmente residente em parte incerta no Brazil, para na 2.ª audiencia d'este juizo, depois da citação e findo aquelle prazo, ver accusar esta e assignar-lhe o prazo de 3 audiencias para contestar e seguir os demais termos até final, sob pena de revelia.

As audiencias n'este juizo fazem-se ás segundas e quintas-feiras de cada semana, não sendo dia santo ou feriado, porque n'esse caso, fazem-se no dia immediato.

Verifiquei.

O juiz de direito,
Neves e Castro.

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum.—Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito **exclusivamente para venda por atacado**, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º—Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

A' venda em todas as principaes pharmacias e drogarías.

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOS

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Coróas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

Arrendamento

16 Arrenda-se do S. Miguel em diante a casa n.º 10 na rua de S. Pedro com frente para a rua da Trindade. Para tratar com Domingos J. Gomes, rua do Visconde da Luz 102 a 106.

ESTAÇÃO DA MODA

DOMINGOS JOSÉ GOMES

102, Rua do Visconde da Luz, 106

COIMBRA

15 Acabam de chegar a esta casa:

Chapeus redondos para senhoras e crianças.
Ditos capotas, ultimos modelos.
Fazendas proprias para vestidos.
Capas romeiras, a principiar em 15000 réis.
Meias e piugas de fio de escocia.

Voiles, tanto liso como em ramagem.

Zephires, muito chics.

Fazendas enfeitadas para vestidos, a principiar em 240 réis.

Sombrinhas, para senhoras e crianças.

Enviem-se amostras a quem as pedir.

Encarrega-se de mandar la var luvas, pelo preço de 160 réis.

Julião A. d'Almeida & C.ª

20 Rua do Sargento Mór, 24

COIMBRA

14 Neste antigo estabelecimento cobrem-se de novo guarda-soes com boss sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem tem lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento vendem-se magnificas armações para guarda-soes, o que ha de mais moderno.

Tubos para pulverisadores de vinhas, vendem-se na Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

Arrenda-se

13 2.º andar e aguas furtadas de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades. Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

Aos srs. Contribuintes

12 Termina no proximo mez de julho o prazo para a cobrança voluntaria da 2.ª prestação de contribuição predial e 3.ª prestação de contribuição industrial para o anno de 1894.

Trespasse

11 Antonio dos Santos Pereira, trespassa ou arrenda o seu estabelecimento de mercearia e taberna sita no largo das Ameias, (por baixo do hotel Mondego) com frente para o mesmo largo e para a rua da Sotta.

O motivo do trespasse é por ter outros negocios a tratar e não poder estar á testa d'elle.

10 **LUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE** as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

ESCRITURARIO

9 Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerece o seu prestimo por modica retribuição.

Quem precisar queira dirigir-se á *Casa Havana*, onde lhe serão prestadas todas as informações.

Casa com quintal

8 Arrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma ra rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

7 **MANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES** arrenda a sua casa, do S. João em diante, ao porto dos Benos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia. Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

Praticante de Pharmacia

6 Precisa-se d'um com alguma pratica, para uma villa proxima de Coimbra.

Informações na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

LEITÕES

5 De pura raça ingleza de 8 semanas, vendem-se na quinta da Conraria, ao preço de 2 a 3 mil réis.

VINHO ANALEPTICO

DE

A. GUERRA

Util nas convalescenças, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tónico reconstituinte de efeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo. Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

Vinho de meza sem composição

3 Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 110 e 120 réis o litro. Vinho do Porto a 240 e 300 réis o litro.

Grande quantidade de vinho de Carcavellos, Bucellas, Colares, etc., cognac Martell legitimo, e muitas outras bebidas, tanto estrangeiras como nacionaes. Preços excessivamente baratos.

Deposito de enxofre e sulphatos de cobre, com grande desconto para revender.

Pulverisadores «Figaro» pelos preços do Porto, sem despeza de transporte.

Encontra-se na mercearia do proprietario do mesmo Café, rua do Corvo, n.º 9 e 11.

A. Marques da Silva,

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000

Fundo de reserva 225.000\$000

2 Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias ou estabelecimentos, assim como seguros maritimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

Arrenda-se

1 Do S. Miguel de 1895, em diante, a casa n.º 1, na rua das Colchas, com frente para o paço do Bispo; bem como, as respectivas lojas. Tem boas commodidades.

Para tractar, com Joaquim Augusto Preces Diniz, rua Visconde da Luz, n.º 72—Coimbra.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680
Sem estampilha:
Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM—BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Grande Hotel Club

Magnificas accomodações

Desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas sajas com douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Vlagem—Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear—e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarías e no **Deposito geral—Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.